

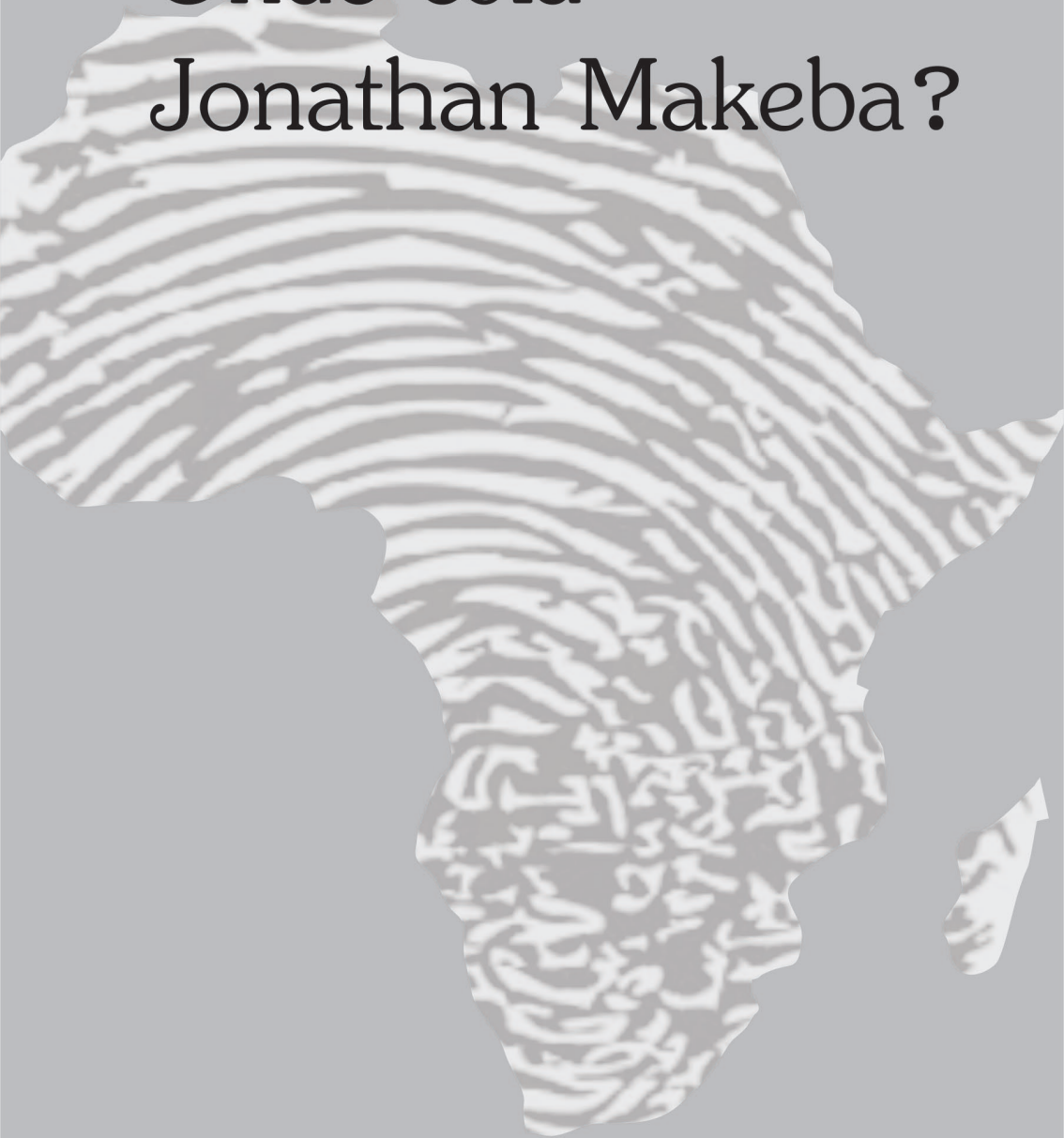
Altair Maia



Onde está Jonathan Makeba?

Onde está

Jonathan Makeba?



Onde está Jonathan Makeba?
Copyright @ by Altair de Sousa Maia
A reprodução total ou parcial deste volume é permitida, desde que
citada a fonte. E-mail para contato: altair2001@yahoo.com

Endereço.
Av. Abolição, 2666 # 03
60165-080 – Fortaleza – Ceará - Brasil.

Diagramação e Projeto Gráfico
Risoleta Hilário

Maia, Altair de Sousa.

Onde está Jonathan Makeba? / Altair de Sousa Maia.

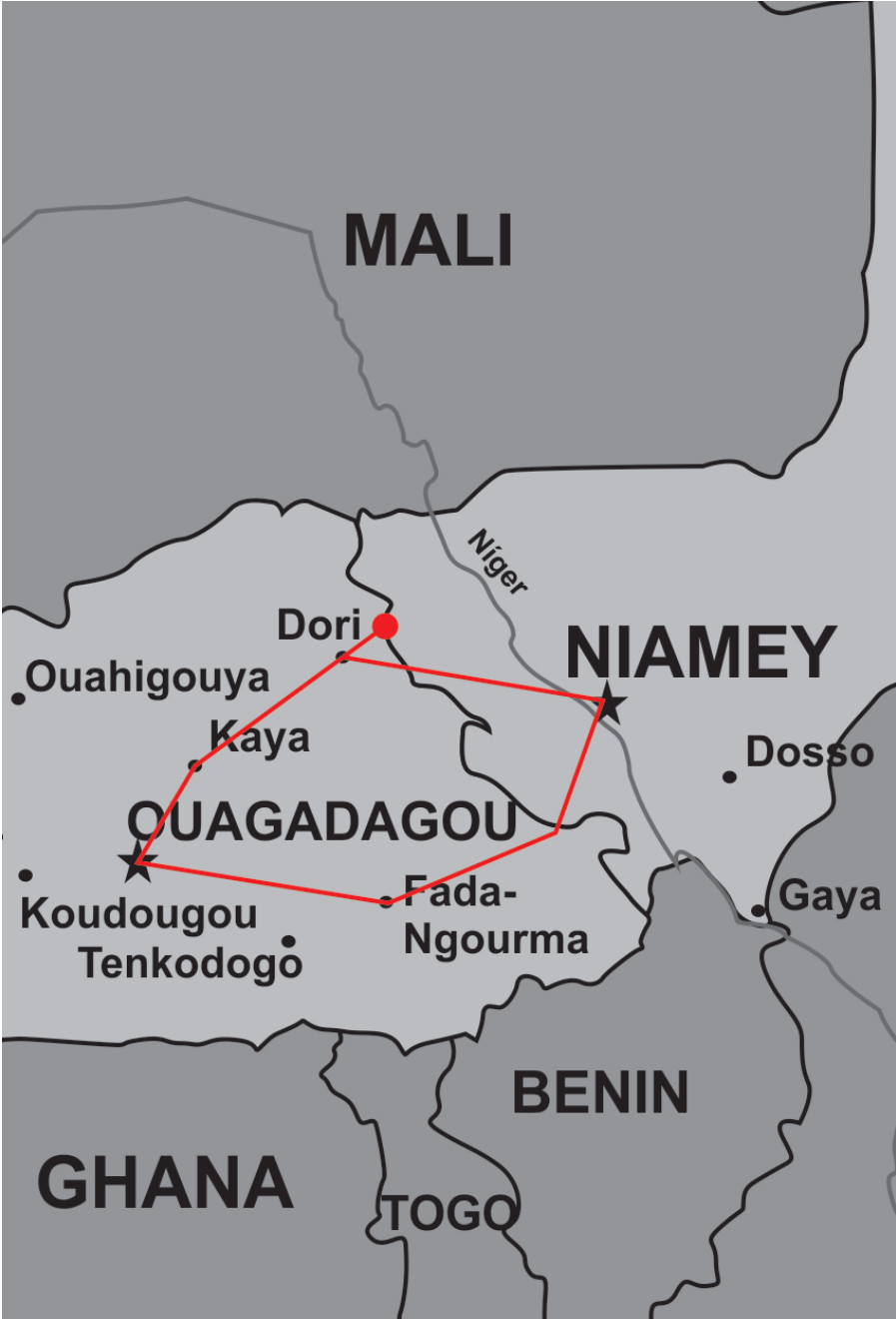
Fortaleza – CE – Brasil.

175 p.

1 – África. 2 - Baobá. 3 – Comércio Exterior. 4 – Negócios.

ISBN (em obtenção)

CDU (em obtenção)



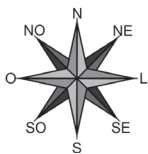
Este livro é dedicado aos meus filhos.
Contrapontos da minha existência.

E a todos que, de uma forma ou de outra,
Contribuíram para a elaboração desta história.

Sumário

Introdução	9
Um e-mail; um convite	11
O primeiro contato.....	13
Conhecendo um projeto para a África.....	17
Finalizando os detalhes da viagem.....	32
A reunião na Canadá Phosphates.....	35
Embarcando rumo a um sonho.....	43
Considerações sobre o momento econômico da África.....	45
Colorindo um retrato em preto e branco	51
Por quem os sinos dobram	60
Informações confidenciais.....	63
A chegada a Ouagadougou	71
O Burkina Faso e o Níger – A costa Oeste da África.....	77
O Sahel africano	81
Uma zona em permanente conflito.....	85
O primeiro dia de trabalho no Burkina	87
O futuro do projeto ou Um projeto sem futuro	96

Confirmando o blefe.....	98
A viagem ao Níger	100
Uma reunião alegre em Niamey	103
O senhor Makeba veio ao jantar	105
Visitando o projeto Burkina Société Mini�re - BSM	111
Conclusões inconclusivas.....	121
Jantar s� � melhor que mal acompanhado.....	124
Encontro revelador	126
O Baobá.....	135
O telefone toca na madrugada.....	138
A fuga do Burkina.....	140
O apoio do senhor Stuart	142
Decolando rumo a Paris	144
Um líder africano nas ruas de Paris.....	148
O injusto sono dos justos.....	151
Uma rea�o inesperada	155
Despedindo de Paris.....	159
Final	161





Introdução

Jonathan Makeba é um personagem real.

Ele é resultado da composição de homens e mulheres do bem, nascidos na África e que lutam ou que lutaram pelo desenvolvimento dos países do continente, aos quais tive o prazer de conhecer.

O século XX - o século da independência africana - viu surgir novas lideranças políticas, nos mais diversos pontos do continente. Às vezes em países minúsculos como a Guiné Bissau, outras vezes em países gigantescos como o Congo, Moçambique ou a África do Sul.

A liderança de Jonathan Makeba, na pobre e miserável região fronteiriça entre o Burkina Faso e o Níger, vem carregada de princípios éticos e embasada em sólidos conceitos econômicos que buscam a inserção de toda a região do Sahel na economia globalizada.

Da mesma forma “o lado do mau”, personificado nos diretores da Burkina Société Minière, também é real. Alias esse lado é, certamente, em muito maior numero. Se nessas andanças africanas conheci dez pessoas do bem, conheci pelo menos o dobro do mau, tanto na África quanto fora dela.

As situações de intriga, às vezes de perigo e de corrupção, também são reais. Nomes, cargos, locais etc., foram trocados ou alterados em função de se preservar a identidade dos atores em cada situação.

Também é real o pensamento do autor sobre as alternativas econômicas para o desenvolvimento da África, que permeiam todo esse livro. São ideias apresentadas em artigos, livros e palestras do autor em



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

diversos foros, instituições e universidades.

Por último, e para encerrar essa introdução, o Continente Africano também é real; com seu atraso; suas riquezas; suas mazelas; sua história e seu povo sofrido; esse sim é mais real e concreto que nunca.

E os Baobás, testemunhas vivas da história que a tudo assistem, estão lá, espalhados por toda a Savana Africana



Um e-mail; um convite

From.: fertilizersinc@gmail.com

To.: altair2001@yahoo.com

Subject.: Seu apoio.

Prezado Senhor Maia.

Somos uma empresa de mineração, com sede nos Estados Unidos da América, e interesses globalizados.

Temos unidades mineradoras em diversas partes do mundo e participamos de negócios do setor agrícola nos cinco continentes.

Neste momento estamos interessados em desenvolver um projeto de mineração na África Central, cujas negociações já estão bastante avançadas.

Gostaríamos de contar com seus serviços na elucidação de alguns problemas que estamos enfrentando naquela região.

Em sendo possível, entre em contato com nosso escritório em Nova York para agendarmos uma primeira reunião.

Atenciosamente,

J. Cunningham

Fertilizers Inc.

NYC



O primeiro contato

Numa fria manhã de primavera eu desembarquei no Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova York. A minha espera um senhor vestindo uma jaqueta azul-marinho com um emblema da FERTILIZERS INC. Segurava uma plaqueta com meu nome.

- Bom dia Senhor. Eu sou Altair Maia.

- É um prazer conhecê-lo senhor Maia. Boa viagem?

- Sim. Um voo muito tranquilo.

E assim fomos conversando sobre o trânsito, o tempo etc.

Em pouco mais de uma hora estávamos no escritório da Fertilizers Inc, na Quinta Avenida, em Manhattan.

Confesso que estava bastante ansioso com a possibilidade dessa nova viagem ao Continente Africano. Queria conhecer detalhes daquele projeto na África Central.

Nos últimos anos tenho realizado dezenas de viagens ao Continente Africano como consultor econômico. Meus clientes são empresas nacionais ou estrangeiras, com interesses comerciais nos países africanos.

Ando pelas “cinco” Áfricas (*), tendo já percorrido mais de trinta, dos cinquenta e três países que compõem o continente.

(*) Geograficamente a África é dividida em cinco regiões: a África do Norte; a África Ocidental; a África Centro-Ocidental; a África Centro-Oriental e a África Meridional.



Os negócios que desenvolvo são os mais variados possíveis; vão desde a simples exportação de produtos acabados ou a importação de matérias-primas, até a introdução de tecnologias modernas como os “chips” para telefonia e cartões de crédito para o sistema bancário. Atuo também como consultor para alguns governos africanos que desejam maior aproximação com o Brasil.

Essas andanças pela África me renderam um apelido bem sugestivo: “Maia, o africano.” Essa “comenda” me foi outorgada pelo presidente do Benin, numa das visitas que fiz àquele país.

Pelos laços sanguíneos, culturais, religiosos e outros menos tangíveis, sinto-me muito bem andando pelo continente africano; como alguém que visita algum lugar e tem a sensação de retorno.

Desnecessário dizer da alegria que sinto quando se avizinha alguma viagem a essa minha “segunda casa”.

Estava tão absorto em meus pensamentos, que mal percebi quando a secretaria me chamou.

- Senhor Maia. Por aqui, por favor.

Levantei-me prontamente, ajeitei o paletó e a segui por um corredor largo, decorado com fotos de jazidas, máquinas mineradoras, caminhões enormes transportando terra, navios sendo carregados etc.

Entramos numa sala relativamente grande, finamente decorada com temas outros que não mineração. Eram quadros ou réplicas de artistas famosos. Ao fundo, atrás da “cadeira do presidente” alguns quadros com retratos; provavelmente dos fundadores da Fertilizers. Um tapete cinza extremamente macio, mesa e cadeiras bastante confortáveis, completavam o ambiente.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Na sala havia três pessoas, que se levantaram quando entrei.

- Bom dia Senhor Maia. Eu sou John Cunningham, presidente da Fertilizers. Este é o senhor Sallinger, meu assistente na área internacional. Esta é a Srta Kate que vai nos assessorar.



Conhecendo um projeto para a África

O senhor Cunningham era de estatura mediana, de porte atlético, e aparentava uns cinquenta anos ou um pouco mais. Os cabelos claros já se apresentavam escassos. A tez avermelhada denunciava alguma ascendência irlandesa ou escocesa, provavelmente. Um dos retratos na parede guardava enorme semelhança com o senhor Cunningham, seria certamente de seu pai ou seu avô.

O senhor Sallinger era branco, baixo e atarracado, com cabelos negros e óculos de armação negra e grossa. Lembrou-me o senhor Henry Kissinger, Secretário de Estado do governo Richard Nixon, que negociou a paz no Oriente Médio.

A Srta Kate, com pouco mais de trinta anos (presumíveis), tinha os cabelos negros e lisos. Óculos de armação escura e fina emolduravam um rosto bonito e ainda jovial.

- Bom dia Senhor Cunningham. Bom dia senhores! Para mim é um grande prazer estar aqui na Fertilizers. Confesso que fiquei surpreso com o convite, e ansioso para conhecer o projeto dos senhores na África.

A recepção fora bastante calorosa e senti uma verdadeira empatia por estar ali, para discutir algo que se tornara bastante comum para mim nos últimos dez anos: temas relacionados à África.

Primeiramente fizeram uma explanação sobre as atividades da Fertilizers e de suas filiais e empresas consorciadas em diversas partes do mundo. A empresa extrai, processa, embala e exporta adubos minerais



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

de diversas partes do mundo para diversas partes do mundo. Tem uma filial no Brasil e explora duas minas.

O ponto forte da empresa é a venda de fertilizantes acabados, prontos para serem utilizados na agricultura. Em um grande mapa mundi, projetado num telão, o senhor Sallinger foi mostrando as indústrias da Fertilizers nas Américas, na Europa, na Ásia e na Oceania. Em cada ponto que existia uma fábrica, o senhor Sallinger explicava o que ela produzia e para onde era exportado o produto final.

O controle total da produção e venda, de cada unidade produtora, é feito daqui de Nova York. Apesar da independência financeira de cada unidade a determinação do quanto produzir; como produzir; a que preço vender e para quem vender é da casa matriz, disse o senhor Sallinger.

Em pouco tempo eu conheci uma das maiores empresas de fertilizantes do mundo; talvez a maior.

Poucos minutos depois estávamos focados no assunto que havia me trazido até ali. Uma mina de fosfato (*) no Burkina Faso, África Central.

- Pouco mais de um ano atrás iniciamos negociações com um grupo no Burkina Faso para exploração de uma mina de fosfato, continuou o senhor Sallinger.

Como o senhor pode verificar senhor Maia, o fosfato é o “carro chefe” da Fertilizers. Trabalhamos com outros fertilizantes, mas o fosfato é o “nosso negócio”.

(*) O termo “fosfato” designa rochas que contenham íons de fosfato.

Na agricultura o fosfato é utilizado como fertilizante. É extraído de rochas sedimentares.



Esse novo negócio nos chegou pelas mãos do Senhor Jonathan Swift Makeba, presidente de uma pequena empresa de mineração agrícola no Burkina Faso. A empresa se chama **Burkina Société Minière – BSM**. Eu poderia dizer que ela existe apenas no papel. Sua produção é quase nada. Toda a evolução dessa empresa vai depender de nossa decisão de avançarmos ou não com essa parceria.

O senhor Jonathan nos apresentou mapas detalhados de toda a região e estudos técnicos do potencial de produção de fosfato na fronteira com o Níger. Essa mina está localizada exatamente na região limítrofe entre o Burkina e o Níger, dois dos países mais pobres do mundo.

- De fato senhor Sallinger – retruquei. Além de ser dos países mais pobres do mundo, a região limítrofe entre Burkina e o Níger, é mais pobre ainda e, cá entre nós, uma das mais perigosas de toda a África.

- Pois é senhor Maia! E toda essa pobreza está cercada por um imenso lençol de fosfato que, se bem explorado conforme pretende o senhor Jonathan, pode trazer riqueza e desenvolvimento para toda a região. Não somente para Burkina, mas para o Níger também.

Cito constantemente o Níger porque parte da jazida, cerca de trinta por cento, está em território Nigerense, do outro lado da fronteira.

O senhor Jonathan costurou muito bem um acordo com o governo do Níger, acenando com a possibilidade da instalação de uma indústria do outro lado da fronteira, provavelmente de embalagens, para atender a fábrica de processamento de fosfato.

Criando uma empresa com interesse dos dois lados da fronteira o senhor Jonathan evitou o que chamamos de concorrência predatória, pois vendo uma fábrica se instalar no Burkina o governo do Níger certamente incentivaria alguma outra empresa de mineração a se instalar



em seu território. Duas fábricas do mesmo produto, a menos de cinco quilômetros uma da outra, geraria uma concorrência não muito saudável para a rentabilidade de nosso projeto.

Pelos acordos costurados pelo senhor Jonathan, o fertilizante produzido no Burkina poderia entrar no Níger sem o pagamento de impostos, o que certamente provocaria uma expansão na agricultura daquele país.

As receitas que o governo do Níger deixaria de arrecadar, com os tributos na importação do fertilizante, seriam compensadas pelos royalties que pagaríamos pela exploração da mina.

A região fronteiriça seria transformada numa Zona de Processamento Industrial, uma Zona Franca, com livre trânsito de pessoas e de mercadorias. Há diversos exemplos de sucesso de zonas como essa, espalhados pelo mundo.

- Senhor Maia, esse é o motivo que o trouxemos aqui, disse o senhor Cunningham, retomando a palavra.

Já fizemos algumas incursões pela África. Temos pesquisado bastante a respeito de projetos bem e mal sucedidos em diversos países africanos, onde poderíamos fazer algum investimento. As circunstâncias nebulosas em que alguns projetos fracassam ou fracassaram na África, criaram na Fertilizers uma firme determinação de não fazermos qualquer investimento ali.

Porém, o projeto apresentado pelo senhor Jonathan, e o próprio senhor Jonathan, eram tão consistentes, que resolvemos abrir uma exceção. Além do mais, a qualidade e o potencial das reservas dessa mina é coisa para décadas de trabalho.

O projeto apresentado pelo senhor Jonathan não era



simplesmente extrair e exportar fosfato. Era muito mais amplo que isso, com implicações no próprio desenvolvimento do país.

O senhor Jonathan nos apresentou um projeto integrado de extração, processamento, exportação e atração industrial para a região. As indústrias que seriam atraídas por esse projeto, poderiam se instalar em ambos os lados da fronteira.

Essa pobre e miserável região fronteiriça se transformaria numa região de franco desenvolvimento, em pleno coração da África. Em plena faixa do Sahel africano.

Pelos acordos governamentais costurados pelo senhor Jonathan haveria o estabelecimento de royalties sobre a receita de todas as empresas, e esses recursos financeiros seriam utilizados para o desenvolvimento sócio/cultural da sociedade como um todo, com escolas, computadores, bibliotecas e centros de cultura.

Haveria também escolas técnicas, principalmente para o desenvolvimento do empreendedorismo, com a realização de cursos técnicos na área agrícola e de gestão, na área comercial.

Num país pequeno como Burkina, um projeto dessa envergadura altera todo o ritmo econômico da sociedade. Somente a parte relativa à extração do fosfato geraria mais de mil empregos diretos. A indústria de processamento geraria outro tanto.

As pequenas indústrias e as empresas prestadoras de serviço que surgiriam, atraídas por esse investimento, gerariam milhares de empregos e demandariam outros serviços necessários ao seu funcionamento. Teríamos, enfim, uma verdadeira revolução na base econômica do país.

Do outro lado da fronteira, no Níger, aconteceria a mesma coisa. A fábrica de embalagens demandaria diversos insumos de



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

outras fábricas que surgiriam para atendê-la. Os royalties pagos seriam liberados mediante a comprovação de sua correta utilização e teríamos, então, um sistema econômico integrado e fechado em si, quanto ao desenvolvimento, e aberto para o mundo quanto a seu mercado final. Haveria um conselho misto, entre as entidades civis e públicas, para a boa gestão desses fundos.

Por outro lado, a demanda de técnicos para atender essas necessidades seria atendida pelas escolas técnicas. Os cursos de gestão formariam um novo grupo de gerentes, conhecedores das realidades e potencialidades do país, bem como técnicos em comércio exterior, que colocariam a Burkina no mundo globalizado.

Essas escolas receberiam estudantes de toda a África, principalmente dos países do Sahel. Os técnicos ali formados seriam devolvidos aos seus países, levando consigo os conhecimentos necessários para o desenvolvimento agrícola da região.

Da mesma forma, a existência de um adubo barato e disponível para os agricultores, tanto do Burkina quanto do Níger e de todo o Sahel, promoveria uma revolução nas técnicas agrícolas em toda essa região, desde os pequenos agricultores até os grandes empreendimentos com agricultura mecanizada e irrigada.

- Essas condições desenvolvimentistas foram inseridas pelo senhor Jonathan, como condição “sine qua non” do contrato, - disse o senhor Cunnigham.

E foi isso que nos chamou a atenção para esse projeto. Ele nos acenava com um projeto altamente lucrativo, mas que somente iria avante com o compromisso do lado social. Nós queríamos o lucro; o senhor Jonathan queria o desenvolvimento.



Dessa simbiose nasceu a BSM – Fertilizers, um projeto que ascenderia a mais de um bilhão de dólares de investimentos ao final de dois anos. Com o início das operações nossos funcionários teriam casas; assistência médica; postos de saúde etc., enquanto seus filhos teriam escola e todo um futuro pela frente.

- A Fertilizers mexe com adubos e fertilizantes em todo o mundo. Consequentemente mexemos naquilo que é mais sagrado a vida humana; o alimento ou o pão nosso de cada dia, continuou o senhor Cunnigham.

O senhor Jonathan nos trouxe um projeto com possibilidade de uma boa margem de lucro. Nós somos uma empresa comercial e, como tal, buscamos lucro. Mas sentimos que o senhor Jonathan, ao nos trazer um projeto lucrativo, veio também em busca de um resgate social para devolver a dignidade a seu povo e servir de modelo para toda a África.

Nesta pasta azul a sua frente está o projeto redentor do senhor Jonathan. Um projeto que enche os olhos de qualquer pessoa que tenha um mínimo de sensibilidade e altruísmo. Devo confessar que toda a diretoria da Fertilizers está apaixonada por esse projeto.

Notei certa emoção nas últimas palavras do senhor Cunnigham.

- Senhor Cunnigham o projeto é, realmente, interessante. Maravilhoso poderia dizer; sem medo de errar. E isso vem de encontro ao que eu sempre pensei em termos de desenvolvimento para a África. A formação de parcerias entre empresas sólidas como a Fertilizers, operadoras do comércio internacional, e empresas locais, que aproveitassem ao máximo o know how da matriz para desenvolver o mercado interno e “colocar o pé” no mercado internacional.

Mas se está tudo de acordo com as normas e os princípios que



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

norteiam a Fertilizers, o que há de errado? Onde o projeto emperrou?

- Gosto disso senhor Maia. Direto ao ponto!

Depois da visita do Senhor Jonathan, iniciamos a análise dos custos de implantação do projeto e dos documentos que ele havia nos deixado. As dúvidas eram muitas. Diariamente enviávamos ao senhor Jonathan, por e-mail, dezenas de perguntas, e ele nos respondia uma a uma, com a certeza de quem sabe o que diz, de quem sabe o que faz.

Solicitamos ao diretor de nossa filial na França, o senhor Nicholas Zaimer, que fosse até o Burkina para conhecer o projeto “in loco”. Necessitávamos de alguém nosso acompanhando o senhor Jonathan.

Ele foi diversas vezes ao Burkina e sempre foi muito bem recebido em Ouagadougou.

De cada vez que ia ao Burkina, ele ficava de uma a duas semanas analisando todos os detalhes necessários a consolidação de um projeto dessa envergadura. Só na região de Dori, onde se localiza o projeto, ele ficou um bom tempo. Falou com as autoridades locais e diretamente com o povo, futuros e potenciais funcionários da fábrica. Esteve com o diretor da linha férrea, viu os planos da recuperação da malha para o Senegal e para a Costa do Marfim.

Nos relatórios que ele nos enviava - após cada visita - confirmava tudo que o senhor Jonathan havia nos informado. No último desses relatórios, (há uma cópia em sua pasta), ele se prontificava a dirigir a nova empresa no Burkina. E essa era nossa intenção; remover o senhor Nicholas para essa unidade na África. Ele tem o perfil ideal para tocar um projeto como esse.

E assim fomos solidificando nossa posição quanto a esse investimento.



Três meses atrás estávamos decididos pelo investimento em Burkina. O acordo com o senhor Jonathan estava devidamente alinhavado e com todos os detalhes esclarecidos. O volume de investimentos, o modo de extração, o processamento industrial, os royalties, as escolas técnicas, os centros culturais, tudo, tudo. Em menos de dois anos o projeto estaria totalmente implantado, acenando com um novo patamar na vida daquele povo.

Enviamos uma passagem ao senhor Jonathan para que viesse a Nova York para assinarmos um pré-contrato, para dar início a operação que daria uma nova vida aquela região tão miserável.

Tão logo tivéssemos assinado o contrato inicial, iria uma primeira equipe, composta pelo senhor Sallinger, o senhor Nicholas Zaimer e uns três geólogos, para dar um toque final ao projeto que seria apresentado aos dois governos, do Burkina e do Níger, e também para demarcação da área a ser explorada e definição do local para a instalação da indústria de processamento do lado do Burkina e de embalagens do lado do Níger.

- Eu iria numa segunda etapa, somente para assinatura do contrato com os dois governos, disse o senhor Cunnigham, e para dar sequência às negociações com a ONU, para o fornecimento de fertilizantes aos países do Sahel.

No último e-mail que recebemos do senhor Jonathan, ele nos informava que havia retirado a passagem na agência de viagens e que na semana seguinte estaria aqui.

Nunca mais conseguimos contato com o senhor Jonathan. Os e-mails voltam o telefone não responde e nossa embaixada em Ouagadougou somente informa o que já sabemos: O senhor Jonathan retirou pessoalmente o ticket aéreo na agência de viagens, porém o



bilhete nunca foi utilizado e o senhor Jonathan desapareceu.

Tentamos contato com os outros dois sócios da empresa, o senhor Frederic e o senhor Jean Loc. Simplesmente não atendem e não retornam os recados que deixamos.

- Pensei com meus botões o tamanho da encrenca que estava me metendo. Procurar um desaparecido no coração da África. Que loucura!

- Senhor Cunningham, não sei como posso ajudá-lo. Se a própria embaixada americana não conseguiu localizar o senhor Jonathan, como poderia eu fazer isso? Localizar pessoas na África não é o meu forte. Além do mais, sair por aquela região fronteira fazendo perguntas sobre uma pessoa desaparecida pode não ser muito bom para a saúde!

- Eu sei senhor Maia, e não foi para isso que eu o chamei aqui!

Pouco depois do silêncio do senhor Jonathan nossa maior concorrente no ramo de adubos fosfatados, a Canadá Phosphates, com sede em Vancouver, no Canadá, recebeu uma proposta para exploração de fosfato no Burkina, continuou o senhor Cunningham.

O projeto apresentado era basicamente o mesmo. A empresa que o apresentava era a mesma, a **Burkina Société Mini re – BSM**, porém o projeto tinha zonas nebulosas no que dizia respeito ao envio de dinheiro, aos recursos destinados aos royalties e a parte do desenvolvimento social e econômico do projeto.

O que chama a aten o,   que no projeto original do senhor Jonathan há um incentivo de vinte por cento sobre as remessas financeiras para o projeto. Nesse projeto que foi apresentado a Canada Phosphates, esse incentivo não é mencionado.

- Bastante interessante. E como os senhores ficaram sabendo



disso com tantos detalhes senhor Cunnigham? Espionagem industrial?

- Não senhor Maia, respondeu ele sorrindo. A Canadá Phosphates não é mais nossa concorrente. Dois anos atrás adquirimos os direitos acionários da empresa e resolvemos manter o status quo de empresas independentes, para termos um concorrente que não era concorrente. Dessa forma teríamos maior controle do mercado.

A diretoria da Canadá Phosphates é a mesma. Promovemos o vice-presidente a presidente e colocamos um homem nosso como vice-presidente, que é o nosso elo de ligação.

O mercado de adubos e fertilizantes na América do Norte e em todo o mundo é muito acirrado. A Canadá Phosphates tem uma boa fatia desse mercado, principalmente na Costa Oeste dos Estados Unidos e no México, além do Meio Oeste canadense. Quase a metade do consumo de fosfato do mundo se dá nessa região.

Quando suas ações foram colocadas a venda, não tivemos alternativa a não ser comprar. Se o controle da Canadá Phosphates caísse nas mãos de um concorrente ai sim, teríamos graves problemas.

Nosso carro chefe é o fosfato. E o fosfato é o carro chefe da Canadá Phosphates. Não tínhamos alternativa. Era comprar ou comprar.

Para a venda da Canadá Phosphates o proprietário exigiu que mantivéssemos o nome. Fizemos melhor que isso. Mantivemos o nome, o “*status quo*” de empresa independente e a sede em Vancouver.

- A sua missão senhor Maia, continuou o senhor Cunnigham, não é localizar o senhor Jonathan. A sua missão é descobrir o que há, de verdade nessa mudança na diretoria do projeto em Burkina. Se fosse uma mudança normal, a nova diretoria continuaria as negociações conosco. Poderiam até encerrar as negociações, mas dariam um sinal



de vida.

Nos documentos apresentados pelo senhor Jonathan, e autenticados pelo nosso serviço consular em Ouagadougou, ele era o presidente da empresa **Burkina Société Mini re – BSM**, com dois outros sócios, o senhor Frederic Leconte e o senhor Jean Loc.

Já nos documentos apresentados a Canadá Phosphates o senhor Jonathan transferiu todas suas a oes ao senhor Frederic, que se tornou assim o sócio majoritário e presidente da empresa.

Portanto senhor Maia, se o projeto de fato é bom, atende nossas exigências e está dentro da legalidade, continuaremos a desenvolv lo através da Canadá Phosphates, mesmo com a ausência do senhor Jonathan.

O seu trabalho se resume a uma consultoria econ mica. E nisso sei que o senhor é bom. O senhor não precisará sair pela fronteira entre o Burkina e o Níger fazendo perguntas sobre um desaparecido. Basta que v  até o Burkina, se reúna com essa nova diretoria e nos apresente um relatório sobre a real situa o da **BSM**, e o porquê da transferência das a oes do senhor Jonathan para o senhor Frederic. Se conseguir falar com o senhor Jonathan, melhor ainda. Ele poderá, de viva voz, explicar o porquê disso tudo.

Se o senhor estiver de acordo, vamos autorizar a Canadá Phosphates a enviar um e-mail a esse grupo que está no comando do projeto, apresentando o senhor como Diretor de Opera oes Internacionais da empresa. Eles vão informar, também, que o senhor estará indo brevemente ao Burkina para acertar os detalhes dessa parceria entre a BSM, a Canadá Phosphates e os governos do Burkina e do Níger.



Aquela proposta me deixou um tanto quanto apreensivo e ao mesmo tempo curioso e apaixonado pela ideia. Desenvolver um trabalho que poderia trazer riqueza e desenvolvimento para uma das regiões mais pobres do planeta era mais do que eu esperava.

Como dou um dedo por um bom e interessante trabalho, principalmente se revestido de nobres princípios, aceitei de prontidão.

- Muito obrigado senhor Maia. Pode ter certeza de que estamos fazendo o melhor para desenvolver esse trabalho com toda ética e transparência possíveis.

A Srta Kate está autorizada a resolver os problemas de sua reserva aérea e hotéis. Seria bom que o senhor conhecesse a Canadá Phosphates. Amanhã o senhor Sallinger poderá acompanhá-lo até Vancouver.

Quanto ao nosso contrato de trabalho, veja se está de acordo. (entregou-me o contrato com um cheque preso por um clipe na parte superior). Além dos seus honorários, há uma cláusula de risco com um seguro de vida bastante gordo.

O senhor levará uma carta de apresentação para o senhor John Stuart, da nossa embaixada em Ouagadougou. Essa carta somente devera ser usada se necessário for. Jamais o deixaríamos desamparado numa região como aquela.

Apanhei o contrato e verifiquei o valor do cheque. Não era somente o seguro de vida que era gordo. O cheque também era bem gordinho. Após uma rápida leitura, assinei uma cópia do contrato e a devolvi ao senhor Cunningham, que a repassou a Srta Kate.

- É um valor bastante expressivo senhor Cunningham. Há muitos especialistas em África que dariam um dedo por um contrato desses. Porque me escolheram? Desculpe-me pela pergunta, mas eu gosto de



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

saber onde estou pisando.

- O senhor nos foi muito bem indicado pela nossa filial no Brasil. Um brasileiro operando na África chama menos atenção do que um norte-americano ou um Canadense. Vocês têm mais simpatia e jeito de desenvolver esse tipo de trabalho naquela região. Além do mais, o senhor Nicholas, que seria a pessoa mais indicada, não pode ir, pois já esteve lá em nome da Fertilizers.

Nós precisávamos de uma pessoa que entendesse de comércio internacional; que lidasse bem com grandes números e que conhecesse a África em todas as suas mazelas.

Da mesma forma, com a solidificação da ideia de fazermos um investimento na África, estávamos à procura de alternativas para o transporte do fosfato a partir do porto de Dakar ou do porto de Abidjan, tanto para os Estados Unidos quanto para a América do Sul.

Gostei muito de sua abordagem sobre o transporte marítimo no Atlântico Sul, inserida no livro BAOBÁ. Cenas e Fatos África.

Comercialmente falando, a Europa está até hoje entre o Brasil e os países da Costa Oeste africana, no que respeita ao transporte marítimo. Isso de fato é um problema. Encarece e demora o transporte.

Depois desse seu trabalho no Burkina, poderemos pensar em buscar uma solução para esse problema. Aliás com esse projeto de fosfato em plena operação, vamos necessitar de transporte marítimo da Costa Oeste africana para toda a América do Sul. A logística atual não atenderia nossas necessidades. Não podemos nos dar ao luxo de fazer um transbordo em algum porto Europeu para depois chegarmos a América do Sul.

Quanto ao livro BAOBÁ, é bastante interessante. O senhor



deveria vertê-lo para o inglês. Os norte-americanos são muito curiosos quando o assunto é África.

- Obrigado senhor Cunnigham. O senhor lê português?

- Sim senhor Maia, respondeu ele em bom e claro português. Quando estou em nossa filial no Brasil gosto de falar com os funcionários diretamente, em português.

Aquilo me deixou surpreso e feliz ao mesmo tempo, e cada vez mais identificado com aquele grupo que pretendia fazer na África algo que eu já defendia há muito tempo; Parceria.

- Senhor Maia, mais uma vez obrigado pelo seu apoio e compreensão. A partir de agora a Srta Kate cuidará de tudo relativamente a sua viagem. E quanto ao projeto em si, o senhor Sallinger está autorizado a te repassar todas as informações que necessitar. Durante essa viagem a Vancouver os senhores terão muito tempo para conversar.

Enquanto isso eu vou falar com o senhor Nicholas para recebê-lo em Paris. É muito importante que o senhor tenha uma reunião com ele, para conhecer detalhes do projeto. Ele esteve lá. Ele verificou tudo pessoalmente; nós não.

- Se tiver tempo e oportunidade, senhor Maia. Faça uma visita ao senhor Douda Moussula. Ele é o Ministro da Inserção Social do Níger e o senhor Jonathan nos falou muito bem dele, que é um grande parceiro e defensor ardoroso desse projeto, disse o senhor Sallinger.

Levantamos-nos e eu me despedi de todos, menos da Srta Kate que solicitou que a acompanhasse.



Finalizando os detalhes da viagem

- Tomei a liberdade de solicitar o almoço para minha sala de trabalho, senhor Maia. Dessa forma enquanto almoçamos vamos fazendo as reservas de hotel, avião etc.

- Tudo bem Srta Kate.

A sala de trabalho da Srta Kate era bastante espaçosa. Havia a mesa de trabalho propriamente dita e uma mesa de reuniões, redonda.

O almoço? Frango empanado com molho tártaro, bem ao estilo americano; fast food. Muito gostoso por sinal.

Enquanto almoçávamos a Srta Kate ia acessando os sites das Agências de Turismo, tanto para a viagem ao Canadá quando para o Burkina.

- Janela ou corredor senhor Maia?

- Se possível janela e do lado direito do avião.

Quando terminamos o almoço todas as reservas estavam feitas; nem todas na janela, mas todas do lado direito da aeronave. Que sorte!

Há algumas manias que carregamos por toda a vida. Uma dessas manias, das poucas que tenho, é voar sempre em poltronas do lado direito da aeronave.

A reserva dos voos para Burkina contemplava duas escalas; uma em Paris, com aproximadamente seis horas de aeroporto, outra em



Dakar, no Senegal.

Eu poderia ir direto a Dakar, mas a escala em Paris era necessária para a reunião com o senhor Nicholas Zaimer, no próprio aeroporto.

Na escala em Dakar, solicitei que tivesse pelo menos um dia de folga. Precisava falar com outra pessoa.

- Para hoje fizemos uma reserva no hotel Waldorf Astoria. Espero que o senhor goste. Nosso motorista o levará até lá, disse a Srta Kate.

Amanhã pela manhã o senhor Sallinger o apanhará no hotel às sete e meia, para irem a Vancouver. O retorno está previsto para o dia seguinte, às nove horas da manhã.

As reservas para Burkina são para daqui a três dias. Portanto o senhor terá mais ou menos um dia livre depois que voltar de Vancouver.

No dia do embarque para o Burkina nosso motorista o apanhará no hotel, às quatro horas da tarde, e o levará até o aeroporto. Vou providenciar o restante dos documentos. Inclusive os vistos para o Senegal e o Burkina. O motorista levará os documentos para o senhor no dia do embarque.

Antes que me esqueça senhor Maia, reservamos para o senhor um telefone celular via satélite. As comunicações com aquela região do planeta são muito ruins e difíceis, e o senhor pode precisar. Qualquer coisa ou informação que queira, basta nos chamar.

Criamos, também, uma conta de e-mail para o senhor, da Canadá Phosphates. Eis a senha e o seu novo endereço de e-mail: altair.maia@phosphates.com Altere a senha, tão logo acesse sua conta, para preservar sua privacidade.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Agradei pelo aparelho celular e por meu novo endereço de e-mail, me despedi da Srta Kate e acompanhei o motorista. Às cinco horas da tarde cheguei ao hotel.

Era uma suite bastante confortável. Aproveitei o resto da tarde e um pedaço da noite para ler e reler, rememorar e anotar tudo que havia acontecido naquelas últimas horas. Abri meu computador e comecei a pesquisar tudo que a internet pudesse me oferecer sobre o Burkina Faso e o Níger. Principalmente sobre o que acontecia na fronteira, uma das regiões mais tensas da África.

Enviei um e-mail ao meu filho, estudante de geologia na Universidade de Brasília, para que me enviasse informações sobre o fosfato. Precisava saber tudo sobre esse mineral.

Somente pela meia noite consegui conciliar o sono. Estava por demais, cansado e excitado com tudo aquilo. A adrenalina deveria estar a mil...



A reunião na Canadá Phosphates

No outro dia o senhor Sallinger chegou pontualmente às sete e meia. Nosso voo estava marcado para as dez horas da manhã. Na viagem de ida o fuso horário trabalhava a nosso favor. Embarcaríamos às dez da manhã e chegaríamos por volta do meio-dia. Na volta seria o contrário; embarcaríamos às nove horas da manhã e chegaríamos de volta a Nova York às cinco horas da tarde.

O voo foi tranquilo e chegou no horário previsto. Um motorista da Phosphates, o qual o senhor Sallinger já conhecia, estava a nossa espera.

- Que saudades de Vancouver, pensei com meus botões. Vinte anos atrás eu passei uma temporada aqui, completando meu curso de inglês.

O Phosphate Building, sede da Canadá Phosphates, é um prédio com uns quinze andares, todo em vidro azul espelhado, na Hornby Street. O ex-proprietário da Canadá Phosphates vendera tudo para evitar brigas em família. Ele temia que uma briga familiar pudesse levar a empresa à bancarrota. Preferiu vendê-la, desde que o novo dono mantivesse o nome. E assim foi feito. Foi mantido o nome e a sede da empresa naquele prédio fantástico.

Chegamos para a reunião um pouco depois das duas horas da tarde. Na sala de reuniões, ampla e bem decorada, apenas quatro pessoas; o senhor Steven, que fora promovido a presidente da Canadá Phosphates,



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

o senhor David Deker, vice-presidente e homem de confiança do senhor Cunningham, o senhor Sallinger e eu.

O senhor Steven nos deu as boas vindas; passou a palavra para o senhor Deker e pediu desculpas e licença para se retirar. Ele tinha outra reunião com os distribuidores canadenses, que já estava agendada há algumas semanas, e não fora possível desmarcar.

- Eu ainda estava na Fertilizers quando o senhor Jonathan iniciou seus contatos conosco, disse o senhor Deker. Em princípio não gostei muito da ideia, pois negócios na África são por demais complicados e nós tínhamos outras prioridades, inclusive aqui em Vancouver, pois havíamos acabado de adquirir o controle acionário da Phosphates.

Quando o senhor Jonathan veio nos visitar em Nova York, eu o questionei de toda forma possível. Eu queria derrubar aquela ideia de investir na África. Havíamos feito um grande dispêndio na aquisição da Phosphates e o momento não era propício a novas aventuras, principalmente em terras africanas.

O senhor Jonathan, porém, estava firme em seu propósito. Ele demonstrou conhecer profundamente o mercado de fosfato no mundo e sabia o valor do projeto que tinha em mãos. Sabia também das dificuldades inerentes a um projeto daquela envergadura numa região tão isolada e de tão difícil acesso.

Nosso “embate” durou umas três horas. Creio que antes de vir a Nova York o senhor Jonathan, além de ter estudado o mercado de fosfatos no mundo, estudou com afinco a respeito de nossa empresa. Parecia conhecer muito bem a Fertilizers.

Eu também estava firme na minha decisão de não deixar avançar aquela ideia. Disse ao senhor Jonathan, que a simples existência de uma



mina de fosfato não significa que ela fosse viável. Extrair já é difícil, imagine extrair e processar fosfato numa região tão erma!

Por outro lado senhor Jonathan, a entrada em operação de uma grande jazida de fosfato pode, inclusive, derrubar os preços pelo excesso de oferta. A demanda de fosfato é crescente em todo o mundo, mas há um limite para tudo!

Ao que ele respondeu de forma muito simples.

- Senhor Deker, a África, desde sempre meteu os pés pelas mãos. Quando não o fizemos sozinhos, fizemos com a ajuda de empresa e governos estrangeiros mancomunados com alguns de nossos piores governantes.

Temos agora uma oportunidade de romper esse ciclo. Nós temos um produto de muito boa qualidade. O mercado está aberto e carente de fosfato. A expectativa de consumo é crescente pelas próximas duas ou três décadas.

Por outro lado, como o senhor diz, não haverá excesso de oferta e queda nos preços. A ONU, através da Agência para o Fomento da Agricultura nas regiões pobres, está decidida a apoiar a agricultura em toda a região do Sahel. Só o atendimento a essa região do Sahel poderá consumir boa parte da nossa produção.

A terra senhor Deker, é a mãe de todas as necessidades. Ou nós, africanos, aprendemos a trabalhá-la com o carinho e a atenção que ela merece, ou viveremos eternamente com as mãos estendidas pedindo comida ao primeiro mundo. O projeto que trago aos senhores nos permitirá trabalhar a terra e tirar dela nosso sustento, quebrando esse ciclo vicioso de fome, pobreza e miséria.

Se a Fertilizers não for a nossa parceira nesse projeto,



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

provavelmente será outra empresa. Mas de todas as empresas que pesquisei, tenho minha preferência pela Fertilizers, pela história e pela forma como os senhores conduzem os negócios.

Já fomos procurados por um grupo chinês interessado na exploração dessa mina. Em princípio eu não quero conversa com esse povo; a não ser que mudem radicalmente sua postura e conceito quanto ao que fazem na África. Não queremos incorrer nos mesmos erros de nossos antepassados. A questão não é só dinheiro; a questão é dinheiro, desenvolvimento e responsabilidade social.

É por isso que estou aqui. É isso que queremos; uma empresa honesta, global e com suporte financeiro para um investimento desse porte. Se ninguém der o primeiro passo nessa direção, as coisas na África continuarão sendo feitas como sempre foram.

Por outro lado senhor Deker, ninguém em sã consciência, e por livre e espontânea vontade deixaria a Europa para se mudar para a América.

Deu uma pausa e completou: mas isso acontecia cinco séculos atrás!

Essa frase quebrou o gelo e acredito que quebrou minha resistência também. A Fertilizers não é uma empresa que pensa no curto prazo. Muito pelo contrário. Estamos no mercado há mais de oitenta anos e pretendemos estar aqui nos próximos dois, três ou quatro séculos.

O senhor Jonathan passou dois dias conosco. Na segunda reunião que tivemos, debrucei-me sobre os números, mapas e estratégias montadas pelo senhor Jonathan. Ao final do segundo dia de reuniões eu não tinha mais dúvidas. A se confirmar tudo aquilo que constava nos papéis, mapas e diagramas apresentados pelo senhor Jonathan,



estávamos diante de um grande negócio.

O fosfato do Burkina, além de ser um produto de boa qualidade, que poderia ser ofertado e demandado em qualquer parte do mundo, tinha outro mercado específico; a zona do Sahel africano. Essa região mereceu um capítulo a parte no projeto do senhor Jonathan.

O Sahel é uma faixa do semi-árido africano que vai de um lado a outro do continente, com mais de seis mil quilômetros de extensão. A existência de uma mina de fosfato dentro do Sahel facilitaria enormemente a logística e tornaria o produto acessível até para a agricultura familiar.

Depois que passei a apoiar o projeto de Burkina, toda semana eu cobrava alguma informação do senhor Jonathan. Às vezes ficávamos um bom tempo ao telefone, com ele me descrevendo o futuro que sonhava para aquela região.

Ele tem bem desenhado em sua cabeça, o modelo de desenvolvimento que ele quer para o Burkina, para o Níger, para o Sahel e para toda a África.

Depois da implantação desse projeto no Burkina, será difícil para os governos ditatoriais na África explicarem ao povo o porquê de determinadas decisões que são, sabidamente, lesivas aos cofres públicos.

Enfim, senhor Maia, depois das varias visitas do diretor da nossa filial na França, o senhor Nicholas Zaimer, a Ouagadougou, não restava mais dúvidas; tínhamos que apostar naquele projeto.

- É senhor Deker, parece que o senhor Jonathan deixou em todos os senhores a mesma impressão. Um homem íntegro, conhecedor da realidade de seu país, e com a chave na mão para transformar aquela realidade e a dos países vizinhos.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

- Pois é senhor Maia, imagine minha surpresa e angústia com o silêncio do senhor Jonathan.

Mais surpreso ainda eu fiquei, quando chegou as minhas mãos, aqui na Canadá Phosphates, o mesmo projeto, mas sem a presença do senhor Jonathan no comando. Isso foi um susto. Minha primeira reação foi pegar um telefone e ligar para esse senhor Frederic e perguntar pelo senhor Jonathan, mas me contive e pensei noutra alternativa.

Conversei com o senhor Cunningham e resolvemos levar as negociações avante, tendo à frente, a Canadá Phosphates, para ver até aonde a coisa iria. Segundo esse novo grupo todas as autoridades de Burkina estão favoráveis ao projeto; querem pressa, e têm muita facilidade de movimentação a nível governamental. Em momento algum eles mencionam o governo do Níger, que era um dos pontos altos do projeto do senhor Jonathan.

Foi então que o senhor Cunningham resolveu chamá-lo. Espero que tenha sucesso em sua missão.

Ontem ainda enviamos um e-mail para o senhor Frederic Lecont, informando quem é o senhor e sua próxima ida a Ouagadougou. Foi enviada uma cópia para o senhor, no seu novo e-mail.

Creio que o senhor deveria enviar uma mensagem ao senhor Frederic, utilizando seu e-mail da Phosphates, informando de sua chegada. Isso já vai criando um vínculo entre os senhores.

- Perfeito senhor Deker, farei isso ainda hoje.

Quanto ao senhor Jonathan, seria muito bom que o senhor o encontrasse. Mesmo que ele não esteja mais no comando desse projeto, esse investimento tem as suas digitais.



- Também creio senhor Deker, esse projeto tem mais do que as digitais do senhor Jonathan; tem o seu próprio DNA. Tenho lido tudo que me foi fornecido sobre esse projeto e sobre o senhor Jonathan. A cria tem a cara do criador.

Terminada a reunião o senhor Deker nos deixou no hotel onde a Srta Kate havia feito reserva. Não aceitou o convite para jantar conosco, pois ainda tinha alguns compromissos naquele final de tarde.

Fomos jantar num restaurante próximo ao hotel, e a conversa não poderia ser outra; o paradeiro do senhor Jonathan.

Por volta de meia-noite já estávamos retornando ao hotel. Resolvi nem abrir o computador. Era hora de dormir. Precisava descansar um pouco.

Na viagem de volta a Nova York, eu e o senhor Sallinger fomos analisando todos os pontos que poderiam ser importantes de serem tratados com o senhor Frederic Lecont.

- Agora senhor Maia, o senhor já tem o retrato completo do projeto e de tudo que aconteceu relativamente a esse potencial investimento.

A única peça que falta é o senhor Jonathan, mas se correr tudo bem o senhor voltara de Ouagadougou com boas informações para avançarmos com esse projeto, mesmo sem o senhor Jonathan.

- Pode ser, mas como disse o senhor Deker; as digitais do senhor Jonathan estão marcadas nesse projeto. O ideal seria se tivéssemos um contato com ele, até mesmo para referendar esse grupo que está no comando da BSM.

Para completar o retrato preciso ainda falar com o senhor



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Nicholas Zaimer, em Paris. Ele sim pode dar o colorido final a essa fotografia.

Chegamos no horário previsto, e o motorista lá estava a nossa espera. Pouco depois das oito horas da noite estávamos chegando ao hotel e me despedi do senhor Sallinger, que me desejou boa sorte.

Após o jantar me recolhi para uma merecida noite de sono. Não sem antes verificar as mensagens em meu computador. Lá estava o e-mail de meu filho, com um verdadeiro apanhado sobre o fosfato. Fui dormir já sabendo “o que era esse mineral”



Embarcando rumo a um sonho

A noite de sono fora tranquila e restauradora. Os pensamentos já estavam mais organizados e eu havia composto uma forma de ação.

A manhã livre me permitiria coordenar minhas ações, ler um pouco mais sobre o Burkina, ler e responder meus e-mails.

Pelas dez horas da manhã já estava conectado a internet, lendo vorazmente tudo sobre fertilizantes, Burkina, Níger, Sahel etc.

Não havia muitas novidades nos demais trabalhos que desenvolvo. Apenas um convite de uma amiga, Juliana Holanda, para uma palestra sobre a África, na Semana da Consciência Negra. Essa palestra seria daí a três semanas. Respondi ao e-mail aceitando o convite. Informei que estava viajando, mas que no dia acertado estaria a postos.

Abri então meu novo endereço de e-mail, da Phosphates. Havia duas mensagens. Uma do senhor Frederic Lecont, agradecendo meu e-mail do dia anterior e pedindo que eu informasse o dia e o horário da chegada. Ele estaria no aeroporto a minha espera.

O outro e-mail era do senhor Nicholas Zaimer, informando que recebera o e-mail sobre minha chegada a Paris e que estaria no aeroporto de Orly, para nossa reunião.

Encerrados os trabalhos da manhã, sai para andar um pouco e almocei num restaurante português ali próximo. Retornei ao hotel para minha tradicional soneca depois do almoço, me preparando para três longos dias de viagem até Ouagadougou.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Pontualmente, às quatro horas da tarde, o motorista da Fertilizers estava a minha espera no saguão do hotel. Entregou-me uma pasta preta, cartões de visita e um envelope lacrado, onde se lia “Somente se necessário”. Certamente ali estava a carta de apresentação para a embaixada dos Estados Unidos da América, em Ouagadougou.

Na pasta preta estava toda correspondência entre o novo grupo da Burkina Société Mini  re – BSM, e a Canadá Phosphates. Juntamente com esses documentos me entregou também os dois vistos de entrada para o Senegal e para o Burkina. Para isso a Srta Kate havia solicitado todos os dados do meu passaporte e uma cópia da folha de rosto, quando eu ainda estava no Brasil.

Tudo pronto e devidamente acertados, seguimos para o aeroporto.

A partir daquele momento eu era o Senhor Altair S. Maia, Diretor de Operações Internacionais da Canadá Phosphates, com sede em Vancouver, Canadá.

Tinha como missão acertar os detalhes para um investimento de mais de um bilhão de dólares, que poderia num curto espaço de tempo, trazer um grande desenvolvimento para uma das regiões mais pobres do planeta, no coração da África.

Poderia também servir de modelo para todos os governantes daquele continente devastado pelas guerras, pela fome e pela miséria. O pensamento econômico do senhor Jonathan casava perfeitamente com o meu.



Considerações sobre o momento econômico da África

Na história moderna, desde que os europeus se lançaram sobre o Atlântico em sua sanha de conquistas, nenhum país ou grupo de países do continente africano foi expoente. Pelo contrário, sempre foram coadjuvantes das ações políticas e econômicas da Europa e mais recentemente, dos Estados Unidos da América, do Japão e da China.

Nos anos mais recentes o Norte da África, graças ao petróleo; e a África do Sul, graças a sua posição privilegiada para a navegação, têm buscado um lugar ao Sol. Os demais países continuam a reboque das decisões européias, mesmo após a independência de todos eles, ocorrida no século passado.

Nos últimos cinquenta anos, o advento das guerras, da fome, das intrigas e da miséria jogou por terra o futuro de jovens nações africanas que nasceram embaladas pelo sonho de igualdade num mundo cada vez mais desigual.

A guerra fria entre as duas maiores potências do século passado era por demais quente em todo território africano. Enquanto arautos de um novo mundo bradavam suas conquistas nos foros internacionais, e a mídia impressa ou televisiva estampava manchetes eloquentes sobre esse ou aquele sistema de governo, na África a voz que se ouvia era a dos canhões. E o grito dos desesperados morria nas areias escaldantes, nas secas savanas ou no silêncio das florestas.

Entre os anos sessenta e os anos noventa do século passado, praticamente todos os países africanos estavam em guerra. Era uma



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

guerra pela libertação dos colonizadores ou era uma guerra interna, entre grupos do mesmo país, pela detenção do poder.

Dizem os teóricos que “*A guerra é a continuação da diplomacia quando esta falha*”. Porém na África foi diferente. Não houve falha na diplomacia das partes envolvidas diretamente em cada conflito. A falha diplomática que houve foi a milhares de quilômetros dali, longe do palco das operações.

A falha diplomática foi nos gabinetes de Washington e Moscou, tendo os países europeus como expectadores ou “pano de fundo”. Se a guerra é a continuação da diplomacia quando esta falha, essa guerra se deu longe da “falha diplomática”. Como bons alunos aplicados, os africanos foram à guerra, ceifando milhões de vidas, e criando as condições da manutenção de um ciclo vicioso de pobreza e de miséria.

O estigma de um continente em guerra permanente, ou mesmo latente, permeia até hoje a vida na África. Os negócios que ali poderiam ser gerados trazendo progresso e desenvolvimento para a região, são maculados por essa visão que governos e homens de negócios do Oriente e do Ocidente têm da África.

Da primeira vez que fui à África, fui à busca de matéria-prima para os processadores de castanha de caju do Brasil. Hoje essa ideia evoluiu e os processadores de castanha querem formar parcerias com produtores locais, para processar a castanha de caju em território africano e exportá-la para os mercados consumidores da Europa, Estados Unidos, Japão etc.

A ideia é simples; instalar fábricas para o processamento da castanha o mais próximo possível das regiões produtoras e transferir o know-how da produção. Dessa forma países exportadores de matéria-prima se tornariam exportadores de castanha processada; pronta para o



consumo.

Os ganhos - principalmente os ganhos sociais - seriam imensos, com a geração de milhares de empregos e a geração de energia através da queima dos subprodutos.

Da mesma forma parcerias para a produção de biocombustíveis através de leguminosas e/ou outras plantas que se prestam a esse fim, ou parcerias para a produção de energia elétrica a partir de forrageiras como o capim elefante, são projetos perfeitamente factíveis dentro do escopo de desenvolvimento projetado para o continente africano. A escassez de energia é uma constante nos países africanos.

Tudo isso, porém esbarra na imagem dilacerada de um continente em guerra, na confiança que os empresários necessitam ter do retorno do capital investido, na segurança institucional da continuidade político-administrativa.

Tudo isso depende de acordos governamentais que possam reduzir ao nível mínimo os riscos de um empreendimento empresarial, mas depende fundamentalmente dos governos africanos. Governos sérios que demonstrem respeito às leis.

Diversas são as entidades e/ou governos que buscam, de uma forma ou de outra, ajudar no desenvolvimento da África, porém, por erro de foco ou por gestão fraudulenta, essa ajuda pouco ajuda e, às vezes, até atrapalha.

Espertalhões dos países do chamado primeiro mundo, se unem a outros espertalhões em cargos de comando nos países africanos e formulam planos mirabolantes de ajuda a África.

Ao final os países ajudados se tornam ainda mais endividados e os espertalhões, tanto de um lado quanto do outro, engordam ainda



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

mais suas contas bancárias.

Foi tentando se contrapor a esse *status quo* das coisas que aconteciam e acontecem na África, que o senhor Jonathan apresentou um projeto que buscava, antes de mais nada, gerar emprego digno e renda através do processamento do fosfato no local de sua extração.

No pensamento econômico do senhor Jonathan o estado é apenas o facilitador dos negócios. Não é o promotor do desenvolvimento. O promotor do desenvolvimento é a empresa privada, não as estatais eivadas de vícios e de corrupção, de cujo exemplo a África e o mundo estão cheios.

A receita maior pelo produto acabado, os empregos gerados, o aumento da arrecadação de impostos decorrente da elevação do consumo e a atração de outras indústrias para o local eram os motivos por trás dessa luta.

Tantos anos andando pela África, pouca coisa vi nesse sentido. Empresas estrangeiras e globais, como a Fertilizers, querendo formar parcerias para o desenvolvimento de uma região ou de um país.

Tudo que se vê em África são acordos que enriquecem os ricos e poderosos; ajudas que nunca chegam a seu destino; acordos de cooperação militar que matam e destroem tudo que encontram pela frente e os donos do poder local, cada vez mais ricos; cada vez mais poderosos; cada vez mais subjugando o estado em prol de seus interesses pessoais.

Mais da metade da ajuda destinada a África nunca saiu de sua origem. Fica ali, nos grandes bancos internacionais, em nome dos mandatários africanos, divididos com os “espertalhões” do primeiro mundo.



Aquele projeto do senhor Jonathan, que no fundo era um projeto capitalista, que também visava lucro, levava consigo um sopro de esperança para uma região tão sofrida. Talvez esse fato, que sensibilizou o senhor Cunningham, tenha me sensibilizado também.

Ando pela África há mais de dez anos. Tudo que vejo são acordos leoninos, onde a sociedade pobre dos países do continente nada leva, muito pelo contrário, perde o pouco que têm.

Assim, envolvido por esses pensamentos e imbuído do espírito que norteava a Fertilizers a “dar” uma chance à África, fui acordado pela aeromoça.

- Senhor! Senhor? Aceita alguma bebida?

Após o jantar a bordo, regado a um bom vinho francês, refestelei-me na poltrona executiva remembering as informações e os objetivos do projeto.

- Essa não é minha missão, mas eu tenho de encontrar o senhor Jonathan Makeba. Ele é a peça chave de toda essa história. Sem ele não creio que haja projeto.

Pensei no perfil desse senhor que conseguira, sozinho, sensibilizar uma empresa gigantesca como a Fertilizers Inc, para investir numa das regiões mais pobres e perigosas do planeta. Ele deve, ser de fato, uma pessoa especial. Muito especial, repeti comigo mesmo.

- O senhor Cunningham está errado. Minha missão é encontrar o senhor Jonathan Swift Makeba. Continuei com meus pensamentos.

O que está em jogo não é um projeto de exploração de fosfato no Burkina. O que está em jogo é um projeto de exploração de um recurso natural na África, sob a ótica e a visão desenvolvimentista e social do senhor Jonathan Makeba e que poderá servir de modelo para todos os



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

demais países do continente.

- Eu hei de encontrá-lo! – Pensei com meus botões.



Colorindo um retrato em preto e branco

Passava um pouco das sete horas da manhã quando chegamos ao aeroporto internacional de Paris, Orly. Daí a menos de seis horas estaria embarcando novamente, tendo Dakar como destino.

O tempo gasto nas operações de desembarque e embarque é considerável. No desembarque é somente a questão burocrática, porém no embarque acrescentava-se a questão das normas de segurança. Não sei se o mundo está se tornando mais seguro ou inseguro com essas medidas segurança. Só sei que cada dia está mais complicado viajar de avião.

Logo na saída do desembarque encontrei o senhor Nicholas. Para minha surpresa ele não era branco, era mulato e alto. Talvez uns cinquenta e cinco anos ou um pouco mais.

Sentamo-nos em um restaurante do aeroporto, para o café da manhã. Ele me contou que seu avô era francês e branco. Ele havia sido o adido comercial da França no Cameroun, onde conheceu sua avó, que era negra.

Seus avós tiveram dois filhos, um menino, negro, que veio a ser o seu pai, e uma menina branca.

Com a instabilidade gerada no Cameroun, pela independência da França e, logo depois, da Inglaterra (*), a família fugiu para a França aonde seu futuro pai, negro, veio a conhecer a sua mãe, branca.

(*) O Cameroun teve duas independências, em primeiro de janeiro de 1960, tornou-se independente da França. Em primeiro de outubro de 1961, tornou-se independente da Inglaterra.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Seus pais tiveram dois filhos, ele e uma irmã, ambos assim, café au lait, em suas próprias palavras.

- Mas senhor Maia, vamos ao nosso assunto principal.

- Sim, senhor Nicholas. Nosso tempo é curto!

- Pois bem. Quando o senhor Cunningham me falou desse projeto, em princípio eu não acreditei que fosse viável. Conheço bem a África e conheço mais ainda aquela região entre o Burkina e o Níger, com o Benin abaixo e o Saara acima.

A zona realmente é muito instável. A escassez de alimentos, de água, de remédios e a presença constante de nômades que vagam pelo deserto tornam a região muito perigosa.

Quando me deram a missão de acompanhar esse projeto de perto, o senhor Deker me falou que seria algo pro - forma, que ele também não acreditava que aquilo fosse viável.

Por várias vezes fui a Burkina para “ver” de perto esse projeto. O senhor Jonathan tinha razão no que aquilo poderia significar para sua região. Todas as pessoas com quem falei; autoridades e gente do povo têm confiança absoluta no senhor Jonathan e têm nele o grande líder da região da fronteira.

Todo o material que trouxe para exame aqui na França, na minha primeira viagem, confirmava as informações dos laudos técnicos apresentados pelo senhor Jonathan. O fosfato é de excelente qualidade, dos melhores do mundo.

- Em termos de qualidade é como o de Nauru?

- Eu poderia dizer senhor Maia, que é equivalente ao de Nauru. E as reservas são imensas. Aquilo ali bem explorado, como quer o senhor Jonathan, pode elevar substancialmente o nível de vida de todo aquele povo.

Duas ou três semanas após minha visita ao Burkina, o senhor



Jonathan me comunicou que estava vindo a Paris para uma reunião com os estudantes africanos.

Eu recepcionei o senhor Jonathan aqui e participei da reunião com os estudantes. Aquilo não era reunião, era uma verdadeira palestra sobre os destinos da África.

Ele demonstrou, país a país, todos os pontos fortes e fracos. Todas as parcerias que poderiam ser formadas, todos os mercados que poderiam ser atendidos. No contraponto ele mostrou aos estudantes o que significava “agregar” valor àquilo que já existe e o efeito disso na vida das pessoas, com elevação do nível de vida e redução das doenças decorrentes da miséria. As parcerias que ele propõe é isso, agregar valor em território africano e participar do comércio global.

Ele é altamente favorável ao capital estrangeiro, porém há que se ter em mente que a agregação de valor deve acontecer em território africano.

Lembro-me perfeitamente do que ele falou a respeito dessa agregação de valor:

“A grande maioria dos projetos de investimento em território africano, quando dá certo, procura extrair o máximo dos recursos existentes para processá-los longe dali, gerando riqueza noutras plagas. Assim é com o petróleo, madeira, castanha de caju e minérios de toda natureza.

A ordem é retirar o produto bruto, jogar num navio e processá-lo nos Estados Unidos, na Europa, na China ou no Japão.

Alguns países africanos, exportadores de petróleo, não têm sequer uma refinaria de petróleo para o consumo interno. Vendem o petróleo bruto e compram gasolina e



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

todos os demais derivados que necessitam.

Vendem madeira bruta, em toras ou em pranchas, e compram moveis.

Vendem seus minérios e compram toda sorte de bens de consumo.

Vendem sua borracha in natura e compram todos os derivados da borracha.

Em todo território africano existem apenas três fábricas de automóveis, para atender uma população de mais de oitocentos milhões de habitantes.

A pouca indústria existente na África está restrita a África do Sul. Nos demais países o nível de industrialização é praticamente zero.

Apenas para se ter uma ideia da agregação de valor, a África como um todo exporta cerca de trezentas mil toneladas de castanha de caju in natura por ano, recebendo não mais que duzentos milhões de dólares por essa exportação.

Essa mesma quantidade de castanha de caju se fosse processada na África e exportada pronta para o consumo final, geraria uma receita de pelo menos quinhentos milhões de dólares. Três vezes o valor da matéria-prima bruta.

O simples processamento no local da produção mais que dobra a receita. E isso sem contar os milhares de empregos gerados e a utilização dos subprodutos do



processamento da castanha, como a casca para geração de energia e o líquido da castanha do caju, para exportação para a indústria de tintas, esmaltes e outros fins.

A África está em busca de parceria em todas as áreas, mas especialmente nas áreas de processamento alimentício. Entretanto, a imagem que prevalece, é do continente em guerra e da instabilidade política.

É isso que nós, africanos, precisamos consertar. Precisamos aprender o jogo internacional; o jogo da eficiência administrativa, da agregação de valor aos recursos que a natureza nos deu.

Ou nós fazemos o nosso “dever de casa” instituindo governos estáveis e eleitos democraticamente, que sejam honestos e tenham transparência administrativa ou o progresso e o desenvolvimento social que tanto queremos, serão apenas sonho de verão.”

Terminou a palestra, de mais de três horas de duração, com uma frase de efeito, que até hoje martela em minha cabeça. “O país que não tiver um par de tênis para correr essa maratona, que vá descalço, mas vá. O que queremos é participar dessa corrida”

Os jornais deram um razoável destaque ao evento, chamando o senhor Makeba de “**nova liderança saheliana**”. Foi ótimo. Mas o senhor Makeba vai muito além do Sahel. Ele será uma liderança africana e, por ser alguém “brotado na África” não seria muito pensar que ele possa se transformar num líder mundial, levando consigo a voz dos miseráveis às mesas de negociações sobre os destinos do mundo.

Pelo pouco vi e ouvi do pensamento econômico do senhor Makeba, creio que os jornais não lhe deram o espaço devido. Mas da próxima vez será diferente.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Da próxima vez que ele vier por aqui para uma palestra, creio que será muito diferente. Eu apresentei um amigo que tem muita penetração na mídia quando o assunto é África. É o senhor Mbeng, dono de um pequeno restaurante que funciona tanto como bom restaurante que é quanto quartel da resistência africana em Paris. Se houver oportunidade você haverá de conhecê-lo.

Mas, voltando ao nosso assunto senhor Maia. Nas viagens seguintes que fiz ao Burkina, tinha certeza que estava diante de um grande projeto e diante de uma grande oportunidade. Se da primeira vez o foco era conhecer o terreno, a partir da segunda viagem o foco era para conhecer o mercado interior africano, principalmente os países do Sahel.

Aproveitei uma das viagens e visitei, também, o Níger, o Chade, o Mali e a Mauritânia. Em cada um deles eu estive com o ministro da agricultura. Todos eles estão acreditando fortemente nesse projeto do Burkina.

Creio que na parte oriental do Sahel acontece a mesma coisa. Se a ONU quer de fato fazer alguma coisa por esses países, esse é o projeto e esse é o momento. Uma mina de fosfato dentro do próprio Sahel torna o produto mais barato e viabiliza centenas de milhares de pequenos projetos e/ou projetos de agricultura familiar, que antes eram inviáveis devido ao alto custo do transporte de fertilizantes de qualquer parte do mundo até os países do Sahel.

No último dia de minha última viagem ao Burkina, o senhor Jonathan me convidou para jantar em sua casa.

Era uma casa simples; porém muito bem decorada por sua esposa. Ela se chama Michelle e também é uma pessoa fantástica. Os dois comungam do mesmo ideal de desenvolver o Burkina através da mina de fosfato.

Enquanto o senhor Makeba costura os acordos políticos, a Sra. Michelle se reúne com as mulheres para dar aulas sobre agricultura,



higiene pessoal, como cuidar dos filhos etc. Ela já estava ensinando as mulheres sobre o manejo do solo com o novo fertilizante que em breve estaria disponível em todo o Sahel.

A mulher na África senhor Maia, trabalha mais que em qualquer outra parte do mundo. Em boa parte dos lares africanos, a responsabilidade de ganhar o pão de cada dia é das mulheres. Além de trabalharem para conseguir o sustento da família, ela tem que cuidar das crianças, da casa e do marido. Toda mulher que o senhor encontrar pela rua, ela estará, provavelmente, com um filho amarrado as costas e uma cesta na cabeça. Na cesta ela leva sempre alguma coisa para vender e assim ganhar o sustento da família.

Da mesma forma, quando se fala na questão dos direitos da mulher, a coisa é risível. Ela é escrava do marido, não raro sofre violência no âmbito da família, não tem acesso a educação, não tem direito de votar etc. Além de tudo isso, em algumas sociedades elas são castradas sexualmente. Isso é uma prática que envergonha qualquer ser humano.

Se o mundo trata a África com desdém, os costumes africanos tratam as mulheres com muito mais.

- É senhor Nicholas, a desigualdade com que as mulheres são tratadas na África é algo assustador.

Eu conheci na Guiné Bissau uma associação de mulheres, a Associação de Mulheres de Atividade Econômica – AMAE, que tem como objetivo dar suporte técnico e gerencial às mulheres que desenvolvem qualquer tipo de negócio.

Num país pequeno como a Guiné, essa associação reúne milhares de mulheres. O suporte que a AMAE dá às mulheres, às vezes se resume a ensinar as quatro operações básicas, o valor do dinheiro, como comprar, como vender, como dar o troco etc.

Durante uma reunião que tive na AMAE, a presidente da Associação deixou um desafio no ar:



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

- Se querem ajudar economicamente a Guiné Bissau, ajudem as mulheres. Nós temos condições de mudar a “cara” desse país.

- Pois é senhor Maia. O que acontece na Guiné acontece em toda a África. O subdesenvolvimento continental e a discriminação contra as mulheres são fruto do atraso, da corrupção, do analfabetismo e da má gestão dos recursos públicos. A solução desses problemas passa por projetos como esse da **BSM – Fertilizers**, que geram emprego e renda e trazem em seu bojo todo desenvolvimento e crescimento social.

Um chefe de família quer seja homem quer seja mulher, tendo seus direitos trabalhistas respeitados, tendo uma renda no final do mês, transmite a sua família outra ordem social, outra visão do mundo.

E mais uma vez o senhor Jonathan tem razão. Retirar da terra aquela riqueza e processá-la em outro lugar qualquer, deixaria para trás somente um grande buraco; muita corrupção e desvio de dinheiro por parte dos governantes.

As histórias que me contaram do nível de corrupção ali são preocupantes. Inclusive eu estive com algumas das pessoas citadas por eles. Alguns deles são parentes de sua mulher e isso é motivo de constantes atritos entre ela e seus familiares.

O senhor tem a missão de analisar a viabilidade do projeto sem a presença do senhor Jonathan. Não sei se isso seria possível.

Com o senhor Jonathan no comando do projeto a coisa já não seria fácil, mas tínhamos a certeza de que havia um homem obstinado em transformá-lo em realidade, que não mediria esforços para que isso acontecesse.

Com o senhor Frederic no comando, pode ser que a coisa aconteça, mas será muito mais difícil e, certamente, custará o dobro do valor orçado.

O senhor Frederic estava sempre por perto. Não me inspirou confiança. Parece que estava ali mais pela oportunidade do que por



acreditar no projeto.

Nós sabemos que certo grau de corrupção sempre haverá. Porém, tive a intuição ou a sensação, que a presença do senhor Frederic no projeto era mais para garantir esse lado do dinheiro fácil. Em todas as reuniões que tivemos com as autoridades locais, o senhor Frederic tomava a frente e mostrava tudo de uma forma muito simples. Era como se a chegada de um bom volume de dinheiro resolvesse todos os problemas do país. Certamente que dinheiro resolve boa parte dos problemas de um país; porém o desenvolvimento resolve muito mais.

Essa conversa durou por mais de duas horas. O senhor Nicholas deu um bom colorido ao projeto, mas também deu alguns toques nebulosos, que eram preocupantes.

- Senhor Maia. Estão chamando o seu voo. Eu espero que o senhor tenha muito boa sorte e consiga nos trazer uma imagem mais clara desse horizonte que se apresenta um pouco turvo.

Um último detalhe senhor Maia. Da última vez que estive no Burkina, o senhor Jonathan me apresentou um jovem chamado Koko Gueye, primo de sua mulher. Ele estava ingressando na BSM-Fertilizers e seria o braço direito do senhor Jonathan. Procure por ele. Pode ser uma pessoa chave nesse emaranhado.

Despedimo-nos ali mesmo, e me dirigi para o embarque remoendo aquelas palavras e a percepção que o senhor Nicholas tivera do senhor Frederic.



Por quem os sinos dobram

Na sala de embarque ainda deu tempo para tomar um cafezinho e dar uma olhada nos jornais do dia. A Crise que abalara o mundo em 2008 era um novo fantasma que continuava assustando o velho mundo. O alerta da primeira ministra Ângela Merkel, da Alemanha, era a manchete dos principais jornais: “O fracasso do euro é o fracasso de toda a Europa”. Isso soava como uma grave ameaça; é melhor que se percam os anéis, que os próprios dedos. E perder os anéis, nesse caso, significava milhões de empregos em toda a Europa e instabilidade política nos países mais pobres.

Embarquei pensando na crise que desafiava e abalava todo o sistema financeiro mundial. Uma crise surgida no setor imobiliário dos Estados Unidos, promovida por algumas dezenas de executivos inescrupulosos, colocara em risco todo o sistema financeiro do mundo (e alguns desses executivos ainda foram regiadamente recompensados por isso).

Como símbolo dessa crise, escolhi uma frase do poeta inglês John Donne, do início do século XVII, alardeada aos quatro cantos do mundo através do romance de Ernest Hemingway; **Por quem os sinos dobram.**

“A morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou parte da humanidade; e por isso, nunca procure saber por quem os sinos dobram, eles dobram por ti”.



Parafrazeando John Donne, “Quando os países ricos perdem dinheiro, todos os países perdem, pois somos todos parte da sociedade mundial”

Diferentemente do plano metafísico, quando a morte de um homem “*presumivelmente*” afeta a vida de todos os demais, na relação entre os países, quando os ricos perdem, os pobres certamente perderão também.

Se os países pobres vão perder mais ou menos, isso vai depender do nível de globalização e do grau de relacionamento de cada país pobre com os países ricos.

Porém, irrelevante se torna a questão do “quantum” os países pobres vão perder em relação aos países ricos. O que é relevante é o impacto dessa perda em cada sociedade como um todo.

Quando os países ricos entram em crise, os sistemas de proteção de suas economias entram em cena. Antes de proibirem importações entre si, proibem as importações dos países pobres.

O efeito da perda de cinco por cento na receita externa dos países da Europa, do Japão ou da América do Norte, certamente causa certo impacto. Porém, a perda de cinco por cento na receita externa em países do terceiro mundo causa um impacto bem maior.

Uma crise nos países ricos leva a perda de parte da produção, porém, muito mais perdem os países pobres que estão na linha direta da dependência dos ricos.

Por isso, quando ouvir falar em crise no primeiro mundo, não pergunte por quem os sinos dobram. Certamente dobrarão pelos países pobres.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Foi pensando nessas desigualdades de impactos e do sofrimento individual, que cruzamos o Saara Ocidental a 39.000 pés de altitude.

Visto assim, de cima, ao amanhecer ou ao entardecer, o Saara apresenta um espetáculo de cores inesquecível. A alternância de tons vai do “areia” até o vermelho acobreado, com sombras que denunciam elevadas dunas.

- Será que os povos nômades, que cruzam o deserto com seus camelos, sabem que são afetados pelas decisões de Wall Street? Pensei sozinho!



Informações confidenciais

Cheguei ao Senegal no final da tarde de um dia ensolarado.

Tenho um amigo em Dakar, o senhor Boubakar Mbaye, a quem conheço há muitos anos e com o qual tenho desenvolvido uma boa relação de amizade e confiança.

Eu havia enviado um e-mail ao Boubakar, informando da minha chegada. Ele foi me apanhar no aeroporto. Aproveitamos para jantar e colocar os assuntos em dia.

Se alguém sabia de algum grande negócio que estivesse para ser alavancado na Costa Oeste da África, esse alguém era o Boubakar. Essa era a pessoa que eu queria encontrar antes de seguir para o Burkina.

Falei a respeito de minha ida a Ouagadougou e do projeto de fosfato.

- Senhor Maia, já ouvi falar desse projeto de fosfato do Burkina. Ele contempla, inclusive, melhorias na estrada de ferro Ouagadougou x Dakar e melhoras em nosso porto. É algo que pode revolucionar a economia do Burkina e de toda nossa região.

A Costa do Marfim também está pleiteando o direito de exportar esse adubo pelo porto de Abidjan. Eles levam vantagem por ser mais perto do Burkina, mas nós temos melhores rotas marítimas.

Já ouvi também a respeito do senhor Jonathan. Estive com ele



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

algumas vezes. Parece-me ser um homem centrado, bem formado e bem informado. Ele já esteve aqui em Dakar, apresentando o projeto ao nosso governo e solicitando as melhoras que mencionei.

Há um firme propósito de nosso governo de atender as reivindicações contidas no projeto do senhor Jonathan. Quando concluído esse projeto poderá trazer benefícios para todos os países da Costa Oeste.

O senhor Makeba aproveitou sua estada no Senegal para fazer uma palestra na Universidade de Dakar, sobre Colonialismo, parcerias e desenvolvimento. Aqui em nossa Universidade temos estudantes de toda a África, principalmente dos países do Sahel.

Ao final da palestra ele jogou sobre os ombros dos jovens estudantes universitários a responsabilidade pelo desenvolvimento do continente, com palavras mais ou menos assim:

-“Vocês são os responsáveis pelo desenvolvimento de toda a África. Vocês são a massa pensante que vai transformar esse continente. O projeto que estamos desenvolvendo no Burkina, é apenas um entre dezenas e centenas de outros projetos que podem colocar o continente africano no mundo globalizado. Vocês é que vão gerar as novas oportunidades e gerir os novos projetos. A África somente será independente se tomarmos as rédeas de nosso destino. E são vocês os responsáveis por essa independência; não pelas armas, como no passado, mas pela inteligência, pela capacidade de transformar a realidade que vivemos”.

Ele é um excelente orador. Foi bastante aplaudido pelos estudantes. Esses jovens idealistas saíram dali com outra visão de como promover o desenvolvimento em todo o Continente Africano.

- Bouba, eu não conheço o senhor Jonathan, mas esse pedaço do



discurso dele para os estudantes me fez lembrar um grande líder africano, Patrick Lumumba, ex Primeiro Ministro do Congo, cujas palavras são mais ou menos assim.:

“A República do Congo foi proclamada e agora se encontra nas mãos de seus próprios filhos. Juntos meus irmãos, minhas irmãs, vamos começar uma nova luta, uma luta sublime... Vamos mostrar ao mundo o que o homem negro é capaz de fazer quando trabalha em liberdade... E para tudo isso, meus caros compatriotas, estejam certos que contaremos, não apenas com nossa imensa força e imensas riquezas, mas com a assistência de inúmeros países cuja colaboração aceitaremos, se ofertada livremente e sem a tentativa de imposição de uma cultura alienígena, não importa qual seja sua natureza...” .

- Esse discurso aconteceu no dia da independência do Congo, em 1960. Menos de um ano depois ele foi torturado e assassinado num golpe de estado patrocinado pela Bélgica, com o apoio tácito dos Estados Unidos.

- Pois é senhor Maia. Esse é o *modus operandi* das potências que dominam a África. Quando alguém lhes obstrui o caminho, ele simplesmente é eliminado. Foi assim com Patrick Lumumba no Congo, foi assim com Samora Machel em Moçambique, foi assim com Amílcar Cabral na Guiné e continua assim. Só enxergam os países africanos como supridores de matérias-primas, não como parceiros comerciais.

É isso que o senhor Makeba quer mudar. Essa é a sua mensagem. E ao que me parece ele tem conseguido mudar a percepção dos jovens africanos, que começam a enxergar uma nova forma de lidar com as



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

empresas internacionais. Essas empresas não são amigas ou inimigas. Tudo depende de como os líderes africanos vão tratá-las.

Se algum líder africano concede a uma empresa estrangeira o direito de explorar algum minério em seu território, mediante propina, degradando o ambiente, escravizando o povo, extraindo a matéria-prima bruta sem nenhuma agregação de valor, para processar em outro lugar, o inimigo do povo não é a empresa estrangeira, mas os donos do poder que fizeram todas aquelas concessões.

Nesse ponto o senhor Makeba está certíssimo. Há que se processar a matéria-prima africana na África. É nessa linha de pensamento que ele tem atraído cada vez mais jovens universitários para suas palestras.

Outro ponto forte do discurso do senhor Makeba é a sua posição contra o trabalho escravo, continuou o senhor Boubacar. Na palestra que participei, ele bateu forte contra essa nova modalidade de escravidão preconizada pelos chineses. Em seu discurso ele dizia:

“Há uma determinada parceria que é mais perniciosa aos povos africanos do que permanecerem no estado de inanição em que se encontram; é a parceria chinesa para a produção de alimentos em fazendas arrendadas em território africano.

Nessas fazendas, que já ultrapassam cem mil quilômetros quadrados em diversos países africanos, o trabalho é escravo. Tanto escravos, que trazem da própria China, quanto escravos “contratados” na África, e isso em plena segunda década do século XXI. Essa moderna escravidão (se é que escravidão pode ser moderna), não transporta o negro africano para o “país comprador” ele se torna



escravo em seu próprio país.

Essas fazendas, ou espaços alugados ou arrendados, tornam-se com o passar dos tempos uma extensão do território chinês, com dezenas de milhares de chineses trabalhando e morando nessas “Novas Chinas”. Calcula-se que mais de quinhentos mil chineses migraram ou foram enviados para a África, nos últimos dez anos.

A língua que se fala nessas comunidades é o chinês (ou mandarim); a moeda é Yuan; a lei que regula o cotidiano das pessoas é a lei chinesa, isso sem falar nos hábitos, costumes e tradições seculares, praticados na China, que são transportados para essas “Novas Chinas”.

Essas novas comunidades chinesas em território africano serão, no futuro, enclaves internacionais, que poderão desestabilizar a precária estabilidade política do continente. A presença chinesa na África fere e distorce um dos princípios básicos da harmonia entre as nações; a auto-determinação dos povos.

Alguns defensores da presença chinesa na África poderiam argumentar;

- Mas os europeus fizeram isso e muito mais!

- E eu lhes respondo. Sim, de fato. Os europeus fizeram isso e muito mais. O resultado aí está. Um continente inteiro devastado pela fome; pela miséria; pela AIDS e por toda desgraça que possa se abater sobre um povo.

Não é isso queremos para a África nos próximos séculos.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Nós não podemos permitir a repetição de um erro que nos custou e nos custa tão caro.”

Ele é um orador eloquente e um homem de grande visão. Não tardara a despontar como uma das lideranças africanas desse século.

Conversar com Boubacar era sempre interessante. Nossas conversas rolavam por horas. Aquilo para mim era um aprendizado sobre a África. Ele tinha sempre alguma novidade para contar ou algum negócio a propor.

Despedi-me do senhor Boubacar, agradei pela gentileza de apanhar-me no aeroporto e fui dormir bastante cansado pela longa viagem. Prometi que na volta faria um relato do avanço das negociações.

Aquela conversa me deixou bem animado. Pelo que pude perceber o senhor Jonathan parecia conciliar a teoria e a prática. Era um homem que sabia negociar e conhecia profundamente aquilo que defendia: O desenvolvimento de Burkina Faso e das nações africanas, através da exploração racional de seus recursos naturais.

Quem sabe não estávamos assistindo ao nascimento de um grande líder como Amílcar Cabral, Samora Machel, Agostinho Neto, Patrick Lumumba ou um Nelson Mandela?

No outro dia pela manhã e para minha surpresa, meu amigo Boubakar estava no hall do hotel a minha espera.

- Bom dia Senhor Maia. Vim para o café da manhã contigo. Depois te deixarei no aeroporto.

- Oh Boubacar. Muito obrigado. É muita gentileza de sua parte.

- Isso não é nada, estou aqui para servi-lo! Mas há um assunto



que quero falar contigo. E não pode ficar para depois.

Ontem a noite, depois que cheguei em casa, fiz algumas ligações para amigos que tenho em Ouagadougou, e me informaram que esse novo grupo que está no comando do projeto tem alguns problemas com a justiça e somente está no comando graças ao apoio de uma ala radical do governo, extremamente corrupta e violenta.

Tentei localizar o senhor Jonathan. Falei com diversos amigos comuns em Ouagadougou e o que se sabe é que o senhor Jonathan não é visto por lá há bastante tempo.

Esse novo grupo está espalhando por todos os cantos que o senhor Jonathan pegou um avião e foi para a América negociar o projeto do fosfato. Consegui um bom dinheiro por lá e nunca mais voltou.

Não é difícil deduzir que há algo errado nessa história: Se o senhor Jonathan foi para Nova York para dar início ao projeto de sua vida, e lá não chegou, e se você vem a Ouagadougou em busca dele, algo não está fechando.

Enquanto você vai a Ouagadougou, eu vou continuar tentando localizar o senhor Jonathan. Qualquer novidade eu te aviso. Por favor, me deixe o telefone do hotel que vai ficar em Ouagadougou. Se não conseguir falar por telefone envio um e-mail.

De toda forma senhor Maia, tenha cuidado. Em momento algum pergunte pelo senhor Jonathan. Isso pode ser perigoso. Fique restrito à sua missão, que é representar a Canadá Phosphates e analisar os pontos que não estão devidamente esclarecidos. A vida por aqui senhor Maia, vale muito pouco. Ou quase nada.

Parece que impera uma lei do silêncio lá em Ouagadougou.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Ninguém fala do desaparecimento do senhor Jonathan. Enquanto estiver por lá **boca chiusa**, como dizem os italianos.

Embarquei para Ouagadougou preocupado com as últimas palavras do senhor Boubacar. Ele era um homem muito bem informado das questões políticas e econômicas de toda a África, e especialmente dos países do ECOWAS (Economic Community of West África States), entidade da qual fazem parte o Burkina Faso e o Níger.



A chegada a Ouagadougou

O voo para Ouagadougou não era direto. Havia uma escala de meia hora no Aeroporto Internacional de Bamako, no Mali. Escalas de avião na África são complicadas. Você sabe que desce, mas não sabe se sobe. Também nunca se sabe se meia hora é, de fato, meia hora.

Nesse dia, por mais de uma hora ficamos “assando” dentro do avião, com o ar condicionado desligado, a espera de alguma autoridade que havia se atrasado. Finalmente, uma hora e meia após termos pousado, fecharam a porta da aeronave e decolamos novamente.

Nesse espaço de tempo eu fiquei tentando compor uma ideia do perfil e do pensamento do senhor Jonathan Swift Makeba. Tem nome de poeta europeu (ou nome de branco, como dizem) e sobrenome africano. É um orador eloquente. Tem conhecimentos sólidos de economia internacional e visão de futuro. Tem visão da África como um todo. Tem princípios humanísticos ao se posicionar contra a moderna escravidão na África. Quanto mais vou conhecendo o pensamento do senhor Jonathan, mais me aproximo dele.

Passava das sete horas da noite quando aterrissamos no Aeroporto Internacional de Ouagadougou. O aeroporto é bastante antigo. Havia mais de cinco anos que eu havia passado por ali. O aeroporto continuava do mesmo jeito. Certamente que um pouco mais velho e bastante deteriorado.

Um ligeiro problema na alfândega atrasou um pouco mais meu desembarque. O funcionário queria saber por que sendo brasileiro meu



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

visto havia sido conseguido nos Estados Unidos. Não foi difícil fazê-lo entender que eu trabalhava no Canadá e por isso mesmo meu visto era dos Estados Unidos. Não era do Brasil porque eu não residia lá e nem era do Canadá porque Burkina Faso não tem embaixada no Canadá.

Essa explicação era desnecessária. Qualquer nota de cinco dólares resolveria muito mais rápida essa questão, mas preferi fazer tudo certo. Afinal de contas eu era o Diretor de Operações Internacionais da Canadá Phosphates.

Resolvido esse pequeno entrevero, apanhei minha mala e sai do salão de desembarque.

Dois senhores bem vestidos, ambos de terno claro, me aguardavam a saída. Um deles empunhava uma plaqueta “Canadá Phosphates” e meu nome logo abaixo.

Eu pensei que haveria somente uma pessoa a minha espera, o senhor Frederic Lecont. Esse era o novo presidente da BSM, e o nome que assinava toda a correspondência com a Canadá Phosphates.

- Senhor Frederic? Eu sou Altair Maia, da Canadá Phosphates!

Eu havia me dirigido ao senhor mais alto, de pele mais clara, e um pouco gordo.

No entanto o senhor Frederic era o mais baixo, negro, ligeiramente careca, com os poucos fios que lhe restavam já embranquecendo, de óculos e de bigode, também já embranquecido.

- Senhor Maia, é um prazer recebê-lo em Ouagadougou! Este é o senhor Jean loc, meu sócio na BSM

Após as apresentações (O cartão de visitas da Canadá Phosphates causou boa impressão), o senhor Jean chamou o motorista, um senhor



com quase dois metros de largura. Parecia mais segurança do que motorista. Apanhou minha mala como se fosse de brinquedo e nos dirigimos para o estacionamento.

A frota de automóveis em Ouagadougou, como em todo o resto da Costa Oeste da África, é bastante velha. Em sua grande maioria são carros franceses das décadas de sessenta ou setenta do século passado.

A nossa espera estava uma Mercedes relativamente nova. Acomodamos-nos no automóvel e fomos conversando amenidades até a cidade.

Na recepção do hotel, após o meu check-in, ficamos conversando sobre a agenda do dia seguinte e eles foram me informando quem era quem e qual o papel de cada um dentro do esquema que haviam montado para o projeto da BSM.

Como me pareceu que queriam esticar a conversa, eu os convidei para jantar, ali mesmo no hotel. Assim poderíamos conversar a vontade. O convite foi prontamente aceito.

O senhor Frederic chamou o garçom, pelo próprio nome, demonstrando certa intimidade, e solicitou um whisky.

- Aceita um trago senhor Maia?

Aceitei uma dose, apenas por cortesia. Não gosto de beber enquanto estou em serviço. Enquanto sorvia meu whisky, com bastante gelo, assisti os dois senhores beberem o restante do litro. Eram “bons de copo”.

Ficamos conversando por mais de duas horas. Eu queria saber “quem” de fato, eram aqueles senhores que estavam em substituição ao senhor Jonathan.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

A certa altura da conversa entraram de vez no assunto que já haviam abordado ligeiramente por diversas vezes.

- O fosfato de Burkina é tão bom quanto o de Nauru, lá no Pacífico. Só que o de lá já acabou e o nosso está no começo da exploração.

- Sim senhor Frederic. O fosfato de Nauru era de muito boa qualidade. Algumas décadas atrás a Canadá Phosphates participou da extração daquele fosfato. Quando entramos no negócio restava pouco fosfato e muita degradação ambiental. Mas a qualidade do fosfato era, de fato, muito boa.

Com essa mina na fronteira com o Níger e a garantia de monopólio em ambos os lados da fronteira, que os senhores estão nos oferecendo, temos condições de fazer uma boa exploração com o mínimo de degradação ambiental.

- Senhor Maia, com a implantação desse projeto nós vamos ganhar muito dinheiro, disse o senhor Frederic. Quanto a questão ambiental, nossa legislação ainda é frouxa nesse sentido e não haverá ninguém para nos perturbar. Quanto a isso o senhor pode ficar tranquilo. Amanhã teremos algumas reuniões onde o senhor poderá sentir a força de nossa empresa.

- Vamos ganhar muito dinheiro, repetiu o senhor Jean. Nós e o senhor também, se nos ajudar como pretendemos.

Ali começava uma ladainha que já ouvira tantas vezes em se tratando de investimentos estrangeiros na África. Certamente iriam propor superfaturar tudo que fosse possível e desviar parte das verbas sociais para contas e projetos pessoais.

- Certamente que tudo é possível, senhores. É para isso que estou aqui. Como os senhores viram no e-mail do presidente da Canadá



Phosphates informando minha vinda, eu tenho autonomia de decisão. Tudo que for dito e negociado aqui será validado pela nossa matriz em Vancouver. Estou aqui para auxiliá-los em tudo que for possível para a concretização desse projeto. Essa é a minha missão.

Aquela resposta agradou em cheio. Encheram mais um copo de whisky, e fizeram um brinde ao novo negócio.

- Bem, senhores. Por hoje é só. Se me permitem vou me recolher. Tive um dia deverasmente cansativo. Venham para o café da manhã e continuaremos nossa conversa.

- Tudo bem senhor Maia, mas há um último detalhe: Não fale com ninguém nessa cidade. Sua visita ainda é mantida em sigilo. Há pessoas que poderiam atrapalhar nossos planos.

Lembrei-me das recomendações de meu amigo Boubakar. Boca chiusa.

- Não se preocupe senhor Frederic. Minha missão aqui é conversar com os senhores e com as autoridades as quais nosso projeto é afeto. Com mais ninguém. Eu sei que um projeto desse volume de dinheiro, numa economia pequena como a do Burkina atrai muitos curiosos e gente de todo tipo.

- Pois é senhor Maia. Daí a nossa preocupação.

Solicitei ao garçom a conta de nossas despesas, mas o senhor Frederic disse que esse primeiro jantar era por conta de sua empresa. Imediatamente fez sinal ao garçom para que “pendurasse” aquela conta.

Fizeram um último brinde, chamaram o motorista e deram boa noite, não sem antes repetir a frase “Nós vamos ganhar muito dinheiro”

E saíram bastante alegres.



Mapa da África de 1820, elaborado por Adrien Hubert Brué (1786-1832), um dos principais cartógrafos franceses da Época. Mostra a situação do conhecimento geográfico Europeu, sobre a África no início do século XIX.

Por essa época a presença europeia na África reduzia-se a poucos pontos no litoral. Em toda sua grande extensão a África era governada por africanos. O continente era dividido em função dos povos que habitavam determinada região, formando os impérios, reinos e cidades-estado.



O Burkina Faso e o Níger – A costa Oeste da África

A Costa Oeste da África foi a primeira região que os europeus exploraram, depois dos países mediterrâneos do Norte.

Na segunda metade do século XIV os portugueses começaram a desbravar a região, iniciando pelos arquipélagos de Açores, da Madeira, Canárias e Cabo Verde. Em meados do século XV desembarcaram na África continental. Primeiro na região do Senegal e foram pontilhando toda a região, até a África do Sul. Contornar o Cabo das Tormentas (hoje Cabo da Boa Esperança), com suas águas revoltas, demandou um pouco mais de tempo. Isso somente aconteceu em 1488.

Com a descoberta das Américas e graças ao modelo econômico baseado na escravatura, o eixo do comércio acontecia da Europa para a América do Norte e para o Brasil e do Brasil para a África.

A Europa supria o que o Brasil necessitava e o Brasil supria o que os reinos africanos necessitavam, em troca de escravos.

O comércio entre o Brasil e a África era, portanto, quase um sistema econômico fechado em si. Eram intensas as relações desses governantes africanos com o Brasil. Nada se fazia de um lado do Atlântico que não repercutisse no outro. A presença européia na África, por essa época, no início do século XIX, se resumia a poucos pontos no litoral.

Em toda sua grande extensão a África era governada por africanos. O continente era dividido em função dos povos que habitavam



determinada região, formando os impérios, reinos e cidades-estado.

O movimento pela libertação dos escravos, levado avante pela Inglaterra, promoveu e desembocou num novo imperialismo europeu, remodelando o mapa das **fronteiras africanas**, com a introdução das **fronteiras européias** na África.

A macrorregião da Costa Ocidental africana é composta hoje por vinte e dois países (Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Camarões, Cabo Verde, Chade, República do Congo, Guiné Equatorial, Gabão e São Tomé e Príncipe).

Alguns países, como o Burkina Faso, o Níger, o Mali e o Chade, não têm acesso ao mar. Outros, como Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, são ilhas.

No ranking dos dez países mais pobres do mundo, dez estão na África e desses, uma boa parte está nessa macro-região da Costa Ocidental.

Países como Burkina Faso, Chade, Mali, Níger, Guiné Bissau, Guiné Conacry, Libéria e Serra Leoa ocupam uma incomoda posição na rabeira dos países em desenvolvimento.

Tanto o Níger, quanto o Burkina, têm o Deserto do Saara como limite Norte. Ao Sul o Burkina tem sua maior fronteira com o Gana, enquanto o Níger tem uma larga faixa fronteira com a Nigéria.

O clima dos dois países é bastante parecido, tendo a Savana com elemento predominante, algumas florestas ao Sul e clima seco ao Norte, sendo que boa parte do Níger está dentro do Deserto do Saara.

As Reservas Florestais do Burkina Faso contêm animais que



estão na lista de extinção, como os elefantes, hipopótamos e antílopes.

O turismo, que poderia ser uma fonte de renda, não é devidamente explorado, face aos riscos inerentes a uma viagem a qualquer dos dois países.

O Burkina, com duzentos e setenta mil quilômetros quadrados de extensão territorial, e pouco menos de quinze milhões de habitantes, é um país densamente povoado. Já o Níger, com mais de hum milhão e duzentos mil quilômetros quadrados, é um dos grandes países da África. A escassa população, de menos de treze milhões, confere ao Níger uma baixa densidade demográfica, principalmente no Norte, com menos de dez habitantes por quilometro quadrado.

A população de ambos os países é majoritariamente muçulmana. No Burkina cerca de sessenta por cento da população pratica o islamismo, enquanto no Níger esse percentual ultrapassa os noventa por cento.

O lado bárbaro da cultura desses dois povos, como em todos os países do Sahel e mais alguns na África e no Oriente Médio, é a prática da mutilação genital feminina.

Esse costume, que consiste na extirpação do clitóris das meninas, ainda em tenra idade, além do ato bárbaro em si, é levado a efeito sem as mínimas condições de higiene. Tem como consequência a morte de milhares de crianças ou deixa sequelas para o resto da vida.

Diversas organizações mundiais têm se levantado contra essa prática ignominiosa, promovendo debates e querendo a sua condenação nos tribunais internacionais.

A colonização francesa, quando o Burkina ainda se chamava Alto Volta, legou o francês como língua oficial, se bem que dialetos locais são bastante utilizados, como o moré e o diula. Há algumas localidades em



que o francês não é falado.

Já o Níger, foi incorporado à África Ocidental Francesa em 1896. No Níger, além do francês, fala-se também o tuaregue e o hauçá. Em algumas regiões também, não se fala o francês, somente as línguas nativas.

A economia, em ambos os lados da fronteira, é muito parecida. O Burkina é essencialmente agrícola, com a quase totalidade da população praticando a agricultura de subsistência. As oscilações no regime de chuvas afetam diretamente a produção de alimentos como em todo o Sahel. Os períodos de seca prolongada, que têm se tornado mais constante nos últimos anos, aumentam a fome e a miséria nos dois países,

O Níger, cuja economia também se assenta sobre a agricultura de subsistência, teve um surto de progresso nos anos setenta, com a exploração e exportação de Urânio. Com a queda do preço desse produto a economia do Níger “voltou ao normal” seguindo seu ritmo de país essencialmente agrícola.

Vale ressaltar que ambos os países dependem fortemente de ajudas internacionais, as quais têm minguado nos últimos anos em decorrência das incertezas da vida política e econômica e das más aplicações desses fundos.

A formação do bloco do UEMOA - União Econômica e Monetária do Oeste Africano - em 1994 e implementado a partir do ano de 2001, gerou certa estabilidade aos países signatários.

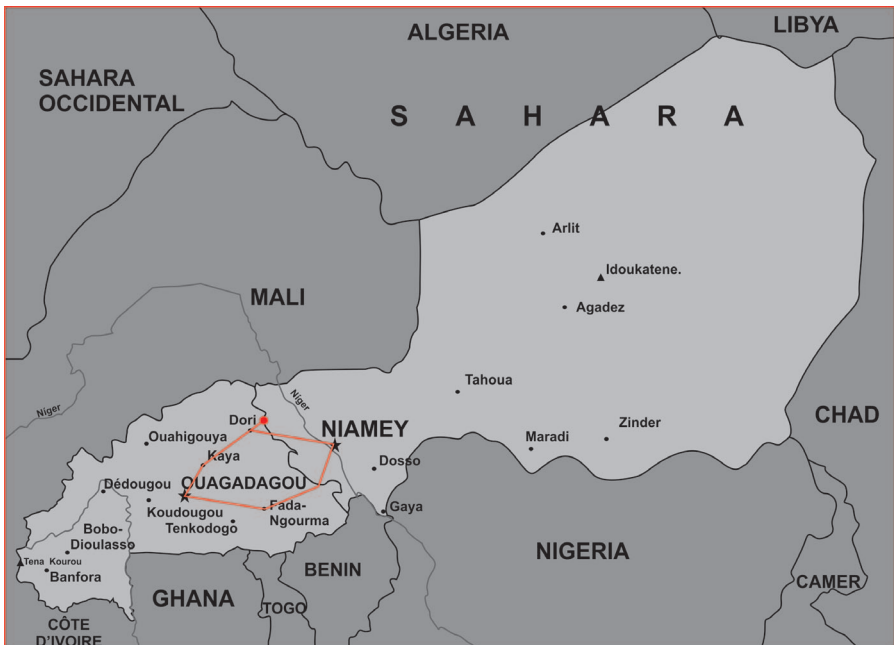
Esse bloco, formado pelo do Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Mali, Níger, Senegal e Togo e Guiné-Bissau, instituiu um Banco Central único, que estabelece toda política monetária dos países



membros, e uma moeda única, o Franco CFA ou Xof, que circula nos oito países.

A conversão do Xof para outras moedas é livre e a taxa de conversão é fixa com o euro. Essa conversão fixa não está amarrada na constituição dos países, como aconteceu na Argentina e acabou quebrando o país. Alterações nessa política dependem do consenso dos oito países. Dificilmente problemas internos, ou problemas de câmbio em um país, seriam capazes de afetar ou alterar a política para todos os demais.

Essa nova moeda em circulação no Oeste da África trouxe maior estabilidade aos negócios internacionais, gerando nos parceiros comerciais a confiança necessária ao desenvolvimento do comércio internacional.





O Sahel africano

Entre o Deserto do Saara e as áreas de floresta na África Central, há uma extensa faixa de terra denominada SAHEL.

Sahel, na linguagem Tuaregue, quer dizer borda, fronteira ou divisa.

Essa “fronteira” vai desde a região do Senegal e Mauritânia no Oceano Atlântico, até o outro lado da África, com o Djibuti e a Eritreia no Mar Vermelho e a Somália, no Oceano Índico.

De ponta a ponta, o Sahel se estende por mais de seis mil quilômetros, com largura variando de duzentos a setecentos quilômetros. Essa área ocupa mais de 3 milhões de quilômetros quadrados.

O clima seco nas áreas mais próximas ao Deserto do Saara registra pouca pluviosidade. Porém, na parte próxima a região central africana, o índice de chuvas atinge até 1000 mm ao ano, com grandes áreas propícias a agricultura.

Nessa região do Sahel, nos anos setenta do século passado, uma longa seca provocou a morte de milhares de pessoas. Esse fato levou a criação do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola – FIDA.

Esse Fundo opera como uma agência da ONU e tem como objetivo fornecer financiamento direto para programas específicos destinados a promover o avanço econômico das regiões pobres, principalmente através do melhoramento da produtividade agrícola.

Esse era o ponto no qual o senhor Jonathan se apegava e que



mereceu um capítulo a parte em seu projeto.

Três milhões de quilômetros quadrados; alta tensão social provocada pela escassez de alimentos; grandes áreas propícias a agricultura; uma agência da ONU para financiar projetos de pequeno, médio ou grande porte, visando o aumento de produtividade agrícola em áreas pobres. Tudo isso transformava o Sahel numa das áreas mais indicadas para receber o apoio e ajuda do FIDA.

Todas essas variáveis, porém, esbarram no custo do transporte para se levar até essa região, fertilizantes e know how para o desenvolvimento agrícola.

Uma fábrica de fertilizantes dentro da região do próprio Sahel era tudo que se poderia desejar.

Durante todo o tempo que o senhor Jonathan estava negociando com a Fertilizers, estava também abrindo as negociações com a ONU e com os governos dos países do Sahel, informando sobre a proximidade da inauguração da fábrica de fertilizantes do Burkina.

Quando o senhor Jonathan foi chamado a Nova York essas negociações já estavam bastante avançadas.

O que ele buscava não eram financiamentos e empréstimos a fundo perdidos. Essa política até que poderia ser utilizada nos dois primeiros anos.

O que o senhor Jonathan queria era que a ONU colocasse em prática todo o discurso de ajuda aos países pobres, diretamente. Ou seja; ele queria que houvesse escritórios do FIDA analisando e estudando os pedidos de empréstimo diretamente em cada país, ou pelo menos nas regiões mais afetadas pela fome e pela miséria. O crédito sairia direto em toneladas de fertilizante, não em dinheiro sonante. Dessa forma se



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

evitaria a burocracia estatal e principalmente se evitaria a corrupção que via de regra envolve essas ajudas.



O Sahel africano

Mais de seis mil quilômetros de extensão, por uma media de quatrocentos quilômetros de largura, ocupando mais de três milhões de quilômetros quadrados. Fazem parte do Sahel o Senegal, a Mauritânia, o Mali, o Burkina Faso, o Níger, parte da Nigéria, o Chade, o Sudão, a Etiópia, a Eritreia, o Djibuti e a Somália.



Uma zona em permanente conflito

Onde falta comida sobram problemas. Diz o dito popular. E no Sahel o que não falta são problemas.

Há uma região dentro do Sahel que apresenta, além de todos os problemas naturais decorrentes da falta de comida, água, remédios, saneamento básico etc.; uma variável que supera todas as outras, a intolerância religiosa e racial.

O Sudão, país com mais de quarenta milhões de habitantes, convive há muitos anos com uma das mais cruentas guerras civis de que se tem notícia.

Desde o início do conflito, há mais de quinze anos, calcula-se que dois milhões de pessoas tenham sido mortas e outro tanto colocadas em verdadeiros campos de concentração ao Sul e a Oeste do Sudão, na região de Darfur, onde campeia a fome, a miséria e as doenças.

Essa guerra acontece entre o Norte muçulmano árabe e o Sul católico, animista e africano. O petróleo e o domínio das águas do Rio Nilo, são o pano de fundo dessa guerra.

Grupos árabes, da região norte do país, armados pelo governo de Cartun, promovem uma matança desenfreada de “não árabes” através de execuções sumárias ou de confinamentos sem as mínimas condições de sobrevivência, em verdadeiros campos de concentração.

A guerra no Sudão perdeu qualquer sentido, se é que já teve



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

algum. O que existe ali é uma matança; milícias de homens armados contra civis desarmados.

A recente decisão do Sul de se separar do Norte, através de um plebiscito vistoriado pela ONU, poderá tanto ser o fim desse conflito quanto o começo de outro, de maiores proporções ainda. Que Deus e Allah se apiedem daquele povo.



O primeiro dia de trabalho no Burkina

No outro dia, quando desci para o café da manhã, o senhor Jean e o senhor Frederic já estavam a minha espera.

Nossa agenda de trabalho contemplava um dia inteiro de reuniões com autoridades de interesse para o projeto. Haveria outro dia de visita ao campo, para conhecer o terreno do projeto, numa região denominada Dori, ao Norte do País.

Enquanto tomávamos o café da manhã o senhor Frederic foi informando nossa agenda do dia, que incluía uma visita ao Ministro das Minas e ao Ministro da Agricultura. Para o almoço estávamos marcados com a autoridade monetária, que regulava a entrada e saída de divisas do país. Com essa pessoa eu saberia o porquê dos vinte por cento de incentivo ter desaparecido do projeto.

A reunião com o Ministro das Energias foi apenas protocolar. Era mesmo para que ele desse seu aval e informar que estava de pleno acordo com todas as decisões do senhor Frederic.

- Senhor Maia, todo e qualquer investimento que venha do exterior é muito bem vindo aqui no Burkina. Conforme já lhe explicou o senhor Frederic, nosso governo dará toda cobertura a esse projeto.

O senhor Frederic é um homem gabaritado para isso e entende muito bem tudo que é necessário fazer para que corra na mais perfeita ordem. As decisões do senhor Frederic contam com nosso total e irrestrito apoio.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

O senhor Frederic se inchava de orgulho a cada elogio do ministro.

- O mapeamento da região já está todo concluído, continuou ele. A parte da mina que se estende ao Níger é pouco mais de vinte por cento. Não chega aos trinta por cento como imaginávamos.

Percebi claramente a intenção do senhor ministro de querer reduzir a participação do Níger nos royalties do projeto.

- Mas é bom deixarmos o projeto tal qual foi elaborado. Mexer nesse percentual pode dar a entender as autoridades do Níger a sensação de que estão sendo “passados para trás”, disse eu completando o pensamento do senhor ministro. Afinal de contas, senhor Ministro, se queremos desenvolver toda uma região, não podemos aumentar a tensão na fronteira reduzindo os royalties do Níger.

- O senhor tem razão senhor Maia. É melhor deixarmos do jeito que está. Reduzir os royalties do Níger poderia nos trazer muitos problemas.

Nossa reunião demorou menos de uma hora. Saímos dali direto para o Ministério das Terras, onde teríamos a segunda reunião do dia.

O governo do Burkina, através do Ministério das Terras havia cedido, em comodato, parte das terras onde se localizaria o projeto Burkina société minière. O governo do Níger havia cedido o terreno restante.

Essa cessão era gratuita, por noventa e nove anos, e o cessionário deveria obedecer a determinados critérios técnicos.

O principal critério era relativo à mão-de-obra. A empresa cessionária não poderia utilizar mais de cinco por cento de mão-de-obra



estrangeira, a qualquer título.

Esse critério da mão-de-obra local havia sido incluído pelo senhor Jonathan em seu projeto original, como forma de garantir empregos para o povo de sua terra. Proporcionalmente à quantidade de terra cedida pelo Níger, deveria ser também a quantidade de empregos para o povo da fronteira.

- Há outro detalhe senhor Maia, que não está escrito, mas é para ser cumprido como se estivesse. Disse o ministro.

Cinco por cento da produção física da fábrica deve ser doado a uma empresa indicada pelo ministério, para que seja distribuído aos agricultores da fronteira, “para evitar possíveis retaliações”.

- Distribuído aos agricultores da fronteira... Pensei com meus botões.

Com esses cinco por cento da produção física de adubos, eles provavelmente dominariam o mercado interno, fazendo o preço oscilar de acordo com suas necessidades. Além do que os insumos agrícolas são sempre uma ótima moeda de troca nas alianças e acordos políticos.

- Cinco por cento da produção física de qualquer indústria afeta o nível de preços senhor Ministro. Para embutirmos esses cinco por cento nos custos internos vamos perder competitividade internacional.

- Creio que não senhor Maia. O ex-presidente da BSM já havia conseguido isso com a empresa que ele estava negociando em Nova York! Portanto, se a outra empresa daria os cinco por cento, porque a Canadá Phosphates não pode dar?

Pela primeira vez, desde que cheguei ao Burkina, mesmo sem falar explicitamente seu nome, o senhor Jonathan fora citado. Mesmo



que fosse para dar suporte a uma afirmação duvidosa, o nome do senhor Jonathan veio à tona.

O homem blefava bem. Em momento algum o projeto original do senhor Jonathan mencionava qualquer doação para quem quer que fosse.

- Bem senhor Ministro, o papel aceita tudo. Depois verei com o senhor Frederic como rearranjar tudo isso. Os cinco por cento serão re-arranjados. Se sairmos daqui com tudo devidamente enquadrado, não teremos problemas quanto à aprovação pela nossa diretoria. O senhor Frederic orientará na montagem desses números.

O ministro ficou contente com a forma como as coisas estavam sendo conduzidas. Cinco por cento de toda a produção de fosfato para ele e seu grupo. Isso daria para se manterem no poder por muito tempo.

Já passava da uma hora da tarde quando chegamos ao restaurante onde deveria acontecer a terceira reunião do dia. O pouco tempo que andamos pela rua deu para sentir a secura do ar e o calor escaldante. Já chegamos pedindo ao garçom que nos servisse algum refrigerante.

Mal nos sentamos e tocou o celular do senhor Frederic. Era o Ministro das Finanças. A autoridade monetária do país. Ele não poderia vir naquele momento. Fora chamado para uma reunião com seu superior. Nossa reunião estava transferida para seu gabinete, às cinco horas da tarde.

O garçom nos serviu alguns refrigerantes, todos de marca estrangeira, e almoçamos lentamente enquanto aguardávamos o passar das horas.

O senhor Jean queria iniciar a revisão dos números do projeto, mas o senhor Frederic o desestimulou de seu intento.



- Deixe isso pra depois Jean, disse ele. Faremos todos os ajustes de uma só vez. Remendar um remendo é pior do que fazer de novo.

“Faremos todos os ajustes de uma só vez”. Isso soou como um aviso; ainda tem mais coisa pela frente...

Às quatro e meia da tarde já estávamos na ante-sala do Ministro das Finanças.

Quando a secretaria nos convidou para a sala de reuniões passava um pouco das cinco horas. A mesa de reuniões era grande e espaçosa. O senhor Ministro era ainda bastante jovem. Negro, magro e de aspecto circunspeto. Creio que sua idade não ultrapassa os quarenta e cinco anos.

- Boa tarde senhor Maia. Desculpe pelo adiamento de nossa reunião. Meu superior queria saber detalhes desse projeto. Agora ele já está devidamente informado.

- Boa tarde senhor Djaura (era esse o seu nome). É bom saber que seu superior está de acordo com tudo que estamos negociando. Contar com o aval dele é fundamental quando se trata de um investimento tão vultoso.

- Quanto a isso senhor Maia, o senhor pode ficar tranquilo. Ele tem total confiança que eu e o senhor Frederic saberemos tocar esse investimento nos seus mínimos detalhes.

- Mas vamos ao trabalho. Como o senhor sabe senhor Maia, o Burkina é um país muito pobre. Nosso governo luta permanentemente contra a falta de recurso, tanto no plano interno quanto externo.

No plano interno, a adoção do Franco CFA como moeda única do UEMOA, trouxe certa estabilidade a nossa região. Agora nós temos



um referencial.

No plano externo, além das receitas oriundas das exportações e dos impostos sobre as importações (que são poucas), adotamos uma alíquota de vinte por cento sobre as remessas do estrangeiro para o Burkina.

Portanto senhor Maia, todas as remessas provenientes do exterior, para empresas ou cidadãos em Burkina Faso, são taxadas em vinte por cento a título de Contribuição para o Desenvolvimento Social do país, disse o ministro.

- Porém, para o projeto do fosfato, nós conseguimos a isenção dessa taxa senhor Maia, completou o senhor Frederic.

- Muito bom, senhores, isso nos dará mais folga de trabalho.

A isenção dessa taxa era uma das condições que o senhor Frederic havia nos informado através de um e-mail. (Na realidade o projeto apresentado pelo senhor Jonathan, já contemplava essa isenção, como forma de atrair esse investimento). Mas no projeto apresentado pelo senhor Frederic essa isenção não estava muito clara.

- Sim senhor Maia, mas no caso do projeto dos senhores a taxa continuara existindo, mesmo estando isento. Os vinte por cento serão cobrados e devolvidos ao exterior para contas especificamente criadas para esse fim.

Para isso contamos com sua habilidade para fazer com que a Canadá Phosphates concorde com essa taxa. Afinal de contas, o monopólio que será concedido a vossa empresa vale infinitamente mais que isso.



Aquilo foi uma ducha de água fria nas pretensões da Phosphates. Eu estava acreditando que os cinco por cento sobre a produção física eram tudo em termos de “pagamento por fora”. E, no entanto, ali estava eu diante de uma realidade incontestável; vinte por cento de tudo que viesse em dinheiro para ser aplicado no projeto seria desviado.

O que antes era isento voltaria a ser cobrado; não para os cofres públicos, mas para contas particulares.

- Esse dinheiro senhor Maia, servira para lubrificar a máquina pública e evitar que nos causem problemas. Qualquer coisa que o senhor necessitar junto ao governo de Burkina o senhor será prontamente atendido.

As pessoas que se beneficiarão desse dinheiro ocupam cargos estratégicos para os nossos objetivos e foram colocados ali para facilitar as coisas. Além de tudo senhor Maia, caso o senhor aceite, obviamente, podemos destinar dois ou três por cento para qualquer conta que o senhor nos indicar.

- Muito obrigado senhor ministro. Mesmo sendo somente três por cento, isso já representa um bom dinheiro. Nesse caso os senhores ficariam com dezessete por cento, livres de quaisquer ônus.

Fiz a conta falando logo nos três por cento, para que vissem que eu estava também querendo ganhar meu quinhão.

- Correto senhor Maia. Esse é o nosso cálculo! Temos muitos parceiros aqui em Burkina e certamente todos eles querem um pedaço desse bolo.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

- Eu entendo perfeitamente senhor Ministro. Mas os senhores hão de concordar que uma sangria de vinte por cento nos recursos financeiros, vai abalar os cálculos que havíamos feito inicialmente.

Todos os nossos cálculos contavam com a isenção dessa taxa como incentivo para nossa vinda. Vamos ter muito trabalho para refazer as planilhas para acomodar essas novas exigências. E não se trata somente de “acomodar” os novos números; teremos que investir pelo menos trinta por cento a mais do que está no projeto original e isso representa um bom volume financeiro.

E quanto aos investimentos sociais previstos no projeto, e que seremos obrigados a executar? Isso demanda mais recursos e consequentemente reduz nossa margem de manobra.

- Não será necessário aquele montante todo. Estamos estabelecendo um convenio com o Ministério das Arrecadações, onde haverá uma contrapartida de setenta e cinco por cento do que nosso projeto aplicar, ou seja: cada dólar aplicado pelo projeto em ações sociais, o Ministério das Arrecadações nos repassa três. Então, se uma escola vai custar de fato vinte mil dólares; apresentaremos uma fatura de quarenta. Na composição financeira a BSM entra com dez mil dólares e o Ministério das Arrecadações entra com trinta. No batimento das contas ainda sobra algum dinheiro.

Nosso país recebe muitas doações do exterior senhor Maia. Essa ação social da BSM construindo escolas, postos de saúde e tudo mais, poderá servir de contraponto a essas doações. As pessoas que fazem essas doações verão surgir coisas novas no Burkina.

Com esse dinheiro que sobra, teremos condições de montar um caixa extra para “financiar” algumas pessoas ligadas ao grupo nas próximas eleições e aumentar nossa base de sustentação.



- Bem senhores, a engenharia financeira está perfeita. Porém teremos que refazer todos os cálculos do projeto para escamotear esses vinte por cento do rebate, pois de toda forma os recursos serão enviados, mas não entrarão no país e, conseqüentemente, não estarão a disposição para os investimentos.

Teremos também que maquiar os investimentos no social, pois se prometemos construir duas centenas de escolas, não poderemos apresentar apenas vinte.

- Não se preocupe com esses detalhes senhor Maia. Tudo isso já está devidamente equacionado. Toda máquina já está lubrificada. Falta somente a chegada dos recursos.

- Tinham resposta para tudo. Ao que parece o senhor Djaura era o “gênio do mau” que havia arquitetado todo aquele esquema.

Aquela reunião encerrava o lado oficial da visita. O projeto “fosfato no Burkina” sairia da forma como eles queriam ou então não sairia.

Voltamos para o hotel e nos debruçamos sobre as planilhas do projeto.

Como fazer para receber CEM, aplicar somente OITENTA, perder CINCO na produção, fazer investimentos sociais de VINTE e fazer crer aos investidores que os CEM foram devidamente aplicados?

Essa é a “mágica” que futuramente comprometeria o bom funcionamento do projeto.



O futuro do projeto ou Um projeto sem futuro

Certamente que esse esquema de desvio funcionaria num curto prazo, durante a fase de implantação do projeto. A qualquer momento poderiam alegar atraso nas obras, chuvas em excesso, tensões na fronteira e uma dezena de outras desculpas.

Algum tempo depois, quando da inauguração e operação da fábrica, o projeto estaria todo capenga. Teria sido feito pela metade e não atenderia jamais os objetivos e sonhos preconizados pelo senhor Jonathan Makeba.

As companhias internacionais de seguros pagariam parte dos prejuízos da Canadá Phosphates, os povos da região, que chegaram a sonhar com dias melhores, veriam o projeto fazer água e naufragar ou funcionar mal e parcamente.

O *“case”* da Canadá Phosphates passaria a fazer parte da história de projetos mal sucedidos na África e o risco de se fazer investimentos diretos no continente africano voltaria a subir.

Essa é a história de dezenas de projetos que tenho visto em diversos países africanos. Alguns homens bem intencionados vêm seus projetos irem por água abaixo, restando apenas o esqueleto dos prédios. Outros, não tão bem intencionados assim, vêm os projetos emperrados, mas suas contas cada vez mais gordas nos bancos internacionais.

Lembro-me de um projeto que me foi apresentado em certa ocasião. Um grupo empresarial queria repassar os direitos de uma unidade produtora de óleos vegetais. O governo local havia cedido o arrendamento do terreno por 99 anos. O maquinário custara oito



milhões de dólares e as instalações mais dois milhões.

A fábrica havia sido inaugurada seis anos atrás. Funcionara por menos de um ano e fechara as portas, por falta de matéria-prima. Um projeto estudado e analisado por técnicos de diversas instituições fecha as portas por falta de matéria-prima! É inacreditável!

Nesse ínterim, o movimento guerrilheiro que era latente no país, arrogou-se no direito de invadir a fábrica e tirar de lá tudo que tinha valor.

A engenharia financeira foi simples. Um organismo internacional financiou as máquinas e as instalações, que foram faturados pelo dobro de seu preço original. O governo do país onde foram instaladas deu sua averbação junto ao organismo internacional. A dívida então ficou por conta dos cofres públicos.

Do dinheiro que sobrou, todos se locupletaram. O fabricante das máquinas; os empresários que montaram a fábrica em seu país; e as autoridades que averbaram o financiamento.

Quando deu tudo errado, todos já haviam recebido seu quinhão e o débito junto a instituição financeira passou a fazer parte da dívida externa do país. Ficaram todos felizes, menos, obviamente, o povo que depositara naquela fábrica um pouco de esperança de novos empregos e dias melhores para seus filhos.

De quebra ainda queriam vender o investimento, por qualquer dinheiro que fosse! Algum outro grupo poderia se interessar por aquela massa falida e novo golpe teria início.

No caso da BSM, insistir no projeto com aquele grupo no comando seria jogar dinheiro fora. Seria burrice. Seria loucura.

Com o passar do tempo aquele projeto seria mais um “*elefante branco*” tombado na Savana Africana.



Confirmando o blefe

Enquanto fazíamos mágica com os quase um bilhão de dólares que seriam necessários ao projeto, o senhor Frederic e o senhor Jean desta vez, acompanhados pelo motorista, sorriam largas doses de whisky.

Paramos para o jantar e, ao final, o esquema foi o mesmo. - Deixe que a despesa será por nossa conta. Disse o senhor Frederic. Imediatamente fez sinal para o garçom para que “pendurasse” a conta.

Agradei a gentileza.

O senhor Jean Loc disse a frase da noite anterior: - Nós vamos ganhar muito dinheiro. E saíram bastante confiantes no sucesso da empreitada.

Subi para o meu apartamento e pela primeira vez acionei o telemóvel via satélite, que a Srta Kate me havia entregado. Chamei o escritório da Fertilizers em Nova York. Lá ainda eram cinco horas da tarde.

A Srta Kate atendeu prontamente.

- Boa noite senhor Maia! Tudo bem com o senhor? As conexões foram perfeitas?

Informei que as reservas e escalas estavam todas em ordem e pedi para falar com o senhor Sallinger, que prontamente me atendeu.

Falei rapidamente sobre tudo que estava acontecendo e perguntei



a respeito de certo “bônus” de cinco por cento da produção para os agricultores da fronteira.

- Não há nada disso senhor Maia. Tudo que havia sido negociado com o senhor Jonathan, foi na mais perfeita transparência.

- Foi o que imaginei senhor Sallinger. Esse Ministro das Terras é um grande blefador. Mas tudo bem, amanhã pela manhã estaremos indo até a fronteira para visitar o terreno da mina.

- De fato, eles jogam verde para colher maduro. Quanto a sua viagem de amanhã a região da fronteira, vou ver consigo localizar o senhor Doua Moussula. Seria muito importante você ter uma reunião com ele.

- Em princípio nossa viagem é somente até a região do projeto, completei. São quase quatrocentos quilômetros de ida e volta.

De toda forma, se conseguir falar com o senhor Doua Moussula, me avise por e-mail, não quero atender esse telefone perto deles. Ler uma mensagem ao telefone é bem mais discreto do que falar!

Se formos direto a região do projeto, creio que dá para ir e voltar no mesmo dia. Porém, se formos a Niamey e de lá voltarmos passando pela região do projeto, teremos que pegar outra estrada, até Dori e de lá voltarmos para Ouagadougou. Nesse caso teremos que dormir em Niamey. Ida e volta são mais de mil quilômetros.

- Farei melhor que isso, senhor Maia. Se conseguir falar com o senhor Doua Moussula, vou pedir a ele que ligue para o senhor Frederic convidando-o para ir até lá.

Despedi-me do senhor Sallinger e fui dormir já bem tarde da noite.

O dia seguinte seria um longo dia.



A viagem ao Níger

No café da manhã estavam o senhor Frederic, o senhor Jean e também o motorista. O esquema era o mesmo. A despesa do café da manhã eles permitiam que eu deitasse em minha conta. Porém, as despesas de jantar com whisky era por conta deles, que invariavelmente mandavam “pendurar”

- Teremos que ir a Niamey, disse o senhor Frederic. O Ministro da Inserção Social do Níger deseja conhecê-lo. Ele me ligou ontem a noite, quando soube de sua estada no Burkina. Ele deve ter contatos aqui em Ouagadougou que o avisaram de sua chegada.

Teremos que dormir em Niamey. Já fiz nossas reservas no hotel. Não dá para ir, voltar e ainda passar pelo terreno do projeto no mesmo dia.

- O senhor Sallinger conseguiu falar com o senhor Douda, pensei com meus botões.

Sáimos de Ouagadougou por volta de oito horas da manhã. Pegamos o carro e partimos em direção ao Níger. Tínhamos que percorrer mais de quatrocentos quilômetros até nosso destino.

Na saída da cidade o motorista parou o carro, desceu e foi até o porta malas. Voltou de lá empunhando uma espingarda, que passou para o senhor Jean, que estava ao seu lado no banco da frente, enquanto colocava um revólver no porta luvas. Feito isso seguimos viagem.



- On ne sait jamais ...(Nunca se sabe). Disse ele numa das poucas vezes que falou.

A estrada era parte de terra batida e parte asfaltada. Em ambos os casos, asfaltada ou de terra batida, a poeira e os buracos eram uma constante. Quando era de terra batida e cruzávamos com algum veículo, o motorista tinha que reduzir a velocidade, pois não se enxergava nada.

Os caminhantes da beirada da estrada eram um espetáculo a parte. Em sua maioria mulheres, com suas roupas coloridas, que carregavam uma bacia ou cesta na cabeça e um filho amarrado às costas. Nos recipientes sobre a cabeça levavam sempre alguma coisa para vender.

Em algumas regiões da África, ganhar o pão de cada dia é função da mulher que, além disso, têm que cuidar do marido, da casa e dos filhos.

Na metade do caminho de Niamey paramos numa vila chamada Fada, para comer alguma coisa, pois o café da manhã havia sido muito rápido.

Não sou muito exigente quanto a comer isso ou aquilo. Mas a visão dos quitutes e a quantidade de moscas sobre os mesmos me desanimaram de comer qualquer coisa que fosse.

Entramos novamente no automóvel e seguimos nossa viagem.

Pouco antes do meio dia chegamos à fronteira com o Níger. Não houve formalidade alguma. A divisa era uma fronteira aberta. Apenas acenamos para os guardas e já estávamos em território nigerino.

Daí até Niamey era pouco mais de cinquenta quilômetros. A estrada, no entanto, era bem pior. Gastamos quase duas horas para percorrer esses poucos quilômetros.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Antes das duas horas da tarde estávamos cruzando a ponte que dá acesso a cidade. Niamey fica na margem esquerda do Rio Níger e a ponte, curiosamente se chama J. F. Kennedy.

O Rio Níger, que quer dizer “o rio dos rios” na linguagem tuaregue, nasce nas montanhas da Guiné Conakry, avança em direção ao Mar Mediterrâneo cortando o Deserto do Saara. Desiste dessa travessia e retorna pelo meio do continente africano para desaguar no Oceano Atlântico, na Nigéria. Tem mais de quatro mil quilômetros de extensão e durante séculos sua nascente era um mistério. Para todos os efeitos, era o “rio que vinha do deserto”.

Se o “Egito é “uma dádiva do Nilo”, nas palavras do historiador Herodoto, poderíamos parafraseá-lo e dizer que o Níger é uma dádiva do Rio Níger.

Terminada a travessia da ponte, estreita e de movimentação intensa, finalmente estávamos em Niamey.

Chegamos ao hotel em poucos minutos. Feito o checkin, subimos para um banho rápido para tirar a poeira, e fomos para a reunião com o senhor Douda.



Uma reunião alegre em Niamey

O senhor Douda Moussula nos recebeu com uma alegria inusitada. Ele era magro, baixinho, negro, de cabelos brancos e olhos muito espertos.

Falava sem parar. Queria nos mostrar que do lado do Níger já estavam preparados para o início do projeto. Estavam empenhados em melhorar as estradas da região e aprovaram um projeto na Câmara dos Deputados que permitia o livre trânsito de pessoas e mercadoria naquela região da fronteira. A região norte da fronteira com o Burkina seria transformada em uma Zona Franca Industrial.

Enquanto falava ele queria saber a respeito do mercado de fosfato pelo mundo, para onde pretendíamos exportar etc. Queria saber a respeito do que seria destinado ao Sahel.

- Senhor Douda, disse eu, a demanda de alimentos em todo o mundo é e continua crescente. As terras agricultáveis são um estoque fixo. Necessitamos, portanto, que a terra seja cada vez mais produtiva. E isso somente se consegue através da tecnologia.

O projeto da BSM promoverá uma melhoria bastante considerável na agricultura do Níger e do Burkina, além de ajudar a combater a fome em diversas outras partes do mundo, principalmente no Sahel africano.

Quando falamos em mercado estamos falando, em primeiro lugar, do Burkina, do Níger e dos demais países do Sahel. Com o apoio



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

da ONU não teremos dificuldade em atender toda a região do Sahel.

E assim, entre números, projeções e esperança de dias melhores, nossa reunião transcorreu por mais de uma hora.

Os senhores Frederic e Jean pouco falaram durante a reunião, limitando a uma ou outra informação quando se fazia necessário.

Na despedida convidei o senhor Doua para jantar conosco no hotel, o que foi aceito prontamente.

Marcamos para as oito e meia da noite. No horário acertado lá estava o senhor Doua Moussula.



O senhor Makeba veio ao jantar

O senhor Moussula estava radiante com a nossa visita. Percebia-se claramente sua empolgação com o projeto.

Conversamos amenidades sobre a política local e internacional e, certamente, sobre a globalização das economias do Burkina e do Níger, que se fariam presentes no mercado global através daquele projeto.

Perguntei ao senhor Moussula se aceitaria uma taça de vinho, no que ele aquiesceu prontamente.

O senhor Frederic havia pedido um litro de whisky e juntamente com o senhor Jean e o motorista se servia fartamente.

Quando chegou nosso vinho pedi ao garçom que o apresentasse ao senhor Douda que o aprovou de imediato e fomos servidos de um bom vinho tinto. O vinho em questão era da África do Sul.

O senhor Douda levantou a taça e fez um brinde ao sucesso do projeto Burkina / Níger, no que foi acompanhado por todos nós.

Repentinamente o senhor Douda se dirigiu diretamente ao senhor Frederic.

- O que foi feito do senhor Makeba, senhor Frederic? Acreditava que fôssemos amigos, mas ele nem me avisou que estava saindo do projeto!

- Bem nós tínhamos alguns pontos de discórdia quanto a



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

condução do projeto. Fizemos uma proposta ao senhor Jonathan que a aceitou. Da mesma forma ele poderia ter comprado nossa parte, mas preferiu vender a dele. A partir de então ele foi para a América e não mais retornou. É tudo que sabemos.

- É! A saída dele foi um tanto quanto abrupta. Fomos informados que ele, de fato, havia ido para os Estados Unidos da América. Pensei que tivesse ido assinar o contrato inicial com a Fertilizers Inc.

Da última vez que nos falamos, ele me informou que estava tudo certo e que fora chamado a Nova York para assinar o contrato inicial. Enchemos-nos todos de esperança. Finalmente uma notícia boa para se comemorar aqui no Níger.

O seu e-mail, senhor Frederic, informando a mudança na diretoria, foi para mim uma surpresa. Desde então tenho procurado falar com o senhor Jonathan sem sucesso.

- Agora eu e o senhor Jean vamos tocar esse projeto o mais rápido possível para recuperar o tempo perdido. Com certeza essa parceria entre o Níger, o Burkina e a Canadá Phosphates durará por muitos anos, retrucou o senhor Frederic, bastante incomodado com a direção que a conversa estava tomando.

- Não estou duvidando de sua capacidade senhor Frederic. Afirmo apenas que o senhor Makeba é um grande homem. É honesto, tem princípios e uma grande visão da África. Tenho em casa uma coleção dos artigos do senhor Makeba apresentando ideias e combatendo a corrupção em seu país. Vez por outra até alguma autoridade aqui do Níger se sentia incomodada.

- Não conheço o senhor Makeba, mas tenho ouvido falar muito bem dele, retruquei. Gostaria de conhecê-lo.



- Pois é senhor Maia. O conhecimento e a luta do senhor Makeba não se limitam ao processamento da matéria prima africana na própria África, vai muito além.

Ele me falou de uma visita que fez a uma fazenda no Congo, alugada para os chineses. Saiu de lá horrorizado. Segundo ele é a mais pura escravidão, com tronco e chibata. Lá ele ouviu história de negros que foram açoitados com trinta ou mais chibatadas.

Ele não dispensa a possibilidade da parceria chinesa. Mas a forma, o conceito e os objetivos têm que ser revistos e ampliadas as formas de controle da ação desse povo em território africano. Sempre que tem oportunidade ele fala e se levanta contra isso, contra essa nova modalidade de escravidão.

De outra feita ele me disse que ficou sabendo da castração de uma menina de apenas três anos. Chamou a polícia, mas quando chegou ao local a castração já havia sido feita. A menina morreu logo depois e nada aconteceu com os autores do crime. Ele combate essa prática vergonhosa em todas as suas palestras.

Assim é o senhor Makeba. Ele apoia e elogia as coisas certas e combate as coisas erradas. O senhor haverá de conhecê-lo. Ele será um grande líder, não somente na área do Sahel, mas em toda a África.

De certa feita eu o trouxe a Niamey para dar uma palestra em nossa Associação Comercial. A conversa foi longa e os empresários e autoridades ali presentes ouviram o senhor Makeba discorrer sobre passado e futuro; dominadores e dominados; formas arcaicas e formas modernas de se fazer negócios internacionais. Falou longamente sobre a questão energética.

Ele tem como princípio que nenhum povo tem sua



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

autodeterminação se não tiver alguma fonte de energia. Não precisa dominar toda a matriz energética, mas precisa ter pelo menos uma fonte de energia.

- Ele tem razão senhor Douda, se um país não tem uma fonte de energia, vive na eterna dependência do petróleo mundial, retruquei. Uma fonte de energia gera um potencial de troca. Se um país tem petróleo, mesmo que não o processe, tem uma moeda de troca por quaisquer outras mercadorias, até mesmo por outras modalidades de energia.

Pois é senhor Maia. Na África subsaariana temos apenas dois países que tem petróleo; Angola e Nigéria. Há outros pontos, mas de pouca expressão. Na outra ponta temos a África do Sul que detém a produção de energia nuclear.

Essa questão energética é um ponto alto no discurso do senhor Makeba. Ele quer que todos os países africanos tenham uma fonte de energia. Se não têm petróleo, necessitam buscar essa fonte energética na energia solar, eólica e/ou dos biocombustíveis.

Nesse último ponto, dos biocombustíveis, mais uma vez necessitamos do fosfato e do know-how agrícola. Esse é o grande mote do fosfato; vai nos permitir a produção de alimentos e de biocombustíveis.

Há países na África que gastam mais da metade de sua receita externa na compra de óleo diesel para alimentar seus geradores de energia. Se desenvolvessem um programa de produção de biocombustíveis, poderiam gradativamente reduzir e até mesmo eliminar essa dependência do diesel.

O senhor Jonathan tem esse pensamento integrado no que concerne a produção e consumo em cada país. Ter energia para o conforto dos lares e para avançar com qualquer programa de industrialização, por



menor que seja. Ter uma agricultura forte e know-how para produzir alimentos e eliminar a fome e a miséria. Nesse caso mais uma vez se faz presente a necessidade da exploração dessa mina, com uma empresa de excelência mundial.

Quando terminou a palestra, todas as pessoas presentes saíram dali com outra visão do Continente Africano e de seu potencial. As ideias do senhor Makeba foram discutidas durante semanas em nossas rodas de conversa.

Foi impressionante observar como uma simples palestra falando de nosso potencial foi capaz de elevar a auto-estima de nosso povo. Eu fico a imaginar o efeito dessa mina quando ela estiver em todo seu potencial de exploração. Não vai alterar somente o nível de renda e consumo de nosso povo. Vai modificar a forma como os nigerinos e os africanos em geral vêm à vida e o futuro.

- Também creio nisso senhor Douda. É por isso que é importante a parte relativa ao investimento no social. A elevação do nível de renda mexe com o bolso do nigerino, porém o investimento no social mexe com a cabeça das pessoas.

Eu creio realmente que o senhor Makeba vai conseguir desenvolver a agricultura no Sahel e em toda a África, disse o senhor Douda. Eu sou o porta-voz desse projeto, mas todas as autoridades e as pessoas de bem do Níger estão ansiosos para ver o início dessa produção. Todos nós acreditamos que será um novo tempo para o Burkina; o Níger; os países do Sahel e de toda a África. Acreditamos também que será bom para as nossas próprias relações internacionais. O mundo vai nos ver com outros olhos.

Juntamente com toda essa renovação econômica africana, que vira através da agricultura, o senhor Jonathan prevê dias melhores na



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

política, com o estado restrito às suas funções; maior grau de democracia e liberdade.

Toda nossa conversa girava em torno do senhor Makeba. Percebia-se claramente que o assunto não era o predileto por parte do senhor Frederic e do senhor Jean. Por mais que eles tentassem mudar de assunto, o senhor Douda retornava ao tema. O senhor Makeba, definitivamente, era um dos participantes da mesa.

E assim conversamos por mais três horas naquela noite.

Levantamos todos e acompanhamos o senhor Douda até a saída do hotel. Já era tarde e o dia seguinte prometia ser tão ou mais cansativo do que este que se encerrava.

Na despedida o senhor Douda me deu um abraço, coisa que não é comum entre os muçulmanos, e me falou baixinho.

- Encontre o senhor Jonathan. Faça isso por mim!

Aquele gesto me pegou de surpresa. Fiquei imaginando a preocupação do senhor Douda quanto a seu amigo Jonathan. Certamente que esse afastamento repentino despertara muitas dúvidas e muitas suspeitas quanto a seu paradeiro.

- Faça isso por mim! Pensei com meus botões.

Eles eram mais que meros conhecidos ou homens de negócio. Eram parceiros de um grande projeto social e haviam embalado juntos, esse sonho de tirar da miséria todo um povo, toda aquela região.



Visitando o projeto Burkina Société Mini re – BSM

No café da manhã percebia-se que o senhor Frederic não estava muito satisfeito com o que se passara na noite anterior. Pouco falou, limitando-se a informar que sairíamos daí a meia hora, pois o caminho de volta era mais longo. Tínhamos que entrar em Burkina pelo Norte, na região fronteira a que se transformaria em breve numa zona franca, caso avan assemos com o projeto da explora o do fosfato.

Solicitei ao recepcionista do hotel que encerrasse minha conta. Para minha surpresa, estavam agregados em minha conta os quatro apartamentos, os quatro caf s da manhã, o jantar da noite anterior e um litro de whisky que haviam solicitado para levar na viagem.

Tudo deu pouco mais de mil e trezentos dólares. Paguei com meu cartão de crédito, apanhei meu chapéu e desci as escadarias. Do outro lado da rua, dentro do carro, meus tr s companheiros de viagem já me aguardavam. Entrei no automóvel e partimos. Eram pouco mais de sete da manhã.

Para retornar a Ouagadougou passando por Dori, a região do projeto, havia dois caminhos.

Poderíamos atravessar novamente a ponte JF Kennedy, virarmos a direita no Boulevard Du Gourma, seguiríamos então por uns setenta quilômetros margeando o rio Níger, por uma estrada denominada N4, até chegar a uma cidade denominada Gotheye. Daí até a região do projeto era pouco mais de duzentos quilômetros.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

A segunda opção seria irmos pela margem esquerda do Rio Níger, por uma estrada denominada N1. Atravessaríamos o Níger já perto de Gotheye. O senhor Frederic preferiu esta segunda opção, pois segundo ele a estrada era melhor.

Rodamos por uns sessenta quilômetros, até o local da travessia do Niger. Não havia ponte. A travessia era feita de balsa, ou de ferry com dizem. Havia uma enorme fila de carros e de gente para cruzar para o outro lado. Após uma longa hora de espera finalmente chegou a nossa vez. O motorista colocou o carro no ferry. Nós os passageiros, entramos na balsa a pé. Havia mais oito veículos na balsa e cruzamos o grande Rio Níger. Dali até Gotheye foi rápido. A partir desse ponto a estrada deixa a margem do rio e avança para Oeste, rumo à savana.

À medida que avançávamos na direção do Burkina, a estrada se tornava cada vez pior. Em alguns trechos não era mais do que uma trilha. O asfalto, se algum dia existiu, já havia acabado há muito tempo.

A certa altura acreditei que estivéssemos perdidos, mas logo a seguir vi uma placa informando Dori 80 km.

O projeto fica na província de Dori, um vilarejo com aproximadamente cinco mil habitantes. As ruas empoeiradas, os casebres pobres e o esgoto a céu aberto davam bem uma noção das dificuldades da vida naquela região.

Passamos pela rua principal de Dori e viramos a direita, como se estivéssemos voltando para a fronteira. Aproximadamente dez quilômetros depois paramos numa cerca de arame farpado, onde uma placa informava. **Burkina Société Minière – BSM**

Finalmente havíamos chegado!

O senhor Jean desceu e abriu a cancela, dessas feitas com o



próprio arame, e adentramos o terreno a partir do qual Burkina Faso poderia re-escrever sua história.

O terreno todo era uma gleba inserida em um vale, com aproximadamente cinquenta quilômetros quadrados, de formato irregular, mas que lembrava um retângulo alongado. A vegetação era rasteira, típica da Savana Africana.

Um pequeno galpão fazia às vezes de escritório.

Fomos recebidos por um senhor já bastante idoso, que mancava de uma perna. Pareceu-me uma espécie de vigia, que cuidava de tudo por ali. Esse “vigia” recebeu o senhor Frederic com certa frieza, não demonstrando nenhuma alegria em vê-lo.

No interior do galpão apenas uma mesa com algumas cadeiras velhas. Em um canto, separado por uma meia parede, outra mesa com apetrechos de cozinha e um velho catre, que servia de cama. O teto baixo, de folhas de zinco, transformava o ambiente numa caldeira. O calor era insuportável. Afinal de contas já se aproximava o meio dia e o sol estava a pique.

- Vamos conhecer o terreno, disse o senhor Jean. O suor em sua testa parecia saltar em gotas.

Sáímos os três, caminhando por uma trilha, e o senhor Frederic ia me explicando o que seria feito, onde seria feito e como seria feito.

O motorista havia colocado o carro junto a uma pequena árvore, para aproveitar sua sombra, e ficou ali a nossa espera.

Por diversas vezes, ao longo da trilha, vi escavações de buracos profundos, que certamente serviram para retirada de amostras de material para análise. Em outros pontos via se claramente sinais de



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

escavação da terra, para retirada do próprio fertilizante.

O calor era intenso e o sol abrasador. Sempre uso um chapéu panamá quando vou a lugares onde vou ficar exposto ao sol. Nesse dia, porém, o chapéu de pouco valia, mas seria muito pior sem ele. O sol a pique e a secura do ar me faziam suar as bicas.

Veza por outra parávamos a sombra de alguma árvore para descansar. Nesses momentos o senhor Frederic explanava mais a respeito do projeto, informando que “a faixa salarial” seria muito baixa e isso nos daria mais mobilidade quanto aos números. Que os trabalhadores do Níger aceitariam trabalhar por salários menores, etc. etc.

Já estávamos retornando ao galpão, depois de quase duas horas de caminhada, quando vi uma enorme árvore. Era um Baobá! Os Baobás da África sempre me fascinaram. Já levei algumas sementes para o Brasil e hoje há Baobás em diversos estados brasileiros.

- Senhor Frederic, vamos desviar um pouco nosso caminho. Vamos descansar na sombra daquela árvore!

- Não senhor Maia, já é tarde e já estamos pertos. Vamos em frente.

- Eu gostaria de tirar uma foto daquela árvore. Podem seguir em frente. Eu vou até lá. Encontro os senhores no galpão. Já está perto mesmo, creio que dá menos de quinhentos metros até lá.

A contra gosto o senhor Frederic e o senhor Jean me acompanharam.

Fiz algumas fotos do Baobá e nos sentamos a sua sombra para descansar um pouco. Tirei o chapéu e limpei o suor com a manga da camisa.



- Porque tanto interesse por essa árvore, senhor Maia? O senhor conhece o Baobá? Perguntou o senhor Frederic.

- Sim. É a árvore da vida. Junto a essas árvores seculares, milenares talvez, eu me sinto muito bem. Dizem que quando morremos, os bons espíritos moram nos Baobás. Quem sabe, um dia viremos morar aqui?

Sinta esse cheiro forte e nauseante. São as flores. Apesar de belas têm o cheiro dos gases do interior da terra.

Parece que a ideia da morte não agradou muito ao senhor Frederic, que fez menção de se afastar do Baobá.

- Vamos. Já está ficando tarde. Disse ele visivelmente perturbado quanto aos “bons espíritos” e ao cheiro forte que sentimos a sombra do Baobá.

Apanhei meu chapéu e começamos a caminhada.

Quando chegamos de volta ao barracão do escritório umas trinta pessoas, que souberam de nossa chegada, nos aguardavam. Todos negros.

O vigia que havia nos recebido falava com eles num dialeto local, ininteligível. Creio que era háuça ou suahile.

Quando nos aproximamos eles se dirigiram ao senhor Frederic, falando em francês e no dialeto local.

- Monsieur, monsieur, bwana.

Alguns queriam se dirigir a mim e, nesse caso, diziam; mister, mister, bwana..

O senhor Frederic fazia questão de afastá-los, mas eles insistiam em falar.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

- Não falo francês. Entendo muito pouco. Mas tive a nítida sensação de que era algo relativo ao senhor Jonathan. No meio daquela confusão de línguas, tuaregue, suahile ou hauçá com francês, pensei ter ouvido algo como “Onde está o senhor Jonathan?” Ou “O que fizeram com o senhor Jonathan?”

O senhor Frederic, visivelmente irritado, tentava responder as perguntas da turba. A certa altura entendi parte do que o senhor Frederic dizia; que o senhor Jonathan não estava mais na empresa, mas que ele e o senhor Jean iriam tocar o projeto.

Enquanto falava e esbravejava ordenou que se afastassem, que o deixassem passar; e chamou o motorista para lhe dar apoio.

De espingarda em punho o motorista se colocou ao nosso lado, quando um dos negros gritou: Killer. killer. assassín!

Killer? Assassín? Essas duas palavras eu entendi muito bem, mas porque o negro teria dito killer e não somente assassín? Mais tarde vim a descobrir que killer, em suahile (outro idioma local) é assassín.

De repente, sem vacilar, o motorista virou a espingarda e deu uma forte coronhada no rosto do negro, que caiu se esvaindo em sangue. Deu um tiro para cima e ameaçou disparar contra a turba.

Os negros não debandaram! Pelo contrário, se afastaram um pouco e começaram a se armar com paus e pedras que estavam pelo chão. Os que estavam mais distantes foram se aproximando.

Temí pelas nossas vidas. Pela minha especialmente. Uma escaramuça na fronteira do Burkina com o Níger não é coisa muito salutar.

Enquanto o motorista empunhava a espingarda, quase todos



os negros já estavam armados de paus e pedras e iam abrindo a roda. Se avançassem não teríamos a menor chance de escapar. Talvez o motorista conseguisse fazer uns dois ou três disparos, antes dos demais nos trucidarem a pauladas e pedradas.

Fomos afastando aos poucos. Aos trancos e barrancos conseguimos entrar no carro. O senhor Frederic assumiu a direção enquanto o senhor Jean e o motorista ameaçavam os negros com suas armas. A essa altura o senhor Jean havia apanhado o revólver que estava no porta luvas do carro.

Sáímos dali o mais rapidamente possível.

Lembrei-me das sábias palavras de meu pai. “Se tiver que sair de alguma confusão, não saia tão rápido que possa parecer fuga, nem tão devagar que possa parecer provocação”. Pelo visto o senhor Frederic nunca ouvira as palavras de meu pai. Pisou fundo no acelerador e o carro saiu esbaforido, levantando poeira por aquela estrada de terra fofa.

Meu coração batia mais rápido que as RPM do motor.

- Povo insolente! Deve ter pensado o senhor Frederic.

Cruzamos a rua principal de Dori num silêncio sepulcral. As poucas pessoas pela rua, sob o sol escaldante, procuravam se abrigar nas beiradas das casas. O motorista e o senhor Jean olhavam por todos os lugares, verificando se não havia perigo.

Rodamos por uns quinze minutos e paramos para a troca de motorista.

Aproveitando o momento, o senhor Frederic quebrou o silêncio.

- Senhor Maia, desculpe pelo incidente. Esse povo não sabe o que faz, não sabe o que diz.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

- Tudo bem senhor Frederic. Essas coisas acontecem. Não entendi bem o motivo da confusão. Aleluia que conseguimos escapar. (Quando me dei conta já havia dito a palavra “aleluia”. Numa roda de muçulmanos não é bom falar “Aleluia”, que numa tradução livre pode ser algo como “adoremos a Deus”).

Sempre me policio muito nessas questões religiosas. Às vezes, inadvertidamente, podemos ofender ou magoar uma pessoa.

De certa feita, acompanhando um empresário brasileiro a um país muçulmano, no mês de dezembro, ele me mostrou alguns presentes com as tradicionais etiquetas de “Feliz Natal e Próspero Ano Novo” para presentear os empresários com os quais teríamos reuniões. Eu lhe disse então que os muçulmanos não comemoram o Natal. Um presente com esses dizeres pode ser mal interpretado. E como se diz na terra onde nasci: Em terra de sapos, de cócoras com eles.

Senhor Frederic, eu queria entender melhor o que está se passando.

Para dar consistência ao meu relatório para a diretoria da Canadá Phosphates eu necessito saber de tudo que se passa aqui. Não posso deixar falhas que suscitem dúvidas.

Algumas pessoas já haviam me falado do senhor Jonathan. Ontem o senhor Douda Moussula perguntou por ele. Agora essa turba aí queria saber a mesma coisa. Onde está ele afinal, e porque abandonou o projeto? Pelo que dizem parece um bom homem.

- Ele não abandonou o projeto senhor Maia, respondeu o senhor



Frederic visivelmente irritado. Ele nos vendeu a parte dele, conforme o senhor viu na documentação do empreendimento. Deve ter recebido também um bom dinheiro da empresa que estava negociando com ele nos Estados Unidos e nunca mais apareceu por aqui.

Pode ser um bom homem, mas não tem os pés na realidade. Nosso país é assim, e não vai mudar nunca. Ele que fique onde está.

“Nosso país é assim e não vai mudar nunca! Ele que fique onde está. O que será que ele quis dizer com isso?”

O nível de irritação do senhor Frederic era evidente. Sua voz já soava fora do normal, um tanto quanto esgançada.

O clima estava ficando tenso. Senti que algo de muito grave deveria ter acontecido ao senhor Jonathan. O senhor Jean parecia incomodado. Não conseguia se ajeitar no banco da frente.

Estávamos nos aproximando de Kayala, uma pequena vila, a meio caminho entre Dori e Ouagadougou.

- Vamos almoçar por aqui. Uma paradinha rápida de meia hora, disse o senhor Frederic.

Enquanto se serviam de uma espécie de assado e tomavam whisky sem gelo, que haviam levado no carro, eu comprei um pacote de bolachas por mil Xof (dois dólares), e fiquei do lado de fora vendo o movimento da rua.

O movimento eram duas carroças, puxadas por cavalos magros, carregando um pouco de lenha seca. A rua, de terra batida, ainda conservava algumas poças de água da chuva que caíra na noite anterior. Crianças brincavam naquela lama. Algumas completamente nuas. Certamente estavam aproveitando a novidade da chuva, coisa rara



naquela região. O cheiro da terra molhada ainda estava no ar.

Terminado o almoço retomamos nossa viagem.

O clima continuava tenso e o silêncio era total. O senhor Frederic, embalado pelo almoço e pelos whiskies que havia ingerido, recostou-se no banco e começou a tirar um cochilo.

Pensei em descansar um pouco, recostei-me no banco, estiquei as pernas e procurei pelo meu chapéu, para fazer sombra no rosto.

Meu chapéu? Numa rápida visão lembrei-me do meu chapéu. Naquela confusão toda, no momento de entrar no carro meu chapéu saiu rolando pela poeira do chão. Adeus meu chapéu panamá.

Nesse momento estávamos atravessando uma ponte sobre um rio estreito, com quase nenhuma vegetação em suas margens. Procurei pela minha câmara fotográfica. Da mesma forma ela se perdera durante a confusão. Junto com ela perdi todas as fotos da viagem até então.

- Belas águas; comentei. Deve dar bastante peixe por aqui.

Não se ouviu nenhum comentário.

Seguimos em silêncio até Ouagadougou.



Conclusões inconclusivas

Chegamos de volta ao hotel em Ouagadougou por volta de seis horas da tarde.

Diferentemente dos outros dias, avisaram que não ficariam para o jantar. Apenas pediram ao garçom que lhes trouxesse um litro de whisky, gelo e alguns salgadinhos.

Pelos diversos acontecimentos “negativos” o senhor Frederic e o senhor Jean começaram a duvidar da concretização do projeto.

- Senhor Maia, espero que esses detalhes não inviabilizem a concretização de nosso projeto. Há muita coisa, muitos interesses e muito dinheiro em jogo.

Com o projeto da forma como o reescrevemos e o senhor fazendo um relatório favorável ao investimento, creio que dá para sua diretoria aprovar esse investimento e avançarmos com esse projeto. Vamos ganhar muito dinheiro.

Tenha certeza disso senhor Maia. É uma tacada única em nossas vidas, e podemos ficar todos nós muito ricos, completou.

- Não se preocupe senhor Frederic. Sou um homem de negócios. Sei que essas coisas acontecem. Todo grande projeto tem alguns empecilhos, algumas pedras que têm de ser retiradas do caminho. Algumas pedras, por menor que sejam, atrapalham e bastante.

De minha parte não se preocupe. Farei um relatório altamente favorável ao investimento. O restante é com os senhores.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Aquelas últimas palavras tiveram o poder de acalmar um pouco o senhor Frederic. Comentamos sobre o cansaço da viagem e a agenda livre do dia seguinte.

- Amanhã então nos reunimos, por volta das quatro horas da tarde, para “fechar” os assuntos pendentes e depois o levaremos ao aeroporto, disse o senhor Jean.

- Ok. De pleno acordo. Pela manhã vou dar uma volta pela cidade, fazer algumas compras e a tarde estarei aqui esperando pelos senhores.

Sorveram mais uma dose de whisky, comeram alguns salgadinhos, fizeram sinal para o garçom “pendurar” a conta e se despediram, não sem antes repetir a frase que já estava se transformando num bordão:

- Nós vamos ganhar muito dinheiro!

Desta vez, porém, a frase não saiu com tanta ênfase quanto das vezes anteriores. Soou um tanto quanto lúgubre. Parece que o cansaço da viagem e os acontecimentos recentes, haviam detonado a esperança na concretização do projeto.

Subi para meu apartamento preocupado com tudo aquilo.

As palavras misteriosas do senhor Douba Moussula:

- Encontre o senhor Jonathan. Faça isso por mim.

Apesar de ter sido dita a meio tom, aquela frase era o grito de um homem que sabia que algo estava errado.

O negro que gritara killer, killer, assassin e por isso mesmo havia sido cruelmente agredido.

As palavras do senhor Frederic:



- Nosso país é assim, e não vai mudar nunca. Pode ser um bom homem, mas não tem os pés na realidade. Ele que fique onde está!

Tudo aquilo martelava na minha cabeça. As coisas não fecham. Há algo muito errado em toda essa história.



Jantar só é melhor que mal acompanhado

Após um relaxante banho descí para o jantar.

Jantei no restaurante do hotel, quase deserto àquela hora da noite.

Após o jantar pedi ao garçom que me servisse um café na varanda e fiquei por ali, tentando enquadrar as ideias.

O hotel ficava num terreno elevado, donde se descortinava um longo vale. Dois quilômetros a frente via-se a linha férrea que ligava Ouagadougou a Dakar, com mais de dois mil quilômetros de extensão. Outro ramal ferroviário ligava Ouagadougou a Abidjan, na Costa do Marfim, com menos de mil quilômetros. Eram as duas únicas ligações férreas do Burkina Faso. Paralelamente a via férrea via-se também a rodovia que a acompanhava.

Uma dessas duas ramificações serviria para o escoamento do fosfato produzido na fronteira com o Níger. No projeto original do senhor Jonathan, o escoamento da produção deveria ser feito pelos dois ramais ferroviários, tanto pelo Senegal quanto pela Costa do Marfim, para se evitar uma situação de monopólio quanto ao escoamento da produção.

Por mais que tentasse dissociar a imagem do senhor Jonathan de todos aqueles acontecimentos, era impossível. A cada momento, a cada passo lá estava a figura, a imagem ou as digitais do senhor Jonathan, como dissera o senhor Deker.



Há determinadas coisas que nos remoem o pensamento, e das quais não conseguimos nos libertar. São músicas, imagens, pensamentos e/ou fatos que por mais que tentemos, não conseguimos parar de pensar nelas. Lembro-me que uma vez fiquei com a música “Raindrops keep falling on my head” por mais de uma semana.

Assim era minha relação com aquele projeto que poderia redimir um povo, uma região, um país ou um continente. Não conseguia parar de pensar naquela oportunidade. No mesmo diapasão, em todo e qualquer momento, em todos os fatos relativos ao projeto, lá estava a figura do senhor Jonathan Makeba. Era impossível pensar no projeto de fosfato do Burkina Faso, sem pensar na figura do senhor Jonathan Makeba.



Encontro revelador

A varanda do hotel era bastante espaçosa. Quando se sai do restaurante para a varanda há seis mesas. Três à direita e três à esquerda. Havia escolhido uma das mesas de canto, de onde poderia ver quem chegasse à varanda.

E ali estava eu, imerso em meus pensamentos.

Viera em busca de uma resposta e, como consequência, tinha um punhado de dúvidas.

Um senhor alto e magro entrou pela varanda e se dirigiu a minha mesa.

- Senhor Maia, posso ter um minuto de sua atenção?

Olhei aquele senhor que se aproximava, me chamando pelo nome. Vestia-se com certa distinção e aparentemente não apresentava nenhum risco.

- Pois não senhor; O que deseja? Respondi indagando.

- Meu nome é Koko Diouf Gueye. Sou primo da Sra. Makeba, esposa do senhor Jonathan.

Aquela informação me deixou alegre e surpreso. Enfim o contato do senhor Jonathan. Eu iria encontrá-lo finalmente.

- Pois não senhor, mas como descobriu que eu estava aqui?

- O senhor Boubakar Mbaye, de Dakar, me telefonou informando que o senhor estaria aqui. Ele era amigo do senhor Makeba.



- Era amigo? Perguntei!

- Sim, senhor Maia. O senhor Makeba está morto. Eles o mataram!

Aquela informação me atingiu como um raio. Era a dúvida se transformando em certeza. Uma certeza pesada como um bloco de concreto. Vez por outra eu pensava nessa possibilidade, quando pensava no paradeiro do senhor Jonathan. Agora não havia mais dúvidas. O senhor Jonathan Makeba estava morto!

Um calafrio percorreu-me a coluna!

- Como foi isso senhor? O que aconteceu?

- Essa é uma história que vem de longe senhor. Se tiver um tempinho prometo colocá-lo a par de tudo que ocorreu e ocorre aqui no Burkina.

- Pois não senhor Koko. Terei o maior prazer em ouvi-lo.

O senhor Koko Gueye havia se formado em Administração de Empresas na Inglaterra. Retornara recentemente ao Burkina e estava sendo incorporado a BSM - Fertilizers. Era o “braço administrativo” que faltava ao senhor Jonathan.

- Bem. A família da Sra. Makeba, Michelle Diouf Gueye, quando solteira, era detentora de todo o poder em Burkina. Com o passar do tempo e a perpetuação no poder vieram os escândalos, a corrupção, os assassinatos de encomenda. Hoje a família Gueye detém menos da metade do poder que detinha antes, mas os métodos continuam os mesmos.

Fui informado que o senhor já esteve com algumas pessoas da família, alguns ministros. Eles devem tê-lo colocado a par de como o



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

projeto do senhor Makeba fora alterado em seus princípios básicos e como funcionaria aqui no Burkina.

-Sim. Desde que cheguei tenho tido algumas reuniões ministeriais, confirmei. Em cada reunião ficava um pedaço do empreendimento. Mais cinco reuniões e não sobraria nada

- Todos eles são da família Gueye, menos o senhor Djaura. Ele é um agregado. Mas para eles é um aliado valioso há muitos anos. O senhor Djaura é formado nos Estados Unidos e conhece bem o porte das empresas mundiais. Sabe onde, como e o quê tirar de cada uma delas que tenha algum interesse no Burkina.

Pois bem, quando o senhor Makeba entrou para a família, casando-se com Michelle, ele encontrou duas correntes contrárias; uma ala da família, mais conservadora, não gostava dele porque ele não era muçulmano. A outra ala da família não gostava dele porque ele era um tenaz defensor da ética na política e da não corrupção nos negócios do governo. Vez por outra colocava artigo nos jornais denunciando algum fato escandaloso.

Como líder natural que era em nossa sociedade, o senhor Jonathan estava sempre apregoando que a falha maior do Burkina era a excessiva corrupção no governo, que permeava todos os setores, principalmente nos investimentos externos.

Com o passar dos tempos e os escândalos de corrupção aumentando, as denúncias do senhor Jonathan foram se tornando mais constantes. Ele se tornou a reserva moral de nossa sociedade.

Os familiares da senhora Makeba entendiam essas críticas do senhor Jonathan como uma crítica direta a família e aos seus métodos. A ala mais conservadora, muçulmana, não pensava assim, mas nada podia



fazer.

De certa feita o senhor Jonathan tentou se eleger deputado. Ali ele teria voz para denunciar tudo o que via de errado e que sempre criticara.

A ala mais corrupta da família Gueye não gostou da ideia e colocou toda sua força contra a eleição do senhor Makeba, apoiando, com muito dinheiro, outros candidatos que lhe faziam oposição direta. Com pouco dinheiro para a campanha, e uma forte e rica campanha de seus adversários, o senhor Jonathan viu minguairem suas chances de chegar a Câmara dos Deputados.

Na última semana das eleições o senhor Jonathan sofreu um atentado que quase lhe ceifou a vida. Ai as relações entre ele e a família de sua esposa azedaram de vez.

- Também não é para menos senhor Koko. Uma tentativa de assassinato tira qualquer um do sério.

- Pois então senhor Maia, o senhor Makeba resolveu dedicar-se a transformar em realidade o sonho da mina de fosfato.

Por influência da Michelle ele aceitou colocar na sociedade o senhor Frederic e o senhor Jean, dois primos distantes. A argumentação era que por bem ou por mal, ele necessitaria do apoio de seus familiares que estavam no poder. O senhor Frederic seria, então, o elemento de ligação entre o projeto e as pessoas da família que estavam no poder.

Esses dois senhores foram tomando pé da situação e viram ali uma oportunidade de ganhar muito dinheiro.

Quando o senhor Jonathan conseguiu o acordo com a Fertilizers, não houve acordo quanto a forma de se tocar o projeto.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Toda a família Gueye apoiou o senhor Frederic e o senhor Jean, que queriam porque queriam que houvesse um rebate de vinte por cento do dinheiro que viria de fora, para ser distribuído entre os familiares e algumas pessoas da maquina publica.

- No projeto original do senhor Jonathan eu verifiquei que havia um incentivo de vinte por cento do imposto que não seria cobrado, como forma de incentivar a vinda da Fertilizers. No projeto do senhor Frederic esses vinte por cento continuavam isentos, mas continuavam a existir para suas contas particulares.

- Sim senhor Maia. Esse seria o grande mote. Vinte por cento de tudo que viesse para o projeto seria desviado para suas contas no exterior.

As reuniões da diretoria eram pautadas por ameaças veladas ao senhor Jonathan. Eu estava presente nas quatro últimas reuniões. A última reunião, por sinal, foi lá em Dori e pude presenciar a clara intenção do senhor Frederic em querer se apossar do dinheiro que viesse do exterior, por bem ou por mal.

O choque entre o senhor Makeba e os outros dois era evidente. Eu havia alertado o senhor Makeba sobre alguma atitude mais violenta por parte do senhor Frederic, mas ele não acreditou.

- Lá em Ouagadougou eu me cuida. Aqui em Dori há gente que cuida de mim, dissera ele.

Foi justamente lá em Dori que a segurança falhou. As pessoas viram o senhor Makeba dentro do carro, em companhia do senhor Frederic e do senhor Jean, e não imaginaram que uma tragédia estava em curso.

Há um clima de revolta muito grande lá em Dori, que é o local



de nascimento do senhor Jonathan. O senhor Makeba era o porta-voz e a esperança daquele povo.

- Estivemos lá hoje. Pude presenciar in loco a situação. A população se armou de paus e pedras. Quase fomos trucidados.

- Pois é. Os chefes locais queriam muito bem ao senhor Jonathan.

Voltando ao assunto, quando viram que o projeto iria se concretizar, que chegou a passagem para o senhor Jonathan ir a Nova York assinar o contrato inicial, resolveram eliminá-lo e assumir o controle da empresa, oferecendo-a a outra empresa do setor, nesse caso a Canadá Phosphates.

Numa madrugada, invadiram a casa do senhor Jonathan e o sequestraram.

Por uns dez dias eles mantiveram o senhor Jonathan em cativeiro. Queriam que o senhor Makeba assinasse um documento transferindo a eles todas as ações da BSM. Mediante a recusa do senhor Makeba, eles falsificaram os documentos da empresa e depois desfilaram com ele pela cidade, dentro do carro, e o senhor Jonathan nunca mais foi visto.

Um dos líderes lá em Dori, diz que foi informado por um morador da região, que o senhor Jonathan foi morto lá mesmo e sepultado aos pés de um grande Baobá dentro do terreno do projeto.

Eu tentei entrar em contato com a Fertilizers, mas estava sendo vigiado e com ameaças constantes a vida da Sra. Makeba e a alguns familiares meus.

O restante o senhor já sabe!

- Senhor Koko, muito obrigado por todas essas informações. Eu lamento profundamente a morte do senhor Jonathan. Eu vim ao



Burkina em busca do senhor Jonathan. Por ironia do destino creio que hoje eu passei sobre o seu tumulto, a sombra do Baobá.

Provavelmente, devido a esse fato, o senhor Frederic não queria ir até o Baobá. Ele foi, mas foi visivelmente contrariado. Ter que voltar ao lugar do crime não deve ter sido muito bom para ele.

Eu ainda tirei fotos do Baobá. Pedi que o senhor Jean tirasse uma foto minha com o senhor Frederic aos pés do Baobá. E ainda comentei sobre o cheiro forte que se sentia ali.

A morte do senhor Jonathan e o envolvimento do senhor Frederic e do senhor Jean no acontecimento, será um baque nas intenções de nossa empresa.

Caso o senhor vislumbre alguma possibilidade de se fazer uma transferência acionaria na BSM, para alguém identificado com os ideais do senhor Jonathan, eu me coloco pessoalmente a sua disposição para fazer com que esse projeto vá em frente.

E a Sra. Makeba? O que aconteceu com ela?

- Após o seqüestro do marido ela começou a pressionar a família para que o libertassem. Poderiam ficar com a empresa, mas libertassem seu marido.

Como não obteve sucesso em suas tentativas, ela ameaçou ir a polícia, e foi. Porém nada aconteceu. O Chefe de Polícia pertence ao grupo do senhor Frederic. A queixa pelo seqüestro do senhor Jonathan continua em aberto. Oficialmente ele está desaparecido.

A senhora Makeba continuou fazendo barulho. Procurou as autoridades da família, tentando obter a libertação do marido.

Um dia ela recebeu um recado do senhor Frederic. “A senhora



terá o mesmo destino do senhor Jonathan se não ficar quieta em seu canto”.

A senhora Makeba, que havia desafiado toda a família para se casar com o senhor Jonathan, entrou em depressão ao saber que mataram seu marido.

Os familiares aproveitaram esse momento de fraqueza e a internaram num hospício, onde está até hoje. Não creio que resista muito tempo. As condições são péssimas e os maus tratos são uma constante.

De toda forma tenho tentado ajudá-la, mas a vigilância é severa. Se eu conseguir tirá-la de lá, tenho onde escondê-la até as coisas se acalmarem.

Conversamos por mais uma meia hora, sozinhos ali na varanda do hotel, analisando o que fazer diante de uma situação tão caótica.

Despedimos-nos com a promessa de mantermos contato permanente, via e-mail.

É melhor não nos vermos mais senhor Maia. Pode ser perigoso para o senhor. Eu vim aqui a essa hora da noite somente depois de me certificar que eles já não estavam mais no hotel e que eu não estava sendo seguido.

- De fato senhor Koko. Creio que o senhor Frederic já não está gostando muito de minha presença em Ouagadougou. Ele pode ter entendido errada minha insistência em fotografar o Baobá. Certamente que a essa altura ele está pensando que eu sei algo a respeito da morte do senhor Jonathan.

A câmara fotográfica! Agora me lembro. Vi o senhor Frederic



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

abrindo a janela do automóvel e jogando algo fora. Provavelmente era minha câmara, e ele estava “eliminando provas”.

- Ele é um homem muito perigoso senhor Maia. Se ele estiver pensando que o senhor sabe algo sobre a morte do senhor Makeba, isso pode ser muito ruim para o senhor. Evite ficar sozinho com os dois em locais isolados, como aconteceu hoje.

Por último senhor Maia, queria lhe deixar esse envelope. Leve consigo e leia quando tiver tempo e estiver tranquilo. O senhor Makeba me pediu para entregar a alguém da Fertilizers, caso algo lhe acontecesse.

Fomos até a porta do hotel, agradei por tudo e o senhor Koko se foi, perdendo-se na noite escura de Ouagadougou. Provavelmente ele estava aliviado por ter contado a alguém o destino do senhor Makeba. A morte do senhor Jonathan “vazaria” o silêncio imposto em Ouagadougou.

Naquela mesma noite enviei um e-mail ao senhor Cunningham, Informando tudo que estava acontecendo. A corrupção envolvida no novo projeto; a morte do senhor Jonathan e o envolvimento do senhor Frederic e do senhor Jean; a internação da senhora Makeba etc.

Tão preocupado estava em mandar aquele e-mail ao senhor Cunningham, que deixei para verificar em outro momento, o conteúdo do envelope que o senhor Koko havia me presenteado.



O Baobá

A paisagem africana é dominada por uma árvore chamada Baobá. O nome científico dessa árvore é *Adansônia Digitata*, em homenagem ao pesquisador francês Michel Adanson e também devido a seu estranho formato, como mãos estendidas para o céu.

O nome Baobá, no entanto muda de acordo com a língua de cada país. Em Angola e Moçambique o Baobá se chama Imbondeiro; na Guiné-Bissau denomina-se Pólon. Há outros locais onde se denomina Calabaceira.

O Baobá é árvore símbolo do Senegal e da Ilha de Madagascar, onde tem a maior diversidade, oito tipos no total. Segundo os botânicos essas árvores vivem por mais de cinco mil anos.

Em termos de longevidade, para competir com o Baobá, somente a Sequóia da Califórnia e o Cedro japonês.

O Baobá, além do porte majestoso e da forma curiosa, serve ainda como “caixa d’água”. Seu interior é fibroso e composto quase que unicamente de água, podendo armazenar mais de cem mil litros de água.

Floresce apenas uma vez por ano e no curto período de duas ou três noites, liberando seu néctar para os insetos noturnos. Sua flor, apesar de bela, tem um cheiro nada agradável.

Conta uma lenda africana que o Baobá era uma árvore muito invejosa. Tinha inveja de todas as outras árvores, seja pelas belas flores ou pela vasta folhagem que detinham. Era tanta inveja que os Deuses resolveram aplicar um castigo ao Baobá. Plantaram-no num pântano, de



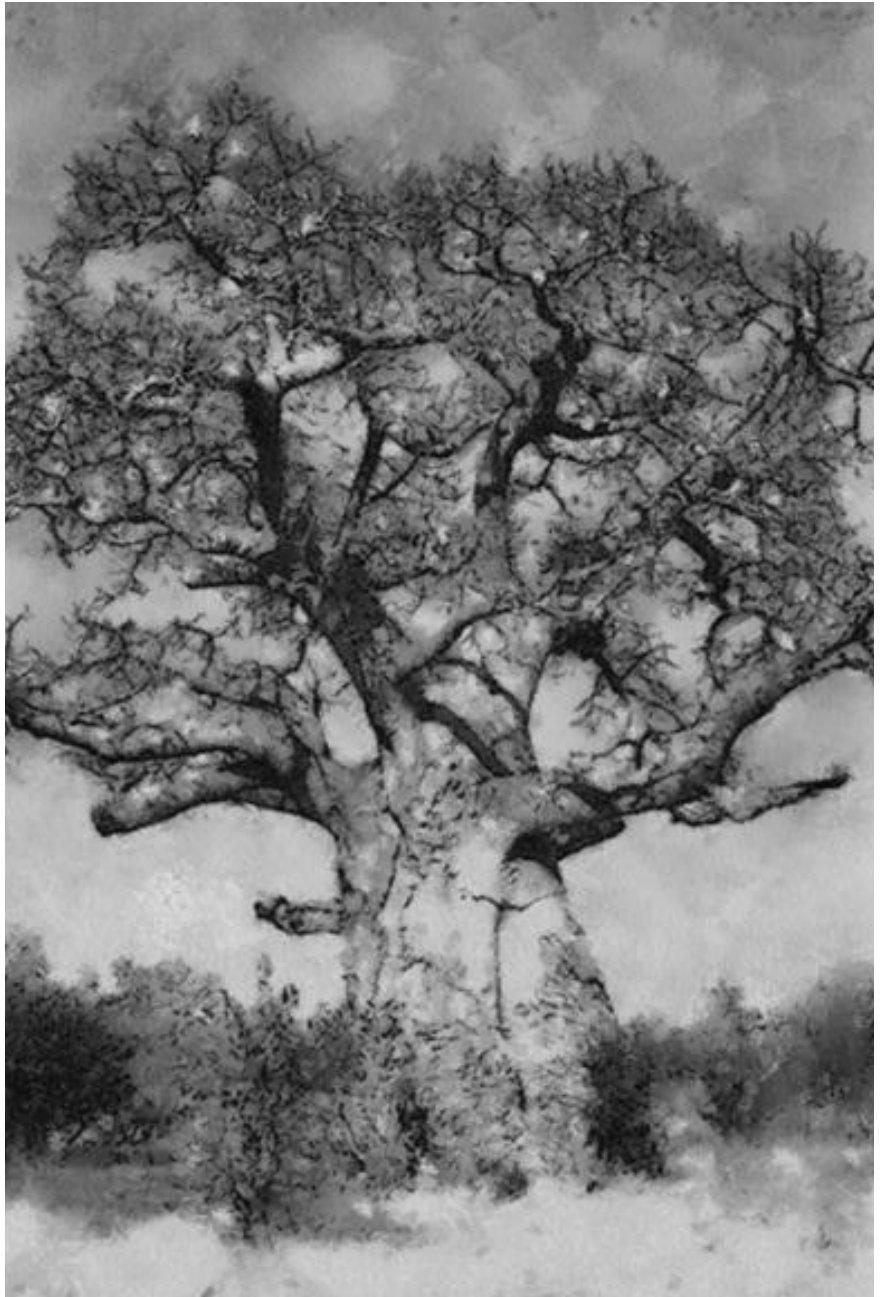
Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

cabeça para baixo. Dai os galhos que vemos seriam suas raízes e o mau cheiro das flores seriam exalações dos galhos dos pântanos onde foram plantados.

A partir de então os Baobás se tornaram aliados dos Deuses, sendo a residência dos bons espíritos e reservando água para os viajantes.

Sob um deles jazem, inertes, os restos mortais do senhor Jonathan Makeba.





O telefone toca na madrugada

Mal terminara de enviar o e-mail, toca o telefone. Era o senhor Frederic, e já eram duas e meia da madrugada.

- Boa noite senhor Maia. Desculpe pelo horário. Era somente para avisá-lo que amanhã o apanharemos no hotel por volta de duas da tarde para levá-lo ao aeroporto. Seu voo é às oito da noite, mas temos ainda uma visita para fazer.

- Ok senhor Frederic. Conforme lhe disse, vou fazer algumas compras pelo mercado, e a tarde estarei aqui a espera dos senhores.

- Parece que o senhor recebeu uma visita hoje no hotel.

- Sim. De fato recebi uma visita de um jovem interessado no projeto.

- Não é bom dar ouvidos a essas conversas senhor Maia. Isso pode atrapalhar nossos planos. Bem, boa noite e até amanhã.

- Até amanhã senhor Frederic.

Mais uma visita? Nossa agenda já estava esgotada! Além do mais o senhor Frederic já havia percebido que eu não gostara nada dos episódios em Niamey e em Dori.

Lembrei-me imediatamente do sequestro de empresários em alguns países da África. Os executivos são atraídos com a promessa de realização de grandes negócios. Durante as negociações, mediante a inclusão de alguma cláusula impossível de ser cumprida, os negócios



eram encerrados.

Quando os negócios são encerrados, os potenciais parceiros apresentam, então, “o custo” de tê-lo recebido ali. São os almoços, jantares, carros, agendamento de recepções etc. Uma “bagatela” de cinquenta ou cem mil dólares.

Mediante o não pagamento daquela fatura ameaçam levá-lo a polícia, tomam-lhe o passaporte e o mantêm confinado ao hotel, com monitoramento das ligações telefônicas.

A matriz da empresa é acionada, nos Estados Unidos, na Europa ou no Japão, e uma operação de resgate tem início, envolvendo vultosas cifras.

Talvez estivesse em curso algo dessa natureza. E o melhor a fazer seria sair dali o mais rapidamente possível.



A fuga do Burkina

Aquele telefonema na madrugada não soou bem.

Se já estávamos combinados para as quatro horas da tarde, porque antecipar em duas horas? Que outra visita seria essa? Já havíamos esgotado nossa agenda!

O senhor Koko Diouf Gueye havia deixado o hotel antes da meia noite. Logo depois um telefonema na madrugada! Muito estranho.

Com certeza a visita do senhor Koko Gueye motivara aquele telefonema. O garçom provavelmente avisara o senhor Frederic. Era o mesmo de todas as noites. O que “pendurava” as contas do senhor Frederic.

O frio da madrugada, provocado pelos ventos gelados do Deserto do Saara, pouco mais de quinhentos ao Norte e as dúvidas e preocupações geradas por aquele telefonema não me deixaram dormir tranquilo.

Levantei antes das sete. Arrumei minha mala, tomei um rápido café da manhã e solicitei ao recepcionista que fechasse minha conta. Era outro recepcionista, que eu ainda não havia visto por ali.

- Incluo tudo na conta senhor?
- Sim. As diárias e as despesas do restaurante.
- Há cinco litros de whisky, senhor. Coloco também?



- Sim, em notas separadas.

Paguei as duas faturas com meu cartão de crédito, apanhei as notas e as coloquei no bolso do paletó. Subi ao apartamento para um rápido telefonema.

- Embaixada dos Estados Unidos da América, bom dia.

- Bom dia. Meu nome é Altair Maia e eu gostaria de falar com senhor Stuart, John Stuart.

- Um minuto, por favor.

- Bom dia senhor Maia. Aqui é John Stuart. Ontem a noite o senhor Cunningham me ligou, logo após receber seu e-mail. Ele me explicou toda sua missão aqui em Ouagadougou. Em que posso ajudá-lo?

- Bom dia senhor Stuart. Desculpe incomodá-lo. Hoje pela madrugada recebi um telefonema bem estranho. Creio que a situação está fugindo ao controle.

- Se o senhor tocou no nome do senhor Jonathan, certamente a situação não está tão tranquila. Saia daí imediatamente. Chame um táxi e venha para a embaixada.

Acabei de fechar minha mala, apanhei o computador e descii. Quando cheguei ao hall do hotel o táxi já estava a minha espera.

- S'il vous plaît monsieur. Allons à l'avenue Raoul Follereau Koulouba, falei com meu pouco francês.

-Pour l'ambassade américaine, mister?

- Oui, monsieur. Pour l'ambassade américaine.



O apoio do senhor Stuart

Em menos de meia hora estava na sala do senhor Stuart. Entreguei-lhe a carta de apresentação da Fertilizers Inc., e lhe contei toda história acontecida desde minha chegada a Ouagadougou, culminando com a visita do senhor Koko Diouf Gueye, relatando a morte do senhor Jonathan.

- Realmente a situação não está tão tranquila, disse o senhor Stuart. O senhor Jonathan era muito querido pelas pessoas de bem desta cidade. Desde seu desaparecimento que temos ouvido certos comentários. A informação do senhor Koko Gueye pode ser importante para tentar elucidar esse mistério, de como isso realmente aconteceu.

Mas no seu caso senhor Maia, temos que tirá-lo daqui. O senhor não pode mais ficar em Ouagadougou. A turma do senhor Frederic é grande e ainda detém bastante influência na cidade. Se descobrirem que o senhor está aqui na embaixada isso pode nos trazer algum problema.

O seu voo para Dakar é somente às oito da noite. Não podemos esperar isso tudo. Há um voo para Paris às quatro da tarde. Vamos tentar colocá-lo nesse voo. É o melhor que temos a fazer, completou o senhor Stuart.

Sáímos imediatamente para o aeroporto, no carro oficial da embaixada. Comprei a passagem na agência da empresa aérea no próprio aeroporto e fomos para a sala vip. Ainda faltavam quase três horas para o embarque. Não consegui uma poltrona do lado direito da aeronave,



nem na janela. A única disponível que havia era do lado esquerdo e ainda era no corredor.

Finalmente a chamada para embarque. Despedi-me do senhor Stuart e ele me desejou boa sorte. Vou ficar por aqui até a decolagem, disse ele. Nunca se sabe!



Decolando rumo a Paris

Já estava a mais de meia hora acomodado em minha poltrona e nada do avião se mexer. Um milhão de pensamentos passava pela minha cabeça.

Finalmente aconteceu o que eu temia.

- Senhor Maia, identifique-se a comissária, por favor! Anunciava o serviço de som da aeronave. No espaço interno de um avião não há onde se esconder. Tive que me apresentar.

Identifiquei-me a comissária, que me levou até a cabine de comando.

- Senhor Maia, sou o comandante deste voo. O chefe de polícia de Ouagadougou está no aeroporto, acompanhado do senhor Frederic Lecont, alegando que o senhor não pagou a conta do hotel. Querem que o senhor vá até lá para resolver essa questão.

- Senhor comandante, a conta foi devidamente paga. Tenho os comprovantes comigo. O senhor Stuart, da embaixada americana ainda deve estar no aeroporto, na sala VIP. Procure-o, por favor. Eu não posso sair desse avião.

- Eu sei senhor Maia. Já tive outros casos semelhantes. Não se preocupe. Por enquanto o senhor está seguro aqui. Há leis internacionais que garantem a integridade e inviolabilidade da aeronave.

Em poucos minutos o senhor Stuart foi localizado e o comandante



o convidou para vir a bordo, juntamente com o chefe de polícia.

Ao pé da escada do avião o senhor Stuart pediu ao chefe de polícia que o aguardasse ali. Ele preferia subir sozinho para evitar qualquer ato de violência.

O comandante e eu estávamos na porta da aeronave.

- Senhor Maia, o perigo é concreto. Caso o senhor tenha os comprovantes de pagamento das despesas do hotel eu consigo contornar a situação, disse o senhor Stuart.

Apresentei os documentos e mais uma vez o senhor Stuart se despediu me desejando boa sorte.

- Espero que tenha boa sorte senhor Stuart, no convencimento do chefe de polícia. A minha sorte depende da sua habilidade.

Ao pé da escada o senhor Stuart apresentou os documentos ao chefe de polícia. Sentindo que não teria força para evitar a decolagem, vi quando ele fez um gesto de concordância.

O senhor Stuart fez um gesto de “positivo” com a mão. Fechamos a porta do avião e pouco depois estávamos voando.

Passar um ou dois dias em Paris é sempre um prazer inusitado. Desta vez, porém, voar rumo a Paris tinha outro significado. Era voar rumo à liberdade, rumo à vida.

Durante o jantar a bordo (somente nesse momento me lembrei que não havia almoçado) tomei um vinho francês de ótima safra e dormi o sono dos justos. O cansaço e as tensões do dia foram mais fortes. Acordei na chegada ao aeroporto Charles de Gaulle.

Mesmo com o pequeno atraso na partida chegamos a Paris por

volta das onze horas da noite, horário local. A uma hora da madrugada já estava devidamente acomodado num pequeno hotel, no Quartier Latim, onde sempre fico quando vou por lá.

Creio que nessa noite eu não dormi. Eu flutuei. Acordei pelas nove horas, descansado e feliz por estar ali, iniciei meus trabalhos. Tinha que fazer um relatório e dar alguns telefonemas.

Primeiramente liguei para o senhor Nicholas Zaimer, para comentar com ele o desenrolar dos acontecimentos.

- Senhor Maia, não sei se fico triste pelo projeto ou alegre pelo seu retorno. De toda forma eu fico muito triste pela morte do senhor Makeba. O que sinto, como africano que sou, é que mais uma vez perdemos o bonde da história, graças a meia dúzia de elementos sem escrúpulos. Parece que os africanos estão fadados a ser um povo subdesenvolvido para sempre.

- Não senhor Nicholas. Não existe povo subdesenvolvido. O que de fato existe são governantes subdesenvolvidos, que colocam os interesses pessoais a frente dos interesses coletivos.

Eu quero acreditar que outros Jonathans virão por ai. A semente plantada pelo senhor Makeba não será em vão.

Venha para o jantar. Então conversaremos melhor.

- Ok. Vamos fazer melhor, vamos ao restaurante de um amigo meu. Passo ai no hotel às oito da noite. Lembra do amigo que lhe falei, o senhor Mbeng? Aquele que apresentei ao senhor Makeba? Pois é, caso queira podemos ir lá.

Tão logo encerrei a conversa com o senhor Nicholas, liguei para a Fertilizers, em Nova York.



- Srta Kate? Altair Maia falando de Paris.

- Senhor Maia! Que bom ouvi-lo. Está tudo bem com o senhor?

- Comigo tudo ótimo Srta Kate. As informações do projeto é que não são muito boas.

- O senhor Cunningham está ansioso pelo seu retorno. Um minutinho, por favor. Ele pediu que transferisse a ligação, assim que o senhor ligasse.

A conversa com o senhor Cunningham foi bastante demorada. Ao ser informado da morte do senhor Jonathan, “ouvi” um longo silêncio do outro lado da linha. Todos nós, envolvidos nessa história, já havíamos imaginado essa possibilidade, porém a constatação da morte do senhor Jonathan deixava a todos boquiabertos.

- Estou preparando um relatório com tudo isso, senhor. Com todas as informações sobre os personagens, sobre o que pensam do projeto, a política do país e tudo mais. Amanhã pela manhã esse relatório estará em sua máquina.

Desliguei o telefone triste por ter sido o mensageiro de uma notícia como aquela. Com certeza, se tivesse trazido notícias da falência do projeto de fosfato no Burkina, mas que o senhor Jonathan estivesse vivo, talvez não tivesse abalado tanto o senhor Cunningham. Teria sido apenas um negócio perdido, não uma liderança perdida, numa região tão desprovida de líderes.



Um líder africano nas ruas de Paris

Às oito horas, pontualmente, eu estava no saguão do hotel aguardando pelo senhor Nicholas, que não tardou em aparecer.

- Vamos ao restaurante do meu amigo Pierre Mbeng. Você vai conhecer um verdadeiro guerreiro africano. É perto daqui.

Eles eram amigos de longa data. Conheceram-se durante a faculdade, e tinham algo em comum; ambos eram refugiados da guerra do Cameroun.

O restaurante era pequeno e o movimento intenso, mas o senhor Nicholas havia reservado uma mesa a partir das nove horas da noite. A reserva significava algo mais ou menos assim: - Arranje uma mesa para o senhor Nicholas!

A especialidade da casa eram os assados. Sugeri ao senhor Nicholas que indicasse os pratos, pois ele conhecia a casa. Aproveitando o embalo o senhor Nicholas escolheu também o vinho. Um bom vinho por sinal. Casou perfeitamente com o assado.

O jantar e a conversa sobre negócios, fosfato, Burkina e, obviamente, a vida do senhor Jonathan, foi longa. Bem ao estilo europeu; slow food.

Já passava da meia noite quando o dono do restaurante veio se sentar conosco. Era mais jovem que o senhor Nicholas. Aparentava uns cinquenta anos. Era negro e alto.



O senhor Nicholas havia me contado que ele era um ativista pro - direito dos negros repatriados a França, quando da independência das colônias francesas na África. A tentativa do governo francês de “escamotear” os negros, ou os “franceses pés pretos” como dizem, encontrou no senhor Mbeng uma dura resistência. Mesmo os franceses brancos, nascidos na África, são chamados de “pés pretos”

Por essa e outras credenciais, quando da estada do senhor Jonathan em Paris, Nicholas resolvera levá-lo para conhecer o restaurante e, principalmente, conhecer o senhor Pierre Mbeng. Nesse dia a conversa entre um líder africano nato e um ativista pro - africanos na Europa, fora longa.

- Nicholas, meu caro. Quanto prazer recebê-lo em minha humilde casa! Parece que seu vinho já está no fim. A próxima garrafa é por conta da casa.

Jean-Pierre Mbeng. Esse era seu nome completo, mas gostava de ser chamado pelo seu nome africano: Mbeng.

- Mbeng, meu amigo. Você sabe que o prazer é todo meu. Deixe-me te apresentar o senhor Maia. Ele é brasileiro, mas está retornando de uma viagem ao Burkina. Foi ver de perto o projeto do fosfato.

- Senhor Maia, nossa casa é sua, mas me diga como está o Burkina? E esse projeto, quando começa? E o senhor Jonathan? Gostei dele! Se tivéssemos homens assim na África, cinquenta ou sessenta anos atrás, a história africana seria diferente!

- Senhor Mbeng; não sou portador de boas notícias.

O senhor Nicholas, falando em francês, contou em detalhes todo o desenrolar da história. O desespero, a angústia e o desamparo estavam estampados no rosto do senhor Mbeng. A cada lance da história da



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

morte do senhor Jonathan me parecia que o senhor Mbeng diminuía em sua cadeira. Nesse exato momento, mais uma vez, me lembrei das palavras do poeta John Donne:

“A morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou parte da humanidade; e por isso, nunca procure saber por quem os sinos dobram, eles dobram por ti”.

Nunca esse pensamento havia me tocado tão forte. Certamente que poderia questionar “quanto cada homem diminui, quando morre um semelhante?”.

Mas não era necessário. A resposta estava ali, na minha frente. O senhor Pierre Mbeng “diminuía” tudo que era possível a um homem diminuir.

Certamente a morte do senhor Jonathan diminuía nele muito mais do que a cota pela morte de um homem qualquer, como imaginara o poeta.

O dobrar dos sinos, pela morte do senhor Jonathan, talvez dobrassem nele o próprio sentido da morte, tão profunda era a angústia demonstrada em seu rosto. Um líder forjado nas ruas; homem de tantas lutas; que liderava multidões de negros pelas ruas de Paris, desafiando o poder constituído, chorou como uma criança.



O injusto sono dos justos

Retornei ao hotel já bem tarde da noite. Meu desejo era dormir. Simplesmente dormir. Aquele encontro com o senhor Mbeng, e sua reação pela morte do senhor Jonathan mexera comigo. Duas pessoas tão distantes e tão próximas, ao mesmo tempo.

Não poderia dormir, ainda. Havia prometido terminar o relatório e enviá-lo ao senhor Cunningham. Preferi trabalhar um pouco e poder dormir mais tranquilo.

Abri meu computador para terminar o relatório da viagem, que já estava quase todo pronto. Em pouco tempo concluí o texto que poria fim ao projeto de fosfato na Burkina Faso. Pelo menos por enquanto, até que se esclarecessem a morte do senhor Jonathan e como se deu a transferência de suas ações para o senhor Frederic. Quem sabe as ações da BSM-Fertilizers poderiam voltar para as mãos da senhora Makeba.? Fiz uma ligeira revisão e despachei o e-mail para o senhor Cunningham, com cópia para o senhor Sallinger.

Enviei também outros e-mails; para o senhor Boubacar, informando o acontecido e agradecendo pelo contato do senhor Koko Gueye. Outro e-mail foi ao próprio senhor Koko, no qual agradecia a colaboração e solicitava que entrasse em contato com o senhor John Stuart, da embaixada americana. Ele estava disposto a ajudar no que fosse possível. Por fim enviei o último e-mail do dia (ou da noite) ao meu filho, informando que o projeto Burkina ficaria suspenso por algum tempo.



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

Era tudo. Os dois últimos dias haviam sido por demais exaustivos, em todos os sentidos. O cansaço batera a porta. Eu já estava quase à exaustão. Era hora de dormir. Dormir pelo menos umas dez horas. Os maus bocados dos últimos dois dias haviam deixado meus nervos em frangalhos.

O corpo tem suas próprias limitações, porém a mente as desconhece. Não raro somos obrigados a ir além, muito além de nossas forças físicas. Quando o corpo dá todos os sinais de exaustão e a mente ordena “vá em frente”, novas forças surgem e nos dão o sustentáculo necessário para prosseguir.

Ao guardar o computador percebi o envelope que o senhor Koko me entregara quando nos despedimos.

Instintivamente abri o envelope, retirei um calhamaço de umas trinta ou quarenta folhas, e li a primeira linha.

Meu nome é Jonathan Makeba e eu quero lhe contar a minha história. Se você está lendo este texto certamente é porque eu já não estou no mundo dos vivos.

Era impossível parar de ler. Uma mensagem do senhor Jonathan Makeba. Finalmente eu teria a oportunidade de “falar” diretamente com ele. Um arrepio me percorreu o corpo.

Não o conhecera em vida, mas estava ali, em minhas mãos, um legado do senhor Makeba que me permitiria conhecer sua história.

Nasci em Dori, na região mais pobre do Burkina, quando ainda se chamava Alto Volta. Desde cedo, por influência de meu avô paterno, que era descendente de holandeses, aprendi a ler e a escrever o francês e as línguas nativas locais. Aprendi também o holandês e o inglês, tornando-me um autodidata.



A pobreza dessa região sempre me chocou.

Através dos livros descobri que havia outras formas de vida perfeitamente possíveis para aquela região e para toda a África. Aprofundei meus estudos nesse sentido, buscando sempre no elemento terra o que faltava no elemento vida...

Por duas páginas o senhor Makeba descrevia sua infância, sua percepção da pobreza e seu pensamento fixo de tirar seu povo daquela miséria quase que absoluta.

A partir da terceira página, porém, já não era mais sobre sua vida. Era o seu pensamento sobre o modelo de desenvolvimento dos países do continente. Tive a sensação de que ele escrevera aquele testemunho para mim. Era como se me falasse diretamente sobre as formas e os modelos para o desenvolvimento do Continente Africano:

O título era bem sugestivo: 53 nações; uma meta, um povo, dizia ele.

Ao longo de quase trinta folhas o senhor Jonathan perfilava um conjunto de ideias sobre vários países africanos, seus problemas e soluções.

O modelo de desenvolvimento preconizado pelo senhor Jonathan poderia ser resumido numa palavra: Parceria.

“Toda e qualquer ajuda; investimento e/ou até mesmo doações, teriam que ter uma parceria; uma contra-partida pelo lado africano. A África queria e quer participar do mundo globalizado. Ela quer participar da corrida global. Não importa se chegar em último lugar. O que importa é participar”.

A ideia principal era montar “joint-ventures” entre empresas de excelência em todo o mundo, com empresas africanas, buscando sempre



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

agregar valor aos recursos naturais da África para colocá-los, de forma competitiva, nos mercados mundiais. O nível de agregação de valor iria depender dos parceiros envolvidos, dos recursos naturais a serem explorados e dos mercados a serem atingidos.

Um capítulo especial me chamou a atenção. “Como atrair e selecionar empresas multinacionais.” Nesse capítulo o senhor Makeba elencava uma série de mecanismos econômicos capazes de tornar atrativos não só os recursos naturais em si, mas também e principalmente, mecanismos destinados a promover o processamento no local de extração. Certamente que a Fertilizers Inc. havia passado por esse crivo.

“Onde houver, em todo o território africano, algum recurso que possa ser transformado, devemos procurar empresas de excelência, para a formação de uma parceria para sua exploração racional, com geração de empregos e riqueza locais”.

Guardei aquele material com carinho. Mais tarde eu poderia compilar tudo aquilo e transformar num compêndio sobre as alternativas para o desenvolvimento dos países africanos. Seria a oportunidade de “dar voz” ao pensamento econômico do senhor Makeba sobre a terra em que nascera.

O pensamento vivo do senhor Jonathan Makeba.

Alternativas para o desenvolvimento africano.

Já raiava o dia quando terminei a leitura. Pela janela via Paris, cinzenta como sempre.

Mais uma noite mal dormida.



Uma reação inesperada

Já passava das dez horas da manhã, quando fui acordado pelo toque do telefone. Atendi ainda sentindo os efeitos de três garrafas de vinho.

- Bom dia senhor Maia, é o Nicholas. Desculpe se o acordei.

- Bom dia Nicholas. Eu já estava acordado. Mas diga lá.

- Agora pela manhã me ligou o senhor Mbeng. Ele está muito revoltado com a morte do senhor Makeba. Está reunindo seu “batalhão de choque”, para uma manifestação em frente à embaixada do Burkina. Ele quer cobrar explicações do governo sobre o desaparecimento do senhor Jonathan Makeba. Essa morte não ficara impune. O senhor Mbeng tem muita penetração na mídia e vai fazer muito barulho. Ele está marcando essa manifestação para amanhã de manhã.

Levantei de um salto. Precisava avisar o senhor Koko Gueye.

Em Burkina eles conseguiram abafar a morte do senhor Jonathan, mas uma manifestação como aquela, em frente à embaixada do Burkina, colocaria a morte do senhor Makeba em evidência e isso certamente colocaria o senhor Koko e a Sra. Michelle num perigo iminente.

Revirei a papelada sobre a mesa para encontrar as anotações do telefone e e-mail do senhor Koko Gueye.

- Senhor Koko? Aqui é Altair Maia; tudo bem com o senhor?



Onde está Jonathan Makeba?

Altair Maia

- Tudo ótimo senhor Maia! Acabo de ler seu e-mail. Já telefonei para o senhor John Stuart. Marcamos uma reunião para amanhã.

- Não senhor Koko. Essa reunião tem que ser hoje, se possível agora pela manhã. Ainda está cedo aí no Burkina. No e-mail que lhe enviei falei a respeito do senhor Pierre Mbeng, que conheceu o senhor Jonathan aqui em Paris.

Contei ao senhor Koko tudo que acontecera na noite anterior e que ele deveria procurar a ajuda do senhor Stuart imediatamente

Tão logo terminei o telefonema com o senhor Koko, liguei de imediato para o senhor Stuart.

- Bom dia senhor Maia! Como foi a viagem, tranquila?

- Sim, senhor Stuart. A viagem foi muito tranquila. Porém, aqui em Paris...

Após a narrativa de todo o acontecido, o senhor Stuart concordou plenamente que o senhor Koko correria sério risco após aquela manifestação.

- Fique tranquilo senhor Maia. Vou receber o senhor Koko aqui na embaixada e veremos o que se pode fazer. Tanto por ele quanto pela senhora Makeba. Ele me informou que teria um lugar para ocultar a senhora Makeba, caso conseguisse retirá-la do hospício. Vamos providenciar isso!

Telefonei de volta ao senhor Nicholas, informando que já havia avisado o senhor Koko e o senhor Stuart, em Ouagadougou.

- Ok, senhor Maia. Hoje à tarde o senhor Mbeng estará se reunindo com seu pelotão de choque, para preparar a manifestação de amanhã. Perguntou se o senhor ainda estava em Paris e se poderia



participar dessa reunião. Como sei que seu voo é somente amanhã pela manhã, tomei a liberdade de confirmar sua presença.

- Tudo bem senhor Nicholas; sem nenhum problema. Terei o maior prazer em participar dessa reunião.

Adeus minha tarde livre para perambular pelas ruas de Paris!

Pelas cinco horas da tarde chegamos a um galpão nos arredores de Paris. Havia diversas mesas e umas trinta pessoas trabalhando. Ali era o “bunker” do senhor Mbeng. Preparavam faixas e cartazes que diziam; Onde está Jonathan Makeba? Mataram Makeba! Queremos Jonathan Makeba!

Enquanto isso outro grupo estava pendurado aos telefones, contatando o maior número possível de pessoas ligadas ao senhor Mbeng.

Pouco tempo depois, com faixas e cartazes prontos, o senhor Mbeng interrompeu os trabalhos para definirem a estratégia do dia seguinte. Nesse momento ele me apresentou ao grupo, como “o homem que veio do Burkina” e, conseqüentemente, o porta-voz de tão desagradável notícia.

Estavam calculando que conseguiriam levar cerca de quatrocentas a quinhentas pessoas para a manifestação. Se conseguissem acionar estudantes haveria mais de mil pessoas naquela passeata. A estratégia era chegar antes do início do expediente. Iriam impedir que o senhor embaixador entrasse na embaixada. Toda imprensa ali reunida e o senhor embaixador no meio da rua, tendo que dar explicações sobre o desaparecimento do senhor Makeba.

Se houvesse confusão com a polícia eles estavam preparados. No pelotão de choque do senhor Mbeng o mais fraquinho dava dois de



mim.

“É incrível como determinados locais e/ou situações têm a capacidade de nos transportar no tempo. Eu ali, no meio de umas trinta pessoas que conhecera naquele momento, participando dos preparativos para uma passeata em defesa de uma pessoa que a grande maioria não conhecera. Aquele momento e aquela situação, me remeteram ao tempo das passeatas contra o regime militar que se instalara no Brasil. O idealismo era o mesmo. A única coisa que separava uma situação da outra era a tênue cortina do tempo”.

Tudo pronto. Tudo preparado. Era hora de ir embora, mas aquela conversa não poderia ser interrompida ali. Havia africanos de diversos países. Francófonos ou não francófonos. Era grande a troca de informações. Eu quase me tornei o porta-voz das ideias do senhor Makeba. Cada um deles apresentando os problemas inerentes a seus países e querendo saber “que solução o senhor Makeba daria para cada um daqueles problemas”.

Terminamos a noite no restaurante do senhor Mbeng. Desta vez, porém, nossa mesa não era tão pequena. Pelo menos metade daquele grupo estava presente e o vinho rolou solto até a virada da meia noite.

Se você chegou até aqui, é porque gostou dessa trama ambientada no coração da África.

E se gostou, envie esse e-book para seus amigos. É gratuito!

Mas se você gostou mesmo, porque não comprar o livro? Pode ser pra você ou para presentear alguém!

Há quanto tempo você não dá um presente para seus amigos?

**CUSTA APENAS R\$ 30,00
(JÁ INCLUSO O PORTE DO CORREIO)**

Comprando 2 livros, o segundo sai por R\$ 25,00

Comprando 3 livros, o terceiro sai por R\$ 20,00

Posso enviar diretamente daqui, basta indicar os nomes e endereços.

Mande-me um e-mail.
altair2001@yahoo.com

Temos distribuidores para os Estados Unidos e Portugal.

**Agora termine sua leitura.
Faltam somente dois capítulos!**



Despedindo de Paris

No dia seguinte, pela manhã, o senhor Nicholas havia ido até o hotel para me levar ao aeroporto. Agradei a gentileza dizendo que pegaria um táxi. Mas ele insistiu, dizendo que nada tinha a fazer naquela manhã. Tomamos o café da manhã analisando as consequências daquela passeata que começaria daí a poucas horas.

- Temos boas notícias, disse ele. O senhor Mbeng me ligou informando que os estudantes africanos estarão em peso na passeata. Esse movimento deve reunir de duas a três mil pessoas em frente à embaixada.

O barulho será grande!

No início da passeata o senhor Mbeng ira protocolar na embaixada do Burkina um documento onde relata que soubera da morte do senhor Jonathan Makeba em circunstâncias misteriosas, e questiona o governo do Burkina a dar explicações sobre o paradeiro do senhor Makeba.

Tão logo tenha início o movimento em frente à embaixada do Burkina, cópia desse documento será distribuída a toda a mídia ali presente para dar força ao questionamento:

Onde está Jonathan Makeba?

O senhor Nicholas acredita que depois daquela manifestação as autoridades francesas irão querer saber quem é o senhor Jonathan Makeba e o que aconteceu com ele. Devera haver muita pressão social e política, através da imprensa e por via diplomática.



Pelas dez horas da manhã já estávamos chegando ao aeroporto de Orly. Agradei ao senhor Nicholas pela carona e me dirigi ao guichê da companhia aérea, com mais de três horas de antecedência.

O trâmite burocrático para embarque demorou quase uma hora. Após esse contratempo e devidamente acomodado em uma poltrona, a espera da chamada do meu voo para Nova York, assisti pela televisão, ao vivo, a confusão em frente a embaixada e a polícia tentando proteger a embaixada do Burkina.

La estava o senhor Pierre Mbeng e sua turma querendo saber:

- Onde está Jonathan Makeba?



Final

*A essência do ponto e do contraponto
Não está no branco e no preto;
No cheio e no vazio;
No verso e no anverso.
Ou no positivo e no negativo.*

*Está muito além do que podemos ver,
Sentir ou perceber.
Está no contraponto do ponto,
Do toque do dedo de Deus.*

O movimento iniciado pelo senhor Mbeng em frente a embaixada do Burkina Faso em Paris reuniu mais de duas mil pessoas e teve muita repercussão na imprensa. Esse fato poderá mudar todos os rumos dessa história. Questionar o governo do Burkina pelo desaparecimento do senhor Jonathan Makeba teria repercussão direta em toda a estrutura de poder existente até então.

A Europa e os Estados Unidos estão dando claros sinais de que o período das grandes ditaduras está chegando ao fim. Os tempos são outros; a velocidade da informação é outra. Nenhum fato fica restrito ao local de seu acontecimento. Nenhum crime fica totalmente acobertado.

A pergunta está no ar: Onde está Jonathan Makeba?

Certamente que o Burkina Faso e o Níger continuarão pobres e esquecidos naquele final de mundo.



No Sahel, sem os insumos necessários ao desenvolvimento de sua agricultura, milhares de pessoas continuarão morrendo de fome sobre um lençol de fertilizantes que poderia livrá-las daquele destino.

Porém, todos nós que tivemos conhecimento da verdadeira história e do pensamento do senhor Jonathan Swift Makeba, saímos egoisticamente enriquecidos por sabermos que a África tem alternativas econômicas para solucionar seus graves problemas sociais. Tudo depende de boa vontade política e de homens como o senhor Jonathan Makeba, para promover as reformas necessárias.

É bom não esquecer que as sementes da liberdade e da igualdade econômica, na disputa por mercados, plantadas pelo senhor Makeba no meio universitário haverão de frutificar e o Continente Africano estará cada vez mais presente no mercado global.

Quanto a mim, continuo nas minhas andanças e acreditando nas potencialidades da África como parte do mercado globalizado; acreditando na sociedade africana como capaz de encontrar seus próprios caminhos e acreditando, também, no Ocidente e no Oriente como parceiros da África e não apenas como exploradores da África.

Minha próxima viagem já está marcada. Vou a Gana, Serra Leoa e a Guiné Bissau, verificar as condições para instalação de uma indústria de pescado.



Quanto ao senhor Jonathan Swift Makeba;

- Acredita-se que seu corpo esteja sepultado sob um imenso Baobá. Se lá estiver, não poderia estar em melhor lugar, pois o Baobá é a árvore da vida e a árvore símbolo da África.
- Seu pensamento vive e haverá de influenciar cada jovem e cada político dessa nova geração africana, na busca da ética e dos princípios que possam tirar a África dessa pobreza e miséria permanentes.
- Os jovens universitários, africanos e não africanos, que tiveram a oportunidade de ver e ouvir o senhor Jonathan Makeba, não esquecerão jamais as lições emanadas por um homem com a visão dos grandes estadistas, porém com os pés no chão. No chão africano.
- Sua alma, confirmando a lenda africana, certamente habita cada um dos Baobás existentes nesse vasto continente africano.



O autor

Altair de Sousa Maia é economista pela Universidade de Brasília/Brasil, com especialização em Comércio Exterior.

✓Por uma década trabalhou no Ministério das Relações Exteriores e no Ministério da Indústria e do Comércio em Brasília/DF.

✓Como professor lecionou na Universidade Católica de Brasília, na Uneb, e na Escola de Administração Fazendária do Ministério da Fazenda.

✓Como profissional liberal e consultor, elaborou projetos os mais diversos, sempre ligados à importação e exportação. Participou de feiras e missões comerciais em diversos países principalmente na Europa e nas Américas.

Hoje se dedica à consultoria internacional, especialmente em assuntos africanos, e a proferir palestras em universidades e entidades no Brasil e no exterior.

E-mail: altair2001@yahoo.com

Obras publicadas e a publicar

Enquanto no Ministério das Relações Exteriores publicou, em parceria com colegas.

✓500 produtos brasileiros com potencial de exportação.

Esse estudo visava identificar e incentivar empresas com potencial exportador.

✓Manual de Exportação para Micro e Pequenas Empresas.

Como o próprio nome diz, trata-se de uma obra destinada a “abrir” as portas do Comércio Internacional para as Micro e Pequenas empresas, e a familiarizar os empresários com os termos do comércio internacional.

✓Baobá. Cenas e fatos d’África.

Uma coletânea de textos narrando fatos e cenas do cotidiano de diversos países africanos, em viagens realizadas ao longo de mais de dez anos.

✓África, um negócio da China. (Em fase final de elaboração).

O mercado africano, com suas vastas potencialidades, está sendo devagar e paulatinamente conquistado pela China.

Enquanto isso, nós brasileiros, irmãos de sangue de quase todos os países africanos, ficamos aqui, do lado de cá do Atlântico, assistindo.

E-mail: altair2001@yahoo.com